

O anteprojecto de Almeida Santos para uma nova Lei de Imprensa

Desnecessário e repressivo?

pág. 9

*Primeiros contactos com Governo de Lisboa
foram considerados satisfatórios*

Portugal “abre-se” ao capital espanhol

...e cede a Madrid posições em Angola

Portugal vai «abrir-se» por completo aos espanhóis, que se preparam, neste momento, para uma grande ofensiva no mercado português, depois de lhe terem sido oferecidas condições altamente vantajosas pelo Primeiro-Ministro, Mário Soares.

Uma delegação de altíssimo nível da vida económica espanhola — os presidentes dos Bancos

Central, Bilbao e Hispano-Americano, e os principais responsáveis das empresas «Corte Inglés», «Iberduero», «Seda de Barcelona» e «Técnicas Reunidas» — esteve há dias em Lisboa, onde se deslocou expressamente para se encontrar com Mário Soares.

Continua na pág. 2



Costa Brás, esta manhã, em S. Bento: já temos «Alta-Autoridade»

*Empossada Alta-Autoridade
contra a Corrupção*

O meu Governo não pactuará com a fraude

— promete Soares

pág. 24

*Confirmado pelo
Banco de Portugal*

**1600
milhões
de contos**
— dívida portuguesa
em Junho

pág. 24

Luanda reviu posição

Petrogal mantém participação em novo consórcio em Angola

pág. 24

Hoje**LER
ESCREVER****QUANDO DO APARECIMENT
“Há três pú
-Pessoa ao “DI**

Lançar uma revista de arte num meio scanhado como o
artísticas fazem por falta de auxílio do público, é já por si, di
edição do «Diário de Lisboa» de 3 de Novembro de 1924. De
Contexto agora nos oferece em edição «facilitada».

T RANSCREVEMOS
para já, no entanto,
a entrevista que
Fernando Pessoa
naquela data, con
cedeu ao «DL».

Assim:
Fernando Pessoa, artista ori
ginal e interessante que rapida
mente se distinguiu dentre a
multidão de escritores da sua ge
ração, acaba de lançar, ur
Vai, outro artista de valor, ur
nova revista de arte. Quer
ouvir-lo sobre a sua interesse
inicial.

A que veio a «Athena»
— Da ao público portu
quanto possível, a
revista puramente de ar
é, nem de ocasião, e
como o «Orfeu», nem q
para decoração, como
«Contemporânea».



Soldados libaneses e voluntários da Cruz Vermelha procuram vítimas entre as ruínas provocadas por mais um atentado da Jihad Islâmica, ontem, em Beirute, contra um posto francês. O primeiro balanço aponta para 14 mortos libaneses e um francês.

*Novo atentado
da Jihad
Islâmica
Camião
armadilhado
contra
posto
francês
em
Beirute:
15 mortos*

Págs. centrais

Soares "abre-se" a Espanha e deixa perder mercado angolano

Continuação da pág. 1

No regresso, os espanhóis não escondiam a sua satisfação: encontraram total abertura para grandes operações no mercado português, sendo de admitir, como muito provável que, em breve, três bancos espanhóis (Central, Bilbao e Banco Exterior de Espanha) abram delegações em Portugal. Mário Soares foi ao ponto de admitir a hipótese de baixar em 1/3 o capital social mínimo necessário para a abertura de delegações ou sucursais de banca estrangeira no nosso país, pois os espanhóis consideraram que o montante exigido — 2 e 3 milhões de contos, respectivamente — era demasiado alto, quando comparado com o que se passa com outros países. Tudo depende agora do ministro das Finanças...

Outro ponto importante neste encontro do «poder real» es-

panhol (conforme o classificou uma individualidade por nós contactada e que se mostra apreensiva com esta abertura aos espanhóis, que considera «escandalosa») com o Primeiro-Ministro português, refere-se às pirites alentejanas:

O Banco Central espanhol (privado), com fortes tradições no campo mineiro, mostrou todo o interesse em colocar a sua experiência e conhecimentos em projectos de aproveitamento das pirites alentejanas. Da parte portuguesa, houve, igualmente, toda a abertura nesse sentido e, de acordo com observadores, em breve esses planos se irão concretizar na prática. «É preciso ter em atenção que esta delegação que esteve em Portugal era composta por homens práticos e profissionais. E vieram cá a pe-

dido de Filipe Gonzalez, na sequência das conversas que este teve com Mário Soares na recente Cimeira Ibérica.»

O «Corte Inglês», principal distribuidora de produtos em Espanha com base nos bem conhecidos superarmazéns, irá entrar também em Portugal. Para já foi decidido que o «Corte Inglês» enviará a Portugal, dentro de dois a três meses, uma missão que se encarregará dos primeiros contactos para a realização de uma semana portuguesa em Madrid. Depois outras iniciativas se seguirão.

Entretanto, os espanhóis não param. Como revela o nosso correspondente em Madrid, os espanhóis estão a desenvolver uma forte actividade diplomática e comercial em Angola, onde esperam obter

grandes resultados... em desfavor de Portugal. O nosso país, mercê da política absolutamente inábil que tem vindo a seguir, corre o risco de perder por completo o mercado angolano. O apoio à Unita por parte de gente ligada ao PS, a política dubia seguida pelo Governo português face às actividades dos movimentos anti-angolares no nosso país, fazem com que o governo de Luanda leve à prática as ameaças já feitas de exercer represálias.

Esta semana, a empresa Manuel Gonçalves foi já informada do cancelamento de contratos que tinham para Angola, o mesmo acontecendo igualmente com outras empresas portuguesas. E a lista vai continuar, perante a passividade — que alguns consideram criminosa — do Governo português.

Conselho Hispânico-Português

Ofensiva empresarial espanhola encarada friamente pela CIP

MADRID, 22 (Do nosso correspondente, Fernando Jauregui) — Os primeiros contactos da reunião do Conselho Hispano-Português, iniciada ontem, nesta cidade, não apremem — a acreditar nos primeiros comentários dos meios diplomáticos espanhóis — sugerir resultados apreciáveis. Jaime Gama mostrou-se ontem, perante a TVE, prudentemente optimista, mas não foi muito além disso.

Simultaneamente, um significativo silêncio rodeou a reunião, na véspera, de um importante grupo de banqueiros e empresários espanhóis com Mário Soares. Os presidentes de três dos «sete grandes» da Banca espanhola, Alfonso Escamez (Banco Central), Alejandro Albert (Hispano) e Sanchez Asiain (Bilbao), encontraram-se com o Primeiro-Ministro português, juntamente com o director-geral do «Corte Inglês», a maior cadeia de grandes armazéns de Espanha, o presidente do Iberdouro, Manuel de Mablos (o que sugere ter-se falado também das centrais nucleares), o conselheiro delegado da «Seda de Barcelona», Lourenço Gascon (debate forçoso do espinhoso tema da exportação de têxteis para Espanha) e o presidente de «Técnicas Reunidas», José Llado.

Há muito que não se juntava uma tão importante delegação do mundo económico espanhol e, laém disso, não há precedentes de um tal encontro entre os referidos empresários e banqueiros com um primeiro-ministro de outro país.

Apesar da imprensa espanhola não ter dado assinalado relevo ao encontro — apenas o correspondente da Rádio Nacional de Espanha em Lisboa, Ramon Font, teve a perspetiva de intuir a sua importância — meios empresariais de Madrid admitem que poderá prespectivar-se uma «ofensiva económica» espanhola relativamente a Portugal.

África também?

Não são dados, porém, mais pormenores. Os meios bancários contactados recusam admitir que se vá falar da instalação «imediata»

de sucursais da Banca espanhola em Lisboa e noutras cidades portuguesas; e «Corte Inglês» não confirma a instalação, para já, de armazéns seus em Portugal; e foram rejeitadas todas as respeculações quanto à abordagem das pirites alentejanas no encontro com Soares, e quanto à aceitação, pelo Primeiro-Ministro português de maiores facilidades para a instalação da Banca espanhola.

Por outro lado, fontes próximas desses meios empresariais sublinharam o «difícil clima» existente com a CIP portuguesa, que teria fortes receios perante qualquer aproximação comercial a nível das autoridades dos dois países ibéricos.

A prova de que tais receios existem, e em alto grau, depreende-se da ausência de qualquer contacto do representante dos empresários portugueses com os seus homólogos espanhóis. Por outro lado, não esteve em Lisboa qualquer membro oficial da «patronal» espanhola, CEDE, equivalente à CIP (Confederação da Indústria Portuguesa).

Todavia, para além do silêncio e da aparente frieza que envolve esta reunião do Conselho Hispânico-Português, existe um indiscutível interesse espanhol pelo mercado português e, também, pelo que poderia representar — via Lisboa — a África lusófona. Falou-se, e não poucas vezes, em Madrid, do papel desempenhado pelo membro da direcção executiva do PSOE, Enrique Mujica, como «embaixador extraordinário e extra-oficial» do Governo espanhol junto de alguns desses países.

Mujica, de origem judaica, um dos autores da «aproximação» a Israel — que ainda não culminou no estabelecimento de relações completas — estaria a jogar um papel saliente junto dos Governos de Moçambique e Angola. O facto foi sugerido em meios jornalísticos bem informados, ainda que na direcção do PSOE se afirme o «desconhecimento total do assunto».

Com a presença de Jaime Gama

Termina esta tarde em Madrid Conselho Hispano-Lusitano

O Conselho Hispano-Lusitano, que ontem se iniciou em Madrid sob a presidência dos ministros de Negócios Estrangeiros de Portugal e Espanha, termina esta tarde, não se esperando grandes novidades no comunicado final a sair da reunião.

Na sessão de trabalhos de ontem as duas delegações começaram por analisar as relações bilaterais no seguimento das bases estabelecidas na cimeira luso-espanhola de Lisboa, em Novembro.

Além do tema da Pesca (que não conheceu grandes desenvolvimentos), foram abordadas questões relativas à cooperação económica e comercial, devendo este ser debatido mais amplamente numa comissão que reunirá a partir de 12 de Janeiro, para negociar um plano intercalar até à entrada dos dois países na CEE. Esse plano substituirá a segunda fase do «Anexo P», embora baseado nas normas que este estabelece.

O Conselho Hispano-Lusitano estudou a questão da projectada construção de pontes sobre o rio Minho, entre Valença e Tuy, e sobre o Guadiana, entre Vila Real de Santo António e Ayamonte, cujo início de construção está previsto para 1985.

A abertura permanente das fronteiras Caia-Badajoz, Vilar Formoso-Fuentes de Oñoro e Valência-Tuy, já decidida pela comissão mista de alfândegas, deve ter

sido ratificada nesta reunião.

O conselho ocupou-se ainda da aprovação do plano de actividades culturais, decidido por uma comissão mista no princípio de Dezembro.

A delegação portuguesa solicitou o início, urgente, das negociações da Convenção Consular. A última foi assinada em 1870 e praticamente já não é seguida.

Portugal também pretendeu negociar um acordo que beneficiaria e daria maiores garantias aos seus emigrantes em Espanha, mas as autoridades espanholas não revelaram grande interesse, alegando que primeiro deve ser aprovada pelo Congresso de deputados a Lei de Estrangeiros.

Da parte portuguesa, foram também solicitadas maiores facilidades para o transporte de bens de emigrantes, pelo território espanhol, campo em que ultimamente têm surgido alguns problemas.

Além das reuniões das duas delegações, os dois ministros de Negócios Estrangeiros tiveram ainda um encontro privado em que discutiram do ponto de vista político as questões bilaterais e alguns temas de âmbito internacional de interesse para ambos os países.

Antes do início do Conselho Hispano-Espanhol, Felipe Gonzáles recebeu Jaime Gama. A audiência assistiu o ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, Fernando Moran.



A. Flores de Andrade

Livre de Canto

HÁ quem se compraza em falar de instabilidade em Portugal. É bom que assim continue a ser, já que isso é sinal de liberdade de expressão. O 25 de Abril foi um grande safanão nas estruturas da sociedade portuguesa, estratificada na modorra do Estado Novo, e é perfeitamente natural que haja quem prefira a calma de um regime policial, sobretudo se se pertencia à classe dos privilegiados e não se sofria no pelo próprio, ou dos familiares mais chegados, o impacto das balas da guerra colonial. É certo que importuna os mais pautados a lenta aprendizagem da vivência democrática, que passa pela consciência da colectividade, da qual o nosso individualismo latino tende a afastar-nos. Mas isso não é coisa que se transforme de um dia para o outro e só nos resta esperar que a geração formada pelo 25 de Abril chegue ao poder, para darmos como definitivamente consolidado o processo de democratização do País. É só aguentarmos até lá os safanões de quaisquer sonhos ditatoriais.

Entretanto temos que ir gramando os ministros e os secre-

tários de Estado que não dizem coisa com coisa, as oposições que protestam sem mostrar alternativas concretas, as guerras do alecrim e da manjerona, e mesmo as campanhas presidenciais a três anos de vista. Como temos que aguentar firme que uma certa rapaziada vá empochando umas gorjas, que um ou outro ex-ministro explore agências de bons empregos e que sejam nomeados como gestores de empresas públicas cidadãos que só acreditam na iniciativa privada.

Tudo isto faz parte da aprendizagem, embora seja legítimo pedir que se vão vendo resultados do que se for semeando. O chão úbere, aliás, está aí: é o nosso povo. Quando se medita na agressividade e mesmo na criminalidade política que grassam por esse mundo fora e se compara tanta bomba e tanta morte com a paciência com que os portugueses, num regime de liberdade, enfrentam os sacrifícios que lhes são pedidos e nem sequer explicados, só nos ocorre pedir a quem for governando este País que não abuse desse inestimável capital de sensatez.

Corredor de fundos

Lia Viegas

TEMOS um ministro das Finanças. Falta-nos um ministro da Economia.

Pois. O que gere ele, onde é que ele mexe e remexe, o nosso ministro das Finanças? Nas nossas finanças, nas nossas bolsas, nos fundos dos nossos sacos. Tanto que os rompeu. Os ricos, desconfiadíssimos, mandam o dinheiro para fora, secretamente, confiando mais nos juros dos bancos estrangeiros, e confiando menos na nossa economia. Os outros, que não são ricos, não têm mais para dar. Nem pedir podem, que o crédito é caro e raro. É o rompimento da economia. Mas o rompimento da economia leva ao rompimento das finanças. Aqui, o Governo vem, mais uma vez, com um expediente. Pedir mais dinheiro emprestado, mesmo que seja a juro mais alto, como parece que é este novo empréstimo do Fundo Monetário Internacional. Mas as partidas, as contrapartidas, vão mais além. São económi-

cas: não crescer, não desenvolver, despedir, cercar as empresas públicas. Portanto, também políticas: empenhar a alma?

O nobel ministro das Finanças já expôs as suas ideias claras, claramente: quem não soube nadar que se afogue, selecção das empresas viáveis, isto é, boas nadadoras. Em que águas? Para nós, povo governamentalizado, as ideias que nos vêm à cabeça são escuras: fundo e mais Fundo. Confundo? Ai, os seus olhos brilhando mesmo sem óculos, o seu beicinho cúpidio, o fácil jogo de mãos a mostrarem-se-nos na televisão. Como as marcas televisivas de dificuldades sofridas na infância, quicá na adolescência, portador de uma austeridade arcaica, em contraste com a recente nutrição da pele, para onde nos quer levar este jovem tecnocrata? Para o fundo, para o Fundo? Corredor de fundo(s), adiantou-se ao Fundo ou corre-lhe atrás? Há quem diga que foi longe de mais. Eu também.



AOS CONDUTORES

"Abande a marcha ao avistar o sinal de trânsito 'Crianças', porque, de repente, pode surgir uma a atravessar a rua."



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

FOLHETIM ARTÍSTICO

Dois colóquios em Lisboa

José-Augusto França

O Serviço de Belas-Artes da Fundação Gulbenkian, em colaboração com a UNESCO e AICA, trouxe a Lisboa, na primeira semana de Dezembro um colóquio sobre a Situação da Arte na Sociedade Contemporânea; logo na semana seguinte, o serviço da presidência da Fundação, com colaboração do seu centro cultural de Paris, acolheu na sua sede o terceiro painel do colóquio sobre Inovação e Sociedade, organizado pela Académie Européenne em colaboração também com a UNESCO. No primeiro caso, de arte especificamente se tratou, no segundo, a arte esteve presente, como já estivera em painéis anteriores do mesmo colóquio genérico, tratados em Paris e em Bruxelas, como o quarto será abordado em Estocolmo, em 1984.

O colóquio FCG/UNESCO girou à volta de três comunicações sucessivamente apresentadas por P. Restany, R. Berger e o autor destes folhetins. Tratou o primeiro de «Função e Destino da Arte de Hoje», o segundo da «Obra de Arte no Museu e fora dele», o terceiro da «Circulação das Obras de Arte». Duas dúzias de especialistas, vindos de várias Europas, das Américas, do Japão e das Áfricas, discutiram as teses apresentadas, na presença de críticos (três dos quais participavam da mesa-redonda: F. Azevedo, F. Pernes e E. Lourenço), directores de museus, representantes de faculdades e escolas de belas-arts.

D. Haulica, actual presidente da AICA, o prof. G.C. Argan, seu presidente de honra, R.J. Moulin

pela França, J.M. Bonet pela Espanha, O.H. Moe pela Noruega, J. Kotlik pela Checoslováquia, R. Stanislawski pela Polónia, onde dirige o excelente e raro museu de Lodz, M. Cone pelos Estados Unidos, M. Barata pelo Brasil, B. Rodriguez pela Venezuela, S. Loras pela República Dominicana, Y. Tono pelo Japão, B.K. Selassie da Etiópia, A. Badiane do Senegal compuseram a mesa das discussões — que vivamente correram, a partir da comunicação polémica de Restany.

A função e o destino da arte, hoje em dia, para o homem do «nouveau réalisme» de 1959, estará numa totalização da criação, e na sua volta à «natureza essencial dos elementos», com exemplos de tratamentos mais ou menos ecológicos, avançados de Klein até J. Claus. Só assim, a arte não trairá o seu destino «perante a pobreza do mundo», vítima (occidental) da crise petrolífera. Não, nisso, a «arte pobre», simplesmente descomprometida; ainda menos a «paródia de criação» do pós-modernismo. Arte definida em «sistemas de comunicação não poluente e não coerciva entre seres humanos», foi a proposta de Restany. Rimbaud, com a poesia feita por todos e não por um só, dá-lhe certamente razão surrealista; mas (como foi lembrado, com Wilde), se o simples é «o último refúgio do complexo», não estaremos, à míngua de assumir o nosso destino (isto é o destino que nos fazemos...), com consciência histórica, a iludir-nos e a fugir à seringa da realidade?...

Para Berger, a força de seriação e arrumação de situações, importa ver a arte em verdadeira

dimensão social, para além das paredes dos museus, numa «irrupção no espaço público». Ver ou rever, que, afinal, se poderá responder que sempre assim esteve, no mais público dos espaços de comunicação que é o dos templos, antes de haver, ou mesmo havendo museus. E nas ruas de prédios, cartazes, montras, veículos, e do nosso próprio vestir... «Conferir estatuto de obra de arte», apanágio do sistema-museu, é, neste nosso tempo, privilégio bem discutível ou mesmo já fora de discussão. Assim, hoje em dia (dir-se-ia...), alguém soubesse dizer o que é ou pode ser um museu.

«Restaurante senão 'self-service' da arte» foi definição da minha parte, ao tratar da patologia da circulação e da comunicação das obras de arte — que circulam muito mais do que comunicam, tal como as pessoas...

Uma outra ideia sobre centros ricos e centros pobres, em termos de informação tanto quanto de comércio, com suas circulações descendentes e ascendentes, e só horizontal entre os primeiros, um certo conceito de «mais-valia geoartística», terá emergido deste texto, no meio de observações sobre mercado, bienais, publicações, historiográficas e ensinos respectivos, dentro duma situação de «hegemonia» ou subordinação, ou seja de centros e periferias — cujos, por sinal, somos, no sítio dos debates...

A publicação destes, e dos textos, se verá melhor como foi — não venha alguém acusar-me de «desencantada ironia» na abordagem desta problemática tão inutilmente gasta, que é a da arte e da sociedade...

Mais inovadora foi, sem dúvida, a da «Inovação e Sociedade» em que, no outro colóquio unesquino também, a arte teve entrada, já com R. Huyghe, N. Schöffer, o húngaro P. Nagy, o búlgaro (aliás ministro da Cultura e poeta) L. Levchev, e ainda o signatário, a tratar, desta vez, da «Arte na formação» — não do indivíduo, como é por demais costume, mas das sociedades como seria útil e necessário... Tanto mais que, em variados planos, da ciência, da comunicação e mesmo da informática, se abordavam problemas de educação — com intervenção genérica, ali, duma comunicação de Magalhães Godinho, verdadeiro ponto cívico e moral da situação que a UNESCO, pela boca do seu subdirector-geral (e com tão pouca gente a assistir, apesar da cobertura da Imprensa, nesta cada vez maior falta de interesses culturais universitários e não só, da pátria lisboeta!), procurou definir.

Alguns antropólogos para nos certificarmos de que não há sociedade sem arte, e uma interrogação sobre o aprender, na nossa civilização ocidental, a utilizar os olhos para decifrar as redes de sinais que, sem parar, chegam até nós, e outra sobre a capacidade política de entender a necessidade estética, foram levando à verificação do quadro metafórico próprio das artes, como o único em que as revoluções têm um sentido de formação social, fazendo nascer formas...

Que elas possam comunicar, cumprindo o seu e nosso destino, em espaço público, sem mais-valias geoartísticas — tais são os desejos de boas festas do signatário.

ponto a ponto



O chefe da Fretilin no estrangeiro, Abílio Araújo, declarou à ANOP que a declaração de Bissau sobre Timor-Leste «foi um alerta para Portugal». Quando muitos países sem responsabilidades históricas quanto a Timor actuam como o fizeram os cinco Estados africanos reunidos em Bissau — disse Araújo —, «maior fica a ser a responsabilidade que cabe a Portugal, que recebeu um alerta no momento oportuno».

Aquele dirigente da Fretilin, que regressava da Cimeira de Bissau, recordou que os países africanos de Língua oficial portuguesa não só fizeram uma declaração política de apoio à causa da independência de Timor-Leste como definiram planos de acção conjunta para levar o caso timorense às mais diversas instâncias regionais e mundiais.



REALIZOU-SE na Base Aérea n.º 3, em Tancos, o juramento de bandeira da escola de recrutas 6/83, constituída por trezentos e noventa e seis soldados recrutas, que, posteriormente, irão frequentar cursos de formação das diversas especialidades da Força Aérea.

Assistiram à cerimónia, além do vice-chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Brochado de Miranda, que presidiu, o 2.º comandante da Academia da Força Aérea, brigadeiro Ferreira Infante, o director do Serviço de Instrução da Força Aérea, brigadeiro Botelho de Amaral e outras entidades militares.



A primeira reunião da comissão mista luso-chinesa para Assuntos Culturais reunirá em Lisboa na próxima Primavera — informou o gabinete de Imprensa do Primeiro-Ministro.

Esta fonte acrescentou que a notícia foi revelada durante um almoço íntimo que Mário Soares e mulher ofereceram em S. Bento ao embaixador de Pequim, Yang Qileang e mulher, que em breve regressam à China Popular.

O pacote autárquico

• Os transportes • O município de Lisboa

Rui Godinho (*)/Rego Mendes (*)

O pacote legislativo do Governo PS/PSD que visa alterar o regime legal das autarquias, contém matéria específica para o sector de transportes, a saber:

— O projecto de decreto-lei que pretende definir a delimitação das responsabilidades de investimento de cada nível da Administração Pública atribui às autarquias a responsabilidade pela realização dos investimentos públicos no sistema de transportes públicos urbanos e suburbanos.

— A autorização legislativa para a criação da taxa municipal de transportes (TMT), destinada ao funcionamento dos transportes públicos urbanos e suburbanos em municípios ou associações de municípios cuja população seja igual ou superior a 50 000 pessoas. A essa taxa deverão ficar sujeitas as pessoas colectivas de direito público e as empresas privadas, cujo número de trabalhadores seja igual ou superior a 10. O valor da taxa municipal de transportes (TMT) pode oscilar entre 0,5% e 1,5% dos salários pagos pela entidade empregadora.

— O projecto da nova lei de finanças locais prevê como receita das autarquias a TMT.

Neste novo enquadramento teríamos, teoricamente, os municípios a receber a TMT e a suportar os encargos necessários ao funcionamento dos transportes urbanos e suburbanos, incluindo os investimentos.

No caso concreto do município de Lisboa, caberia a este: garantir o funcionamento do Metropolitano e da Carris; ser o principal suporte dos transportes ferroviários suburbanos de Cascais, Sintra e Azambuja, das ligações fluviais da CP e da Transtejo; contribuir

com uma parte significativa para o funcionamento dos Centros de Exploração de Passageiros da RN que operam na área de Lisboa e garantir as ligações com a margem sul.

Caberia ao Município de Lisboa, segundo o novo enquadramento legal, pagar as indemnizações compensatórias pelos transportes pendulares casa-emprego realizados abaixo do custo e garantir os investimentos necessários.

Se a transferência de responsabilidades se fizesse neste momento, o panorama, sem sermos exaustivos, seria o que passamos a descrever.

Nos serviços ferroviários tranvia de Sintra e Azambuja, grande parte do material circulante que o executava entrou ao serviço em 1956/57, tendo sofrido ao longo dos anos esforços muito superiores àqueles que deveria suportar. Mas além de velho, aquele material é insuficiente, como o demonstra o facto de que, sendo possível realizar, na linha de Sintra, 16 comboios por hora no período de ponta, o horário só conta com 13 e mesmo estes sofrem supressões quase diárias.

No que respeita à Carris, a frota de eléctricos é museológica, necessitando de ser integralmente substituída, e a de autocarros conta com unidades com mais de 30 anos de serviço.

A expansão do Metropolitano e o reforço da frota passariam a ser responsabilidade da Câmara.

A maior parte das empresas públicas de transportes que prestam os serviços urbanos e suburbanos que interessam ao município de Lisboa têm situações financeiras degradadas, com encar-



gos financeiros representando um elevado peso nos custos da exploração, cujo resultado se reflecte nos preços dos serviços.

O Estado tem para com aquelas empresas, pelos serviços prestados na área de Lisboa, dívidas que montam aos milhões de contos (só à Carris são cerca de 2

milhões).

Perante este panorama, coloca-se um conjunto de interrogações.

Onde estão os estudos sobre as verbas necessárias para fazer face às novas responsabilidades do município de Lisboa?

Qual o montante que se prevê

cobrar através da TMT em Lisboa? Vai ser suficiente para as necessidades?

Que garantia tem a Câmara de receber a TMT? Será que aqueles que devem milhões de contos à Previdência irão cumprir com estas novas responsabilidades? Que mecanismos podem garantir a rápida execução das dívidas?

Sendo a TMT destinada a cobrir a função económica dos transportes urbanos e suburbanos, quem paga a função social? Será que esta vai ser tida em conta? Na transferência do Orçamento do Estado para a autarquia?

Será que o Governo vai proceder ao saneamento financeiro das empresas públicas de transportes (conforme está escrito no seu programa), nomeadamente satisfazendo as dívidas do Estado para com elas e atribuir à administração central a responsabilidade por um programa de investimentos que leve à recuperação económica daquelas empresas?

Em nossa opinião, as respostas serão todas negativas. Sabendo nós que a política que tem vindo a ser seguida se tem caracterizado pelo esbulho de milhões de contos às autarquias e às empresas públicas de transportes, não podemos crer que o Governo PS/PSD pretenda abrir, neste caso, uma excepção à política de que é fiel seguidor e agora mentor.

Se os governos com estas forças partidárias e a mesma política não têm cumprido as suas responsabilidades, iriam agora cumprir-las ao passar para as suas atribuições para as autarquias?

Se assim não fosse, porque razão é que sendo a administração central talvez o maior beneficiário

do sistema de transportes públicos na zona do município de Lisboa, fica isenta do pagamento da TMT?

No cenário previsível, se este conjunto de medidas for concretizado, teremos a Câmara de Lisboa a braços com a responsabilidade no sistema de transportes urbanos e da maior parte nos suburbanos da região, sem os meios necessários para lhe fazer face.

A descentralização de competências da administração central para a local é necessária, mas quando se justifique, e nesses casos acompanhada da transferência dos meios financeiros adequados.

O que este Governo pretende é aplicar os seus acordos com o FMI, de contração das despesas públicas, transferindo o ónus e o caos para as autarquias.

É por um lado o prosseguimento da sua política de fuga aos investimentos de Estado em sectores que prestam serviços à população, canalizando essas verbas para benefício dos grandes capitalistas e visando assim o processo de acumulação de capital.

Por outro, canalizar para as autarquias o descontentamento popular resultante da sua política contra o povo.

O Poder Local é uma conquista e um pilar do regime democrático, pelo que os eleitos dos órgãos autárquicos não podem aceitar que em nome de uma falsa descentralização se abra o caminho a futuras centralizações, minando assim a própria democracia.

(*) Engenheiro Sanitarista e vereador da APU na CML

(*) Engenheiro da CP

Projecto Almeida Santos: a mordaza à Imprensa?

Uma lei repressiva e desnecessária

O «Diário de Lisboa» inicia hoje a publicação de um «dossier» sobre o «projecto Almeida Santos» de revisão da Lei de Imprensa.

Apresentado publicamente há algumas semanas, o «projecto Almeida Santos» teve, para já uma virtude — união direita e esquerda, maioria e oposição, contra ele. Para além de Almeida Santos e Anselmo Rodrigues, ainda ninguém defendeu o projecto de revisão da Lei de Imprensa. Mesmo da zona da

maioria que apoia o Governo, as reticências são muitas.

Falta no entanto, saber se esse não era o objectivo do que vem sendo apresentado como o mais «maquiavélico» dos políticos portugueses — concentrar as atenções da opinião pública numa questão de importância reduzida, para fazer passar sem reparos medidas que imponham (ou consolidem) no sector público da comunicação social um domínio absoluto do Governo.

Argumento que merece ser

considerado, principalmente porque a Lei da Imprensa em vigor, apesar de tudo, é um diploma que tem cumprido bem.

A revisão constitucional tornou necessárias algumas alterações de pormenor. Mas elas não eram, de forma nenhuma, urgentes. No mesmo sector da comunicação social, falta, por exemplo uma Lei da Rádio. Desde 1975!

Este «projecto Almeida Santos» tem sido acusado de ser mesmo pior que as leis do fas-

cismo sobre a informação. Afirmam que provavelmente não leva em linha de conta a inexistência, desde o 25 de Abril, de censura prévia. Mas que deixa transparecer o desalento que muitos sentiram quando leram as setenta e tal páginas de que Almeida Santos é o responsável.

Isto porque o ministro parece ter tido uma preocupação fundamental — encerrar os jornalistas essencialmente como prevaricadores, infractores potenciais, cuja actividade tem de ser cuida-

dosamente balizada. E os que saírem das baias fixadas pelo poder, devem de ser exemplarmente punidos. O arsenal repressivo de que a lei se dotou é, nesse ponto, impressionante. Chega-se a admitir que o jornalista que tenha acesso a uma determinada informação, das proibidas (por exemplo, a factos ou documentos que digam respeito à vida íntima ou privada dos cidadãos), será punido com prisão de um mês a um ano, mais multa. Independentemente de os

publicarem!!!

Outro aspecto — ao longo dos primeiros artigos do «projecto Almeida Santos» limita-se a reproduzir preceitos constitucionais sobre a liberdade de expressão com ligeiras modificações que não alterando o sentido das normas, nada acrescentam ao que diz a Lei Fundamental. E depois deste inútil exercício de repetição, entra directamente na restrição do acesso dos jornalistas às fontes de informação. Quase que a dar razão aos que afirmam que o que neste projecto é bom, não é original, e o que é original, não é bom.

Particularmente grave para os jornalistas é a limitação imposta ao segredo profissional, que cede perante as necessidades de averiguações dos crimes públicos (que são quase todos os do Código Penal). Em vez de alargar, como a experiência aconselhava aquele segredo aos arquivos dos jornais e dos jornalistas, Almeida Santos pretende limitá-lo, fazendo de cada jornalista um relator, ou um colaborador das polícias.

Por outro lado, pela primeira vez num texto legal, os jornalistas dos órgãos da Comunicação Social estatizada são tratados quase como profissionais de «segunda», incapazes para intervir na nomeação dos directores das publicações estatizadas.

O que não tem nenhum apoio legal, uma vez que a única limitação que decorre da Constituição tem a ver com a sua não intervenção na orientação ideológica dos jornais do Estado... porque estes não podem ter orientação ideológica, antes estão vinculados à objectividade e devem abrir as suas páginas ao confronto de todas as correntes de opinião.

No quadro que junto se publica estão patentes algumas das mais evidentes modificações que Almeida Santos pretende introduzir na lei actual. No entanto, repetidamente o ministro tem-se afirmado aberto a sugestões e críticas, que já são muitas. Aliás, deve realçar-se a presença ontem do secretário de Estado Anselmo Rodrigues no debate sobre a Lei de Imprensa promovido pelo Sindicato dos Jornalistas, atitude inédita que em justiça tem de ser sublinhada.

Falta saber se haverá sugestões ou críticas que possam salvar um documento como este. Não seria melhor esquecê-lo, como às coisas inúteis, e lançar um processo semelhante ao desenvolvido quando da aprovação da Lei de Imprensa de 75, que foi debatida por uma representativa comissão durante alguns meses, para depois ser apresentada ao Governo e aprovada?

Não só o Executivo corria menos riscos, como os cidadãos, jornalistas ou não teriam mais garantias de que as normas constitucionais sobre liberdade de Imprensa seriam consagradas na lei.

J.M.V.

Duas versões em confronto

Limites da liberdade de Imprensa

Os limites à liberdade de imprensa decorrerão unicamente dos preceitos da presente lei e daqueles que a lei geral e a lei militar impõem, em ordem a salvaguardar a integridade moral dos cidadãos, a garantir a objectividade e a verdade da informação, a defender o interesse público e a ordem democrática.

A liberdade de imprensa tem como únicos limites os que decorrem na presente lei, fundados na segurança nacional, na integridade territorial, na segurança pública, na defesa da ordem, na prevenção do crime, na protecção da saúde, da moral, da honra, do bom nome e da vida privada de outrem, da garantia do segredo de informações confidenciais e da autoridade e imparcialidade do poder judicial.

Censura

A liberdade de expressão do pensamento pela imprensa será exercida sem subordinação a qualquer forma de censura, autorização, caução ou habilitação prévia.

O exercício do direito de expressão e divulgação do pensamento não pode ser impedido ou limitado por qualquer tipo ou forma de censura.

Acesso às fontes de informação

A Imprensa periódica será facultado acesso às fontes de informação pela administração pública, pelas empresas públicas e pelas empresas que em que haja estatutariamente participação maioritária das pessoas colectivas de direito público, e ainda, no que respeita ao objecto de exploração ou concessão, pelas empresas que explorem bens do domínio público ou sejam concessionárias de serviços públicos, segundo normas a definir que preservem o funcionamento dos serviços.

O direito de acesso às fontes de informação corresponde a um dever geral de não recusar aos jornalistas o normal exercício desse direito desde que não colida com outros direitos e deveres igualmente reconhecidos pela Constituição e pela lei, devendo a Administração Pública, as empresas públicas e as empresas de capital maioritariamente público, bem como as empresas que explorem bens do domínio público, ou sejam concessionárias de serviços públicos facultar esse acesso aos jornalistas. Podendo, para tanto, fixar um horário, para evitar «incómodos desnecessários», sendo a recusa de informação punida com pena de multa de 10 a 50 dias e cabendo dessa decisão recurso hierárquico e contencioso.

Limitação do acesso às fontes de informação

O acesso às fontes de informação não será consentido em relação aos processos em segredo de justiça, aos factos e documentos considerados pelas entidades competentes segredos militares ou segredos de Estado, aos que sejam secretos por imposição legal, aos que afectem gravemente a posição concorrencial das empresas públicas ou equiparadas e, ainda, aos que digam respeito à vida íntima dos cidadãos.

Não é lícito o acesso a quaisquer processos em segredo de justiça, aos segredos de Estado ou militares, como tais qualificados por entidade competente, a factos e documentos que forem qualificados por lei ou por entidade competente como secretos ou confidenciais, ou que digam respeito à vida íntima ou privada dos cidadãos, que afectem gravemente a posição concorrencial de uma ou mais empresas e aos abrangidos pelas disposições legais que protegem o segredo da escrituração mercantil. O acesso a factos, documentos ou informações é punido com prisão de um mês a um ano e com multa de 25 a 100 dias. É, também, interdita a publicação de quaisquer actos ou documentos de processo criminal em fase anterior à audiência de julgamento, salvo se determinada pelo juiz de instrução ou pelo tribunal; de audiência de julgamento, salvo se determinada pelo juiz de instrução ou pelo tribunal; de quaisquer actos de processo relativos a acções sobre o estado das pessoas ou pendentes no tribunal de menores, de relatos, fotografias, gravuras ou desenhos relativos a audiências de julgamento que os tribunais declarem não públicas, para salvaguarda da dignidade das pessoas ou da moral; de informações e notícias à identificação das vítimas de crimes sexuais ou contra a honra ou relativas a actos de suicídio, ainda que frustrado; de informações relativas aos trabalhos de comissões parlamentares de inquérito; de documentos e deliberações do Conselho Superior da Magistratura e do Conselho Superior do Ministério Público e dos demais actos ou informações que a lei qualifique de confidenciais ou não aplicáveis. A violação destas regras é punida também nos mesmos termos em que o é o acesso a fontes de informação ilícito.

Sigilo profissional

Os jornalistas não são obrigados a revelar as suas fontes de informação, não podendo o seu silêncio sofrer qualquer sanção directa ou indirecta. Os directores e as empresas não poderão revelar tais fontes, quando delas tiverem conhecimento.

Acrescenta-se que estes direitos e deveres da lei de 1975 não abrangem as informações necessárias à averiguação e punição dos crimes públicos.

Conselhos de Redacção

Os Conselhos de Redacção têm competência para dar voto favorável ao director-adjunto e ao subdirector, ao chefe de redacção.

A actividade do Conselho de Redacção fica limitada pela titularidade das empresas nas pertencentes ao Estado não terão de ser ouvidos quanto à nomeação do director, do subdirector e do director adjunto.

Directores

Os directores têm de ter nacionalidade portuguesa, de estar no pleno gozo dos seus direitos civis e políticos e não deverão ter sofrido condenações por crime doloso.

Os directores têm de ser de nacionalidade portuguesa, de estar no pleno gozo dos seus direitos civis e políticos e não ter sofrido condenação transitada em julgado pela prática de crime voluntário contra a vida, ou de quaisquer delitos contra o Estado, a ordem e a tranquilidade públicas, a paz e a humanidade, a honra e a reserva da vida privada. Quando cessarem funções serão substituídos pelo director-adjunto, pelo subdirector ou pelo chefe de redacção, ou pelo jornalista mais antigo, até à nomeação do novo director. Passa a competir-lhe a adopção de medidas adequadas a evitar a prática de crimes de imprensa.

Imprensa pública e privada

No caso do Estado ou outra pessoa colectiva de direito público ser proprietário de um periódico ou de, pelo menos, de um quarto do capital social de uma empresa jornalística ou de sociedades sócias de empresas jornalísticas, o estatuto destas deverá salvaguardar a sua independência.

Mantendo-se em geral a anterior redacção, acrescentam-se normas decorrentes da criação do Conselho de Comunicação Social e limita-se a participação dos Conselhos de Redacção na vida dos jornais da imprensa estatizada.

Notas oficiais

Actualmente, nos termos da Lei n.º 60/79, as notas oficiais têm de ser publicadas nos jornais diários e podem ter um tamanho máximo de 500 palavras, devendo emanar da Presidência do Conselho de Ministros.

As notas oficiais não poderão ter mais de mil palavras e a sua publicação é obrigatória para as publicações informativas diárias ou de periodicidade não superior a uma semana, podendo ser da responsabilidade do Presidente da República, do presidente da Assembleia da República, do Primeiro-Ministro, do Governo ou de qualquer dos seus membros.

Amanhã o «DL» inicia a publicação de uma série de depoimentos de directores de jornais, jornalistas e outras pessoas ligadas às questões da Imprensa, sobre o «projecto Almeida Santos».

ao telefone com



Juiz
**MENDONÇA
TORRES**

**“O CI é útil, necessário
e tem um papel
importante
a desempenhar”**

O Presidente da Assembleia da República empossou hoje, ao fim da manhã, o presidente do Conselho de Imprensa e, ainda, os seis jornalistas designados pelo Sindicato da classe e os quatro cidadãos de reconhecido mérito eleitos pela Assembleia da República. Os outros membros do CI — directores e administradores de jornais e representantes dos trabalhadores da Imprensa não jornalistas — estão já em funções.

Pela primeira vez na curta história do CI — importante órgão criado depois do 25 de Abril, na sequência da Lei da Imprensa — o seu presidente é empossado pela segunda vez, pois Mendonça Torres havia já desempenhado essas funções de 80 a 82. Ao telefone perguntámos-lhes como se sentia ao retomar a presidência do CI.

«Fiquei muito surpreendido com a indicação do meu nome pelo Conselho Superior de Magistratura. De início a minha reacção não foi favorável, pois a nomeação significa um acréscimo de trabalho e responsabilidade para quem está no fim da carreira».

Está a exagerar...

«Não estou, não. Estou quase a atingir o limite de idade, pois faço 68 anos no Natal...»

De qualquer modo parece estar em forma... E pelo que os jornalistas sabem do modo como desempenhou o seu anterior mandato as perspectivas de trabalho são boas...

«Bom, a verdade é que os objectivos do Conselho de Imprensa reportam-se a princípios que sempre me foram caros, designadamente a defesa da liberdade de Imprensa. Sempre entendi que sem liberdade de Imprensa não é possível existir democracia. E por isso mesmo é com entusiasmo que regresso ao Conselho e, mesmo antes de tomar posse, já comecei a meter-me dentro dos problemas existentes no sector. No fundo, é o vício de estar ligado às coisas da Imprensa...»

Uma vez que já dentro dos problemas existentes, quais as perspectivas de trabalho do CI neste seu segundo mandato?

«A primeira vista parece-me mais difícil que da primeira vez. Há a substituição de alguns elementos que viram expirar o seu mandato, o que significa que entram de novo outros membros que possivelmente não estão dentro dos problemas com que o CI se debate neste momento — e como sabe, agora há um problema gravíssimo...»

... Qual?

«A apreciação do projecto de Lei de Imprensa que o CI está a fazer em regime que posso classificar de «trabalho forçado», dada a limitação do prazo concedido».

Até quando é que o CI tem que dar esse parecer?

«Até ao fim do mês. Como este período é de férias...»

Mas as dificuldades vão ou não ser ultrapassadas?

«Entendo que poderão ser ultrapassadas, mas para isso terá que existir um interesse real em resolver os problemas por parte dos membros do CI e não só.»

Independentemente da apreciação do projecto de lei de Imprensa, que outras tarefas tem o CI?

«De acordo com o artigo 2.º da Lei 31/78 são atribuições do CI, fundamentalmente: zelar pela independência da Imprensa face ao poder político e económico; zelar por uma orientação geral que respeite o pluralismo ideológico, garanta o rigor e objectividade da Imprensa e impeça a propaganda da ideologia fascista e quaisquer outras contrárias às liberdades democráticas e à Constituição.»

«No futuro imediato qual a eficácia do CI?»

«Em primeiro lugar: considero que o CI é útil, necessário e tem um importante papel a desempenhar. Simplesmente, o CI será sempre, em última análise, o que os seus membros presentes e futuros quiserem. Além disso a sua eficácia dependerá igualmente da forma como os organismos e as pessoas ligadas à Imprensa a ele recorrerem.»

Voltando ao projecto da Lei de Imprensa que está agora a ser analisado: qual a sua opinião sobre esse projecto?

«Já por diversas vezes pediram a minha opinião. Já li o projecto, já participei em debates, já o conheço. No entanto não me sinto à vontade para emitir qualquer juízo, ainda que a título meramente pessoal ou provisório. Pela natureza das funções que vou desempenhar terei que dirigir os trabalhos já iniciados pelo CI tendentes a emitir um parecer. Não julgo, pois, curial, fazer observações sem primeiro ouvir e debater as posições dos vários sectores com representação no Conselho».

Ribeiro Cardoso

“Mais dia, menos dia”

PCP será chamado a participar na resolução dos problemas nacionais

— disse Álvaro Cunhal no Pavilhão

«O PCP não tem a pretensão de resolver sozinho os problemas nacionais, mas tem a convicção que, sem o PCP, os problemas nacionais não serão resolvidos» — sublinhou, uma vez mais, Álvaro Cunhal, no decorrer do comício realizado ontem em Lisboa, no pavilhão dos Desportos, destinado a dar conhecimento dos resultados do X Congresso, realizado, há dias, no Porto.

Insistindo nesse ponto — uma das conclusões do congresso aponta para a formação de um governo democrático de salvação nacional que inclua democratas independentemente da sua filiação partidária — Cunhal considerou que o seu partido será, «mais dia menos dia, chamado a participar na resolução dos grandes problemas nacionais».

Fotoquices

Outras das conclusões do congresso (defesa da paz como «tarefa central de todos os povos»; queda do Governo PS-PSD a curto prazo; política alternativa para saída da crise; luta popular na defesa da democracia; posição definitiva anti-Saunders para as presidenciais de 85; campo social partidarmente vazio, etc.) foram igualmente sintetizadas na intervenção do secretário-geral do PCP.

E, a propósito das referidas conclusões quer Cunhal, quer o orador que o precedeu, José Casanova, um dos mais jovens membros efectivos da Comissão Política saída do Congresso, criti-

caram fortemente o modo como alguns órgãos e jornalistas fizeram a cobertura do congresso e o facto de outros terem, pura e simplesmente, silenciado a importante realização do PCP.

Casanova visou, particularmente — sem os citar — os jornalistas que, em seu entender, estiveram no Palácio de Cristal, mais atentos aos «mexericos e fofuques» que aos trabalhos e conclusões do congresso.

«Tirem daí a ideia...»

Cunhal criticou duramente a direcção do PS e aludiu ao recente comunicado da sua comissão permanente que considerava haver espaço político em Portugal para um outro partido comunista.

«O PS — disse — gostava de outro partido comunista, que não fizesse ondas, esvaziado, dividido e desacreditado. Mas é caso para dizer: tirem daí a ideia.»

Acerca da actual situação do País, o orador considerou que a causa fundamental da crise «é a política de recuperação capitalista e latifundista seguida pelos di-



José Casanova e Álvaro Cunhal, os oradores no comício de ontem do PCP, no Pavilhão dos Desportos

versos governos depois de 1975», política essa que tem conduzido Portugal «para o caminho da falência e da bancarrota nacionais».

Nesta perspectiva, Cunhal disse que ao firmar uma aliança de governo com o PSD, o Partido Socialista «de novo salvou as forças reacconárias no preciso momento da sua derrota».

«O dr. Mário Soares, secretário-geral do PS, serve com mais eficácia o grande capital do que serviram os homens de direita» — afirmou.

Vincou noutro passo, que o Governo PS-PSD «não tem condições para durar quatro anos», dado que, garantiu, «a sua base social de apoio se tem vindo a estreitar progressivamente».

«Seja qual for o quadro partidário, quando o Governo PS-PSD cair — declarou Cunhal —, a situação do País será tão grave que se imporá a constituição de um governo democrático de salvação nacional».

«O PCP — disse — estará aberto à análise da viabilização de um tal governo.»

Depois da guerra entre o CDS e o PSD

PS/Madeira critica atitudes de João Jardim

Depois da troca de galhardetes entre o CDS e o líder social-democrata madeirense, surge o PS a terriro para verberar atitudes assumidas por Alberto João Jardim. Num comunicado ontem emitido, o secretariado da Federação regional da Madeira denuncia o «abuso do executivo no recurso às notas oficiais para intervir de uma forma eticamente reprovável na vida interna de outros partidos, bem como o aproveitamento ilegítimo do tempo de antena em actos de homenagem pública que parecem preparados para proferir ataques que não dignificam quem os profere».

O PS critica também a recusa sistemática do gabinete de João Jardim em aceitar propostas dos socialistas referentes à atribuição dos tempos de antena à oposição, que fica assim sem possibilidades de defesa.

O Governo Regional, sublinha o PS, «retoma a linguagem eleitoralista desestabilizadora e caluniosa visando confundir a opinião pública, tentando identificar os socialistas com os comunistas, cujo projecto e prática políticas têm merecido o mais vivo repúdio do PS, que em matéria de comportamento ético, democrático e civilizado não recebe lições de ninguém».

Para o PS, o Governo Regional «privilegia o negativo e actua em perfeita dessintonia com o que é o verdadeiro interesse nacional e regional», num momento em que é necessário pôr de lado a linguagem avulsa e despropositada e congregar esforços tendentes a ultrapassar o grave período que o país atravessa.

O executivo de João Jardim, acrescenta o comunicado do PS, inviabiliza o «estabelecimento de um clima normal e equilibrado relacionamento com a oposição, indispensável quando se aceita uma alternativa democrática, regra de ouro em democracia». Mais: a actuação política do Go-

verno Regional promove, de forma arbitrária, o afastamento de pessoas não enfeudadas ao poder regional.

Recorda-se que a guerra entre o CDS e João Jardim começou pela acusação dos centristas de que o líder local do PSD era anti-NATO e pró-soviético. João Jardim defendeu-se acusando o CDS/Madeira de ser «um bando fascista». No retorno, os centristas acusaram o chefe do Governo Regional de «assumir-se como um ditador, pelos seus gestos, atitudes, linguagem e tiques hitlerianos». Desconhece-se se João Jardim tornou a responder.

Mota Pinto foi a Bona e trouxe mais promessas

Mota Pinto, em fase esforçada de conquista de uma imagem junto das Forças Armadas, não teve êxito nos seus contactos na RFA no sentido de sensibilizar os ministros da Defesa e dos Negócios Estrangeiros daquele país para ser reforçado o «auxílio económico e material» à defesa portuguesa.

No seu regresso de Bona afirmou que esse auxílio só será possível a partir de 1985 e que, até essa data, «Portugal continuará a sensibilizar as autoridades alemãs».

Em contrapartida anunciou a celebração de um protocolo da área da defesa. Os termos desse acordo deverão ser enviados até ao final do mês, por uma empresa alemã, que poderá vir a instalar em Portugal uma unidade fabril.

No encontro com o ministro alemão dos Negócios Estrangeiros teve também um pequeno capítulo do folhetim da entrada de Portugal na CEE. Foi reafirmada a posição da RFA relativamente à entrada de Portugal na CEE, nomeadamente que

esta se verifique no primeiro semestre do próximo ano, de modo a que a entrada efectiva se possa concretizar em 1 de Janeiro de 1986.

Voltou, também, a falar-se de ouro folhetim político-militar: a compra das célebres fragatas para a Marinha. A última versão, agora versão Mota Pinto, é que o respectivo relatório estará concluído no final de Janeiro, data a partir da qual serão estudadas as formas de financiamento que os países interessados deverão prestar a Portugal.

Portimão quer reaver terrenos vendidos

A Câmara Municipal de Portimão, vai enviar ao Tribunal Judicial da comarca, 20 processos para anulação de venda de terrenos pela autarquia para construção de habitação própria.

A atitude é justificada pela CMP pelo facto de os compradores dos terrenos camarários não terem iniciado a construção das habitações no período máximo de dois anos de acordo com o contrato com a autarquia.

Os terrenos localizam-se nos sítios da Pedra Mourinha, Vale Lagar, Coca Maravilha e Ladeira do Vale.

Em Coca Maravilha e Horta das Nespras os terrenos destinam-se à construção industrial.

Portugal/84, segundo a OCDE

Desemprego aumenta para 12 por cento e salários reais baixam cinco pontos

A inflação podera fixar-se em 23 por cento se se mantiver a tendência actual de quebra dos consumos

A taxa de desemprego em Portugal deverá atingir 12 por cento da população activa em 1984, segundo o documento «perspectivas económicas» da OCDE ontem divulgado em Paris.

As perspectivas a curto prazo da economia portuguesa dependerão essencialmente do grau de aplicação e do sucesso do actual programa económico, diz a OCDE — que prevê uma queda dos salários reais em 5 por cento em 1984.

Em termos gerais, a actividade económica está a acelerar em quase todos os países membros da OCDE, diz o referido documento, embora se verifique uma grande diversidade na maneira como a recuperação económica se está a processar nos diferentes países.

Por exemplo, em meados de 1985, ainda segundo a OCDE, o produto nacional bruto do Japão e dos Estados Unidos terá aumentado de 7 a 9 por cento no es-

paço de dois anos, mas esse progresso na Europa não deverá ter ultrapassado os 3 por cento.

No que se refere ao desemprego, a sua taxa média deverá estabilizar-se, embora na Europa ela possa vir mesmo a aumentar, passando dos 10 por cento (18 milhões de pessoas) verificados no princípio de 1983, para 12 por cento (20 milhões) em meados de 1985.

A inflação baixará rapidamente por quase toda a parte e dos 13,6 por cento registados em fins de 1980, a taxa média para o conjunto dos países da OCDE terá passado em meados de 1985 para 5 3/4 por cento, esperando-se mesmo que no Japão e na Alemanha Federal ela possa ter descido até aos 3 por cento.

Referindo-se a Portugal, o documento da OCDE afirma o seguinte:

«As perspectivas a curto prazo dependem grandemente do grau de aplicação e do sucesso do programa económico. A procura in-

terna será afectada pelas medidas fiscais e monetárias, e pelo declínio verificado nos salários reais, especialmente nas empresas nacionalizadas. O consumo privado deverá descer de 2,5 por cento e os investimentos de 6 por cento.»

Por outro lado, acrescenta «perspectivas económicas, a recuperação verificada no comércio externo, que começou na primeira metade de 1983, poderá consolidar-se em virtude do aumento da competitividade, limitando a queda do produto interior bruto em 1984 a 2 por cento, após um crescimento nulo de 0 por cento verificado em 1983».

Referindo-se à situação no emprego, a OCDE parece manifestar um certo pessimismo pois prevê que em virtude do declínio no PIB, o mercado da mão-de-obra contrair-se-á de cerca de 4,5 por cento em 1983 e 1984, fazendo com que a taxa de desemprego possa atingir cerca de 12 por cento em 1984.

No que diz respeito à inflação, Portugal aparece como indo a contra-corrente dos outros países da OCDE, onde a taxa de inflação manifesta indícios firmes de continuar a descer acentuadamente.

Com efeito, segundo a OCDE, embora o movimento de baixa se verifique igualmente em Portugal, os efeitos trazidos de 1983 farão com que em 1984 a taxa média prevista seja de 23 por cento, contra os 24 por cento registados este ano.

O último parágrafo do capítulo sobre Portugal é consagrado aos salários, os quais, segundo a OCDE, deverão descer de 5 por cento em termos reais, no decurso de 1984. Por fim, a OCDE prevê que o défice da balança de pagamentos deverá passar de 3 mil milhões de dólares em 1982 para 1,75 mil milhões em 1984, na hipótese de se consolidarem as actuais tendências verificadas no crescimento do mercado.

Porto: aeroporto ampliado

A empresa Aeroportos e Navegação Aérea (ANA) apresentou ao presidente do Banco Europeu de Investimentos (BEI) Yves le Portz, o projecto de ampliação e desenvolvimento do Aeroporto de Pedras Rubras.

De acordo com este projecto, será construída uma nova aerogare, que triplicará a capacidade de movimento de passageiros, um novo terminal de carga e uma nova torre de controlo, além de serem beneficiadas outras infra-estruturas.

A primeira fase do plano prevê terraplanagens gerais necessárias à obtenção das cotas da nova plataforma e a construção de arruamentos e parques de estacionamento.

As dimensões das pistas de estacionamento vão permitir o estacionamento de todas as classes de aviões comerciais — garante a ANA.

As áreas a pavimentar nesta primeira fase totalizam 63.300 metros quadrados, dos quais 21.600 metros quadrados respeitam à faixa de estacionamento.

A aerogare deverá dar resposta em boas condições de funcionamento, a um movimento anual de 1.500 mil passageiros. Numa fase posterior poderá ser ampliada para uma capacidade anual de três milhões de passageiros.

Rendas comerciais: dez vezes em dez anos

As rendas comerciais poderão subir quase dez vezes em dez anos na base do novo regime decretado pelo Governo, afirma um comunicado divulgado pelo Movimento de Pequenos e Médios Comerciantes e Industriais (MPMCI).

Nesse comunicado afirma-se que o recente decreto do Governo mantém um regime ruinoso para os comerciantes, pois com um aumento de 17 por cento por ano uma renda comercial pode passar de vinte mil para 192.273 escudos no espaço de dez anos.

O MPMCI defende, em alternativa, uma justa distribuição dos encargos da inflação entre inquilinos e senhorios.

Kohl: CEE em 86

A Espanha e Portugal podem ser membros da Comunidade Europeia em 1 de Janeiro de 1986, afirmou o chanceler alemão ocidental, Helmut Kohl numa carta enviada ao presidente do governo espanhol Felipe Gonzalez.

Kohl, que respondia a uma carta enviada em 18 de Novembro pelo chefe do executivo espanhol aos chefes de Estado e de governo dos «Dez», classificou como «tarefa histórica» o alargamento da Comunidade na direcção do Sul.

«A CEE, que entrou num semestre difícil. A presidência francesa (a partir de 1 de Janeiro de 1984) cabe a tarefa de recuperar o que não foi conseguido em Atenas, nós (os alemães) vamos apoiar esta presidência energicamente», prosseguiu o chanceler.

Na sua carta, Kohl garante a Gonzalez que a maioria dos «Dez» estava decidida a agir de modo a que as negociações de adesão se concluassem «com êxito no máximo no Verão de 1984». «Deste modo, explica Kohl, os dois países ibéricos poderão ser membros da Comunidade em 1 de Janeiro de 1986.»

Em todo o mundo industrializado

Mais um ano de vacas magras

As perspectivas gerais para o mundo industrializado da zona da OCDE, durante o próximo ano, não são nada optimistas prevendo a organização mais um ano de vacas magras.

Inclusive nos Estados Unidos, onde 1983 foi considerado, sob os pontos de vista da inflação e do crescimento, um dos melhores das últimas décadas, a ressurreição corre o risco de perder o fôlego no final do ano que vem.

Segundo o relatório da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econó-

mico (OCDE), ontem divulgado, a política de austeridade que está em aplicação em França conduzida pelo presidente Mitterrand e o seu Governo socialista, continuará a não permitir a recuperação, pelo menos até aos primeiros meses de 1985.

Na Grécia, a fraqueza da actividade económica e da melhoria de produtividade deverão traduzir-se por um mais amplo agravamento do desemprego em 1984. A OCDE, que supõe a continuação de uma política económica restritiva, prevê falta de dinamismo

na procura interna privada. Porém, as exportações deverão melhorar em 1984, após três anos de recuo.

Na Grã-Bretanha o crescimento deverá continuar ao ritmo de 2,25 por cento até meados de 1985 e a taxa de inflação poderá baixar de 6 por cento actual para as vizações de 5 nessa mesma data, indica a OCDE. Como a actividade está a reequilibrar-se em importantes mercados externos, as perspectivas de crescimento parecem hoje «mais firmes».

Na Bélgica, o desemprego

talvez venha a estabilizar-se em 1984, graças à política de divisão do tempo de trabalho, mas à volta dos 15 por cento, uma das taxas mais importantes dos países industrializados.

Em Espanha, o afrouxamento da subida dos preços no consumo, iniciado em 1983, deverá continuar em 1984, mas o desemprego prosseguirá a sua ascensão para lá dos 18 por cento, da população activa, a que se chegou em Agosto de 1983, indica a OCDE, que prevê, contudo um incremento do turismo.



**CÂMARA MUNICIPAL
DE ÉVORA**

CONCURSO

A CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA PROMOVE UM CONCURSO DE ÂMBITO NACIONAL SUBORDINADO AO TEMA: «MONUMENTO AO BOMBEIRO VOLUNTÁRIO».

INSCRIÇÕES: 2 A 14 DE JANEIRO/84.

INFORMAÇÕES: NÚCLEO DE RECUPERAÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO, CÂMARA MUNICIPAL DE ÉVORA, PRAÇA DO SERTORIO 7000 ÉVORA.

TELEFONE: 23321.



**CÂMARA MUNICIPAL
DE OEIRAS
AVISO**

Concurso público para arrematação da empreitada de «Conclusão das infra-estruturas do Bairro da Luta pela Casa — 100 fogos — Carnaxide — Operação SAAL».

Base de licitação — 6 176 010\$00

Caução provisória — 154 400\$00

Alvarás exigidos — Obras públicas — 1.ª subcategoria da IV categoria ou IV categoria.

Local, dia e hora limite para entrega das propostas — Serão remetidas pelo correio, sob registo e com aviso de recepção, à Câmara Municipal de Oeiras, até às 17 horas do último dia do prazo de 30 dias, contados a partir do dia seguinte ao da publicação deste aviso no «Diário da República».

Local, dia e hora do acto público do concurso — Sala das Reuniões da Câmara, pelas 10 horas no primeiro dia útil, a seguir ao termo do prazo acima referido.

Local e horário para exame do processo — Câmara Municipal de Oeiras — Divisão de Obras Municipais, durante as horas normais de expediente.

Paços do Concelho de Oeiras, em 15 de Dezembro de 1983.

Por Delegação do Presidente da Câmara O Vereador,

Luís Manuel do Paço Simões



**A. C. BRITO
&
IRENE, LDA.**

FOTOGRAFIA
CINEMA E SOM

Av. António Augusto de Aguiar, 11-A
Telefone 54 40 19 - 1000 LISBOA

DESEJAM AOS
SEUS EX.mos CLIENTES
E FORNECEDORES

Festas Felizes

O Rissol da Esperança
de Joaquim & Ribeiro

RESTAURANTE • CERVEJARIA • PASTELARIA

RUA DA ESPERANÇA, 96 a 96-A TELEF. 66 00 40 1200 LISBOA

DOSSIER

Rádios livres: a um passo da legalização?

Libertar as ondas para evitar a "selva"

A legalização das rádios livres é uma questão de tempo. Todos estão de acordo quanto à necessidade de alterar o quadro legal existente, mas o projecto em discussão será suficiente para evitar a «selva» nas ondas?

«Estaremos a servir de co-baias?», interrogava-se José João Farinha já no terminar de uma troca de impressões, travada no improvisado estúdio da Rádio Imprevisto.

A pergunta faz sentido. Mais de trezentos pedidos de legalização de rádios livres aguardam luz verde, que só virá, toda a gente o sabe, quando as leis que regulam a utilização do espectro radio eléctrico, forem alteradas.

«Receio que nós estejamos a abrir o caminho aos grandes grupos económicos, que se servem da nossa abertura e da «tarefa» que levamos», acrescenta José Farinha.

A mesma preocupação nos foi manifestada em Coimbra e Porto. Para Américo Mascarenhas, da Rádio Livre Internacional, «há movimentações de determinados grupos, que nada têm a ver com o projecto, para intervir na altura própria, pois a rádio é um bom negócio».

«Sabemos de jornais e cadeias de supermercados interessados em investir nesta área. Por isso, antes do mais, há que haver uma decisão política de atribuir espaço a rádios que se reclamam da cultura ou da contracultura», sustenta, por sua vez, a Rádio Caos.

Um projecto de lei, subscrito por Dinis Alves (PS) e Jaime Ramos (PSD), a discutir brevemente na Assembleia da República, vem agora propor o desbloqueamento da actual situação, prevendo a concessão «a serviços locais de radiodifusão» do que é definido no projecto de lei como «um serviço público da exclusiva responsabilidade do Estado».

A «hora dos pioneiros» terá soado, no momento em que isso suceder.

Maus da festa

O aparecimento das rádios livres teve, pelo menos, um incontestável mérito:

«Realçar a urgência de legislação que permita e regulamentar o trabalho de rádios livres e locais», como sublinhava recentemente a Rádio Caos.

Neste contexto, como interpretar o «novo fôlego» dos serviços de fiscalização dos CTT?

«Está atribuído aos CTT, por diploma legal, a missão de coordenar e fiscalizar a utilização do nosso espaço radio eléctrico, em conformidade com as leis ditadas pela Assembleia da República e pelo Governo, nas áreas das suas competências específicas», sublinhava, no começo deste mês, um esclarecimento dos CTT a propósito da «fiscalização e os rádios-piratas».

Não pondo «em causa a necessidade de reformulação das leis sobre esta matéria», o texto considerava que «aos CTT cabe fazer cumprir as leis que existem — são hoje umas, amanhã poderão ser outras».

«Nós intervimos por se tratar de rádios clandestinas, e não por serem livres», precisa o engenheiro Joaquim Patrício, responsável pelos serviços de fiscalização. No entanto, rejeitou a ideia de que os seus serviços estivessem a intensificar a fiscalização:

«Só actuamos agora com mais insistência, porque há mais emissões clandestinas do que no passado». Mas como esta função está atribuída aos CTT, não admira que sejamos, agora, os «maus da festa»...

Mão pesada

Por mero acaso, ou intenção deliberada, o certo é que a mão pesada dos serviços

técnicos dos CTT tem-se abastido sobre as rádios livres.

A excepção da Rádio Caos, todas as outras emissoras apresentam «dossiers repressão».

Um auto de notícia com uma multa de 50 contos é o resultado mais relevante da acção contra a Rádio Antena Livre, de Abrantes. Uma espécie de «prémio» pelo serviço prestado à comunidade, cuja importância e utilidade nos seriam

verso continua a emitir, e o seu trabalho foi mesmo considerado de reconhecida utilidade pelo colectivo da assembleia de freguesia de Canelas.

Em 22 de Janeiro do próximo ano, cumprem-se dois anos sobre a apreensão do primeiro emissor da Rádio Imprevisto, seguida de diversas visitas e intimidações por parte da fiscalização. Nunca tendo pago as multas com que foi punido, José Farinha continua a pôr no

ram os subscritores do projecto de lei sobre «Serviços locais de radiodifusão sonora por via hertziana».

Se as normas legais apenas «têm sido utilizadas para proibir, com os resultados já descritos, e não existem «dificuldades técnicas impeditivas do licenciamento» de novas emissoras locais, porque não deverá encarar-se seriamente a perspectiva de legalização das rádios livres?

Se mais depressa o pensarmos, melhor o fizermos: assim surge o texto a que temos vindo a referir-nos, sobre o qual as

nativas em Portugal», sustenta Américo Mascarenhas, da Rádio Livre Internacional.

Para José João Farinha, da Rádio Imprevisto, o diploma «está bem na essência, embora seja discutível que a lei seja igual para as grandes e as pequenas rádios».

Com posição próxima das anteriores, Mário Pereira, da Rádio Univerno, insiste na necessidade de considerar com mais atenção as faixas de emissão, que deveriam ir dos 87,5 aos 108 MHz.

Uma lei flexível

«O projecto existente não é uma base de trabalho para a legalização das rádios livres, pois uma vez aprovado, prevê punições severas para os que não se enquadrem no seu espírito», considera a Rádio Caos.

O texto legal proposto pelos dois deputados funcionaria, assim, «como uma forma de chantagem: ou este, ou nada».

«Queremos a legalização sob qualquer forma compatível com o nosso projecto», precisa António Oliveira. E, como posição de princípios, insiste nesta ideia-chave: «Nós só rejeitaremos o projecto de legalização, na medida em que o nosso próprio projecto for rejeitado».

A palavra cabe, deste modo, aos subscritores do diploma de legalização das rádios livres.

Dinis Alves manifestou-nos o interesse em continuar a receber sugestões e críticas, insistindo em que o texto de que é co-autor «visa desbloquear uma situação, e constitui «a lei possível».

Reuniões realizadas com as diversas rádios têm permitido também superar algumas divergências e esclarecer intenções.

Mas nada garante que o diploma que vier a definir o quadro legal das rádios livres, se apresente com a flexibilidade que as rádios livres desejam.

Seja como for, elas estão vivas e querem Sol: continuarão a «dinamizar e unir, convencer e debater».

Sem complexos, como afirma a Rádio Caos: «Quanto ao mais, a aventura é a aventura».

Carlos Pessoa



Legalização dos rádios livres: livre tratamento da realidade, ou estrangulamento da iniciativa dos cidadãos?

sublinhados pelo vereador Gomes Mor...

Em Coimbra, a apreensão do equipamento da RLI revestiu-se de grande aparato, com estudantes e Polícia a viverem momentos de tensão. Segundo nos foi revelado, os CTT prepararam-se para confiar o equipamento à tutela do Reitor da Universidade.

O tribunal de Gaia viu por várias vezes Mário Pereira ser admoestado. Mas a Rádio Uni-

ar a música que preenche a sua programação semanal.

Resta saber o que espera, agora, a Rádio Caos...

Minorias respeitadas

O nosso ordenamento jurídico dispõe de «comandos legais que permitem a autorização de novos emissores de radiodifusão sonora», conside-

posições das diversas rádios não são coincidentes.

O debate foi introduzido, numa reunião efectuada no Porto a 26 de Novembro passado, pela comissão coordenadora das rádios livres.

«Este projecto salvaguarda o essencial das nossas pretensões: podemos fazer rádio, tratar a realidade e ter opinião», considera-se em Abrantes.

«Há no texto dos deputados respeito pelas minorias alter-

CONCENTRAÇÃO MANIF.

VIGÍLIA DOS TRABALHADORES SEM SALÁRIOS

23 DEZ.º - 21H00 - ROSSIO
com manif. para S. Bento

NÓS, TRABALHADORES SOLIDÁRIOS HOMENS CONSCIENTES,
VAMOS TODOS A

CONCENTRAÇÃO / MANIF.

Pelo pagamento dos salários
Contra o desemprego
Contra o aumento do custo de vida
Contra o roubo do 13.º mês

USL/CGTP-IN * CIL



CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

INFORMAÇÃO NATAL 1983

Informam-se todos os utilizadores que os serviços de contacto com o público se encontram encerrados no dia 23 de Dezembro, em todo o País.

Desta medida, que resulta directamente da aplicação dos instrumentos de contratação colectiva em relação ao período natalício, exceptuam-se as Estações de Correio de horário Permanente, Nocturno e Especial, que encerrarão, apenas, a partir das 21 h. do dia 24.

Todos os serviços abrangidos reabrem, nos horários normais, no dia 26 de Dezembro.

de ontem para hoje

Helicópteros «Puma» da FAP completaram cinco mil horas de voo

A esquadilha de helicópteros «Puma» da Base das Lajes, da Terceira, destinada a operações de busca e salvamento, completou cinco mil horas de voo, segundo anunciou ontem «Rádio Lajes», emissora da Força Aérea nos Açores. A esquadilha, formada em Novembro de 1976, efectuou inúmeras missões de evacuação de doentes nas ilhas dos grupos Central e Ocidental do arquipélago. Durante o mesmo período os «Pumas» efectuaram quarenta operações de salvamento no mar, evacuando cerca de cem doentes. Deoram ainda durante estes anos apoio às populações das ilhas então sem aeroportos, assegurando o transporte de géneros e pessoas quando o mau tempo interrompia as ligações marítimas.

Assassino de Mello Corrêa condenado

O assassino confesso do fadista Mello Corrêa (foto) foi ontem condenado à pena de quinze anos de prisão maior. O acórdão concluiu que Joaquim Crujo Vieira, de 27 anos, agiu sob os efeitos do álcool, definindo o crime como «homicídio simples» seguido de furto. Joaquim Vieira, que afirma ter conhecido Mello Corrêa na noite do crime, cometido com uma faca, acusou o fadista, proprietário do restaurante «O Senhor Vinho», de o ter procurado atrair para práticas homossexuais. O delito teve lugar na residência da vítima, à Madragoa. Joaquim Vieira foi defendido pelo dr. Calisto de Melo.



Assaltada a «Boutique Aniky»

Desconhecidos assaltaram, por meio de chave falsa, a «Boutique Aniky», na Avenida Duque de Ávila, em Lisboa, levando seis casacos de pele de borrego, fabricados em Guimarães (dois de cor original e quatro de pêlo invertido), calças, saias, conjuntos de saia e casaco, camisolas, blusões e ainda treze mil escudos em dinheiro. O proprietário do estabelecimento, António Luís Ventura, avaliou os artigos roubados em cerca de quatrocentos contos.

Família vitimada em Rio Maior

Seis pessoas perderam a vida e duas ficaram gravemente feridas em dois acidentes ocorridos respectivamente na Estrada Nacional n.º 1, ao Alto da Serra (Rio Maior), e na Auto-Estrada do Norte, em Vila Nova de Gaia. No primeiro caso (choque entre um camião e um automóvel) morreram os quatro ocupantes do veículo ligeiro, Carlos Manuel Pereira Martins, e a sua mulher, Alda

Maria Miranda das Neves Martins e os dois filhos do casal Nuno Miguel Miranda das Neves e um seu irmão de sete anos. A família residia em S. Martinho do Bispo. Em Vila da Feira, um automóvel despiçou-se causando a morte de dois dos seus ocupantes (José Monteiro e Artur Gonçalves Monteiro) e ferimentos graves nos outros dois.

Filha de amigrantes afogada

Uma garota de cinco anos, Célia Correia de Oliveira, morreu afogada numa vala repleta com as águas das últimas chuvas. A vala, localizada no lugar de Pedras de Cima, Ovar, encontra-se aberta para a construção de uma casa, tendo o acidente ocorrido quando a infeliz criança, que seguia acompanhada dos pais, emigrantes em França, se adiantou um pouco, acompanhada de um cão.

Guarda da GNR baleada em Tondela

Surpreendidos pela GNR quando dormiam no interior de um carro estacionado num pinal próximo de Tondela, os três indivíduos que haviam participado no assalto a uma ourivesaria em Canas de Senhorim, feriram a tiro um guarda, António da Conceição Carvalho, de 31 anos, que teve de ser internado no Hospital de Coimbra. Um dos assaltantes

seria detido pouco depois. Os três homens são ainda suspeitos de terem participado no assalto a um posto de abastecimento de gasolina, em Albergaria-a-Velha. No interior do carro, um «BMW», foram encontradas várias peças de ouro, no valor de algumas centenas de contos, provenientes do «golpe» à ourivesaria de Albergaria-a-Velha.

Pequeno pastor caiu ao rio

Ao atravessar um pontão sobre o rio Trouxe (afluente do Vouga), na freguesia de Bodiosa, o menor de nove anos, José António Marques Rodrigues, que andava a pastorear umas ovelhas, caiu à água perante o desespero dos seus dois companheiros. As buscas para encontrar o corpo, até agora infrutíferas, têm sido desenhadas por elementos dos Bombeiros Voluntários de Viseu.

Monumental ainda não está arrumado

Será que a Câmara nega casas aos munícipes comunistas?

A questão do Monumental ainda não arrefeceu na Câmara de Lisboa, mesmo quando se sabe que avançam as obras de demolição. Tal como não arrefecem os ânimos de tantos munícipes que se sentem diariamente em condições difíceis, particularmente no campo da habitação.

APU levou, na segunda-feira, à habitual reunião pública da vereação, uma proposta para que fosse revogado o segundo despacho de Abecasis autorizando a entrada do camartelo nas salas do Saldanha. O resultado visível, com o apoio do PS, foi pelo menos o de a Ouvidoria da Câmara ser chamada a dar um parecer urgente, sobre o despacho e sobre a existência de uma caução que acautele uma possível decisão contrária do Supremo, onde decorre julgamento de um recurso.

Se a reposição do problema do Monumental fez avermelhar a pele de Krus Abecasis, a sua alteração não foi menos visível quando um município disse ali, alto e bom som, que o seu direito a ter

uma casa tinha sido preterido em consequência das suas opções políticas.

A afirmação foi feita na presença da vereadora que tem o pelouro da habitação, Teresa Xara Brasil, que não respondeu. Tratava-se de um desalojado do Pátio do Fiúza, em Alcântara, onde há algum tempo se registou um incêndio. A vereadora terá dito que o acusador queria era ser «alojado junto dos seus amigos comunistas de Alcântara, mas vai para onde eu quiser».

Uma situação que nem sequer é nova enquanto respeita à distribuição de habitação por parte da Câmara de Lisboa. Mas, desta vez, o próprio presidente se sentiu obrigado a delegar em Pedro Feist, seu correligionário do CDS, a averiguação da denúncia públi-

ca que acabava de lhe chegar.

Problemas, estes dois, que desembocavam numa reunião onde acabava de ser aprovada por unanimidade uma proposta da APU para que Maria Lamas viesse a ter nome numa rua de Lisboa. Votos favoráveis teria ainda uma evocação da memória de José Dias Coelho, quando passavam anos sobre a data do seu assassinio, pela PIDE, nas ruas de Alcântara.

Em tempo de o PS levar uma proposta explicando, ou tentando, como fazer mais com as verbas menores que o Governo vai dar a todos os municípios, a APU não conseguiria, entretanto, que fossem aprovadas as suas críticas ao não cumprimento da Lei das Finanças Locais.

Bem recordou Silva Graça que até os deputados do CDS tinham adoptado as mesmas críticas aquando do debate sobre o OE na Assembleia da República. Bem lembrou que Eduardo Pereira defendeu em campanha eleitoral que a Lei das Finanças Locais era para ser cumprida.

O CDS na Câmara não alinhou nas críticas já feitas em S. Bento. «O PC queria aqui um compromisso histórico» — palavras de Pedro Feist, um homem sempre original na apreciação dos factos.

Que tipo de compromisso seria, por sua vez, aquele que Abecasis propôs tendo por pano de fundo o «é Natal, é Natal»? Era assim a sua proposta: primeiro saudar os trabalhadores da Câmara; depois lembrar todos os desfavorecidos ou oprimidos por ditaduras civis e militares; a terminar, um presentinho Lech Walesa, servindo de esteio a uma «Alvorada de Libertação». O punho de Abecasis rasurou o que lá estava antes, falando de Polónia. O seu objectivo, explicitado, foi o de evitar engulhos aos socialistas. Só que estes acabariam por não embarcar e a moção teve unanimidade, apenas, no ponto de saudação aos trabalhadores do município.

Que mais se pode dizer sobre uma sessão pública da Câmara de Lisboa?

R. V.

Penas mais leves para cinco consumidores

Três traficantes de haxixe condenados em S. João Novo

No Tribunal de S. João Novo, no Porto, concluiu-se ontem o julgamento de nove indivíduos que estavam acusados de pertencerem a uma rede de traficantes de haxixe, responsável pelo abastecimento de alguns «cafés» da zona da Praça da Batalha e também, do Bairro do Lagarteiro, onde a maioria tem as suas residências. O Tribunal, face à prova produzida, condenou três dos réus como traficantes, cinco como consumidores e ditou uma absolvição. No grupo dos traficantes punidos com dois anos de prisão e dez contos de multa cada, contam-se, Eugénio Carlos dos Santos Abreu, de 32 anos, operário, António Manuel Dinis Borges de 25, empregado bancário, e João Manuel da Silva Ferreira, contínuo.

Como consumidores e detentores de haxixe foram condenados em três meses de prisão e multa de oito contos os réus Alfredo Manuel Guimarães da Silva Aguiar,

de 21 anos, trolha e Vítor Manuel Almeida da Silva, de 19, vendedor ambulante, ambos residentes no Bairro do Lagarteiro.

Pelo facto de já terem outras condenações, os réus José Maria da Cunha Andrade, de 28 anos, vigilante, e Fernando Antero Leitão de Oliveira, de 25, trolha, foram também condenados como possuidores de droga em quatro meses de prisão e dez contos de multa.

A absolvição foi para Aurora Zélia dos Santos Abreu, irmã de Eugénio Abreu, de 29 anos, operária, que por sinal foi a primeira a ser detida pela Polícia Judiciária. Não se provou suficientemente que estivesse ligada ao grupo, pelo menos com perfeito conhecimento «do mal do crime».

Refira-se que os magistrados basearam-se ainda na lei anterior para analisarem os factos, tendo na circunstância o juiz-presidente dr. Armando Barros Moreira, alertado os réus para esta opção pois

no caso de ter sido aplicada a lei promulgada em 13 do corrente mês, em vez dos dois anos, apli-

cados cada um dos traficantes teria, no mínimo, de ser condenado em seis anos.

Por um período não inferior a 25 anos

Madeira lança lotaria sem conhecimento da Misericórdia

A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa considerou ontem «manifestamente ilegal e inconstitucional» a anunciada intenção do governo regional madeirense em autorizar uma «lotaria instantânea» no arquipélago.

Em comunicado a Misericórdia de Lisboa, agora dirigida pelo socialista João Gomes, comenta desta forma uma notícia segundo a qual o executivo de Alberto João Jardim «terá outorgado a exploração de uma lotaria instan-

tânea, por período não inferior a 25 anos e por entidade a constituir, na qual venham a participar as autarquias locais e outras instituições do sector público madeirense.

A nota acrescenta que a concessionária nacional da Lotaria e Totobola «não deixará, em momento oportuno e por todos os meios ao seu alcance, de diligenciar no sentido do respeito da legalidade».

RESTAURANTE BAR
«GALERIA REAL»
Informações aos nossos Exmos. Clientes

DIA DE NATAL

ALMOÇOS E JANTARES
EMENTAS ESPECIAIS

RÉVEILLON-83

CEIA DE FIM DE ANO

MÚSICA DE DANÇA — ALEGRIA

DIA DE ANO NOVO

EMENTAS ESPECIAIS
AOS

ALMOÇOS E JANTARES

RESERVAS LIMITADAS

Telefone 923 16 61

Livraria Portugal

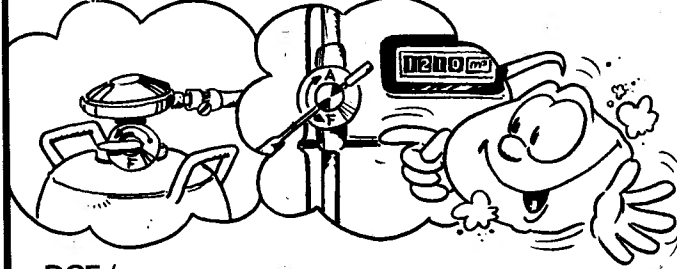
RUA DO CARMO, 70

TELEF. 328220

1200 LISBOA

A GERÊNCIA deseja aos seus Exm.ºs
Clientes e Amigos um NATAL FELIZ e um
NOVO ANO cheio de prosperidades.

Sempre que se ausentar, não se esqueça,
feche a garrafa de gás ou a torneira do contador.
Cumpra as minhas regras de segurança.



DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

Vigílias de Natal

Trabalhadores protestam amanhã contra salários em atraso

A CGTP-IN promove amanhã vigílias de Natal em 24 localidades do País, para protestar contra os salários em atraso, que neste momento afectam mais de 130 mil trabalhadores de 417 empresas portuguesas. A nível internacional, a central sindical apresentará uma queixa à Organização Internacional do Trabalho (OIT), contra esta situação.

Um estudo, ainda provisório, elaborado pela CGTP e ontem divulgado num encontro com jornalistas, refere que os sectores mais intensamente afectados pelos salários em atraso são os da metalurgia e metalomecânica, construção e reparação naval, têxtil, indústria química, construção civil e obras públicas, transportes, cerâmico e vidro.

Os dirigentes da Inter apontaram algumas dezenas de casos de empresas com salários atrasados, que por vezes se aproximam dos dois anos, referindo concretamente que no distrito de Lisboa essa situação atinge mais de 30

mil trabalhadores, em Setúbal 20 mil, no Porto 18 mil e em Braga oito mil.

A central sindical vai enviar o estudo e uma relação das 417 empresas com salários em atraso ao ministro do Trabalho, com cópia à Inspectção do Trabalho, exigindo que o Governo «tome medidas para evitar ou minorar esta situação».

Os dirigentes sindicais reconheceram que a causa da situação que neste momento se vive em vários casos tem a ver com as dificuldades económicas das empresas, mas na maioria dos casos «é o patronato que de forma concertada e fria actua no sentido de não satisfazer os compromissos com os trabalhadores» para criar «condições psicológicas destinadas a quebrar a acção reivindicativa e a resistência dos trabalhadores, o que por outro lado lhe permite aumentar os lucros».

Solidariedade

«A dívida aos trabalhadores é de muitos milhões de contos» —

afirmaram os dirigentes da CGTP, acrescentando que só nos distritos de Lisboa, Setúbal, Porto e Leiria, ascende a mais de quatro milhões de contos.

Esta situação — sublinharam — «levou a fome a muitos lares, sem contar o suicídio de vários trabalhadores e muitos casos de crianças que não vão à escola por falta de dinheiro para os transportes e quando vão, apresentam já sinais evidentes de subnutrição».

Esta situação está já a provocar uma cadeia de solidariedade de vários sectores, incluindo pequenos e médios comerciantes e preocupa vários sectores da vida portuguesa, entre os quais os ligados à Igreja católica — referiram os dirigentes sindicais.

Mas — acrescentaram — «este movimento de solidariedade e preocupação com os salários em atraso não deve circunscrever-se à quadra de Natal que se atravessa, mas ser assumido por toda a população na procura de uma solução para esta situação atentória dos mais elementares direi-

tos e que não pode prolongar-se por mais tempo».

Depois de terem referido que o Ministério do Trabalho não deu resposta à CGTP para lhe ser fornecida uma relação das empresas que receberam subsídios, os dirigentes da Intersindical denunciaram também «situações graves de corrupção» que têm permitido que esses subsídios (para pagamento de salários) tenham «um destino que se desconhece».

É pois contra este desolador panorama, autêntica «calamidade nacional», como considerou a CGTP, que os trabalhadores, conscientes de que o caminho que lhes resta é o da luta, se vão amanhã manifestar.

Nas vigílias marcadas para amanhã, e que vão decorrer em 25 localidades de 11 distritos, para além de exigir o pagamento dos salários em atraso, os trabalhadores vão protestar contra o desemprego, o aumento do custo de vida e o «roubo do 13.º mês».

Suspensas as lutas na Lisnave e Setenave

A Lisnave paga hoje aos seus trabalhadores 15 contos e para a semana mais cinco contos, por conta dos salários em atraso, segundo um elemento das ORT's. Na reunião ontem havida entre a administração e os representantes dos trabalhadores foi ainda acordado que os descontos sobre o 13.º mês não serão efectuados até ao fim do ano.

Quanto à exigência do pagamento por inteiro dos salários, foi marcada nova reunião para a próxima terça-feira.

Os trabalhadores da Lisnave, que ontem haviam ocupado as instalações centrais da empresa, após o compromisso assumido

pela administração, decidiram suspender a luta, deixando em aberto a possibilidade de a reiniciar se as suas reivindicações não forem satisfeitas.

Ontem à tarde, também os trabalhadores da Setenave ocuparam as instalações da administração, para protestar contra o atraso no pagamento do 13.º mês e a falta de garantia do pagamento do mês de Dezembro.

No fim do período de trabalho, os trabalhadores suspenderam a ocupação por entretanto a administração, reunida com as ORT's, ter garantido formalmente que pagaria o 13.º mês na próxima semana.

Sima apela à luta conjunta na Carris

O Sindicato dos Metalúrgicos Sima, filiado na UGT convidou as organizações sindicais afectas à CGTP/Inter a desencadear formas de luta conjunta para desbloquear o processo de revisão do contrato colectivo de trabalho na Carris.

Um informador do SIMA — Sindicato das Indústrias Metalúrgicas e Afins — refere que as negociações do contrato colectivo de trabalho ainda não começaram,

tendo a entidade patronal da Carris esgotado todos os prazos legais para a entrega de contrapropostas aos sindicatos.

O SIMA pretende desencadear formas de luta em conjunto com as diversas organizações sindicais (tráfego, escritório e sector oficial) afectas quer à CGTP quer à UGT. Caso não haja uma resposta da Secretaria de Estado dos Transportes até ao dia 26.

A Carris tem cerca de oito mil trabalhadores.

MT recebe parceiros sociais

Estão a decorrer hoje audiências do ministro do Trabalho e Segurança Social com os parceiros sociais, com vista à actualização do salário mínimo nacional.

As audiências tiveram início com a União Geral dos Trabalhadores (UGT), seguindo-se a Con-

federação Geral dos Trabalhadores Portugueses-Intersindical (CGTP-IN), Confederação da Indústria Portuguesa (CIP), Confederação do Comércio Português (CCP), Confederação da Agricultura Portuguesa (CAP) e Comissão Nacional das Associações Empresariais (CNAE).

Ministro da Justiça recebe delegação da CGTP

O ministro da Justiça recebe amanhã, a pedido da CGTP-IN, uma delegação da central sindical, composta por Manuel Lopes, da Comissão Executiva, e João Correia, consultor jurídico.

Segundo uma nota divulgada

pela Intersindical, esta audiência visa «estudar várias questões de justiça laboral, designadamente as relativas a juizes sociais, Código do Processo de Trabalho, Direito Penal Laboral, Organização Judiciária e instalação de novos tribunais de trabalho».

Governo não está a cumprir compromissos assumidos

— acusa a Frente Comum da Função Pública

O Governo está a pôr em causa o seu compromisso de iniciar a negociação com os sindicatos da função pública «antes do Natal» — afirma a Comissão Negociadora Sindical (CNS) da Frente Comum da Função Pública, acrescentando que a primeira reunião ainda não foi marcada e nem o Governo apresentou qualquer contraproposta concreta.

A CNS que decidiu intensificar a mobilização dos trabalhadores, «de forma a criar condições para o desenvolvimento da luta» considera que a negociação «deve ser iniciada de imediato, independentemente da saída do decreto sobre ne-

gociação colectiva, pois não faz sentido que o Governo, conhecendo o seu conteúdo e estando o diploma para promulgação, não o faça desde já, tanto mais que o Orçamento do Estado já foi aprovado na A. R.».

Um comunicado divulgado pela CNS «condena veementemente o facto de o Governo aprovar um conjunto de diplomas que vem alterar para pior o pacote de excedentes de 10/5/82 e o estatuto disciplinar, sem os discutir com os sindicatos, impondo uma política de factos consumados».

A Frente Comum dos Sindicatos da Função Pública diz

que o Governo ao elaborar aqueles diplomas «ao abrigo de uma autorização legislativa de Agosto» e sem ouvir os sindicatos, quando teve tempo para isso, procurou «não apenas furtar-se ao diálogo, mas até ao controlo da constitucionalidade da sua acção legislativa pelos restantes órgãos de soberania».

Para além do diploma de «excedentes», que considera o «lay-off» da função pública, a Frente Comum repudia outros decretos, através dos quais «se legaliza o regime de contratos sem prazo certo; se permite o despedimento de contratados, com pré-aviso de 60

dias; se limitam as promoções e reclassificações e se acaba com os quadros de pessoal com dotações globais por carreira; e se instituem novas formas de mobilidade forçada, sem a participação dos sindicatos e o acordo dos trabalhadores».

A luta na função pública, que poderá vir a ser intensificada, prende-se com a negociação «de aumentos justos, que combatam o incessante aumento do custo de vida; a publicação de uma regulamentação séria e sem restrições do direito à negociação colectiva. Visa ainda impedir a saída do novo 'pacote laboral' agora aprovado pelo Governo



STAL

SINDICATO NACIONAL
DOS TRABALHADORES
DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL

SEDE NACIONAL

EDITAL

Gentil Neves da Silva, Presidente da Comissão Nacional de Eleições do S.T.A.L., em cumprimento do n.º 1 do Artigo 56.º do Regulamento Eleitoral, torna público os resultados finais das Eleições realizadas em 17 de Novembro de 1983, para os novos Corpos Gerentes do Sindicato para o triénio de 1984-1986.

TOTAL DE ELEITORES INSCRITOS ..	31 941
TOTAL DE VOTANTES	14 151 — 44,30%
TOTAL DE ABSTENÇÕES	17 790 — 55,69%
TOTAL BRANCOS/NULOS	943 — 6,66%

TOTAL DOS VOTOS OBTIDOS PELA LISTA A — ÚNICA 13 208 (corresponde a 93,33% do total de votos expressos).

Santarém, 14 de Dezembro de 1983

P'LO PRESIDENTE DA COMISSÃO NACIONAL
DE ELEIÇÕES
Ilegível

DO Natal

oferece electrodomésticos

aproveite as nossas facilidades pagamento

BEPALIZ Rua Capitão Leitão, 47-A • TELEF. 2761631 • ALMADA

comunicação social

Nova Lei de Imprensa

Só Anselmo Rodrigues quebrou o tom crítico do colóquio

O consenso na crítica à globalidade do anteprojecto da Lei de Imprensa foi apenas quebrado pelo secretário de Estado da Comunicação Social durante um colóquio realizado ontem à noite em Lisboa, promovido pelo Sindicato dos Jornalistas.

Anselmo Rodrigues admitiu que o anteprojecto tem coisas a mais e que apresenta alguns erros, embora o tenha defendido no seu conjunto.

Os restantes intervenientes no colóquio, subordinado ao tema «Que futuro para a Informação?», centraram essencialmente as suas críticas nos artigos do anteprojecto que restringem a actuação dos Conselhos de Redacção nos órgãos de informação estatizados e nas medidas que consideram restritivas do acesso às fontes de informação.

Indicaram a actual Lei de Imprensa como positiva e que uma nova lei deveria ter como base a actualmente existente.

O presidente do Sindicato dos Jornalistas, César Borge, abriu o colóquio, congratulando-se com a presença do secretário de Estado e referiu que o Sindicato está a envidar esforços para encontrar uma «alternativa séria» ao anteprojecto.

No colóquio, moderado por Eduardo Corregedor da Fonseca, intervieram, entre outros, Maia Costa (Sindicato dos Magistrados do Ministério Público), Jorge Lemos (em representação do Grupo Parlamentar do PCP), Adriano Lucas (director do «Diário de Coimbra») e os jornalistas Fernando Cascais, Silva Costa e Miguel Reis.

“Colóquio/Letras”

Encontra-se já nos escaparates o número (76) de Novembro da revista «Colóquio/Letras», editada pela Fundação Calouste Gulbenkian, sob a direcção do dr. Jacinto do Prado Coelho.

Do sumário (Ensaio): «Kafkiana», de Jorge Listopad; «A paixão de Diadorim, segundo Ribaldo», de Maria Amália Johnson; «O escândalo das amas e tecedeiras nos Cancioneiros galego-portugueses», de Yara Frateschi Vieira; «Antero entre o ser e o nada (1862/65)», de Joel Serrão; e «Técnicas narrativas em 'Elói' de João Gaspar Simões», de Ricardo Sternberg.

Relativamente à ficção, temos «Eguns», de João António — e quanto à poesia os nomes de Maria Manuela Couto Viana, Fernando Py, António Franco Alexandre, Luís Miguel Nava, Vergílio Alberto Vieira e Eduardo

Pitta.

Na secção «Notas e Comentários» destacam-se os trabalhos «António Sérgio: o crítico literário e o prosador», de Álvaro Salema; «Leitura à sombra do mar», de Luisa Dacosta; e «Dez anos da morte de Marques Re-

belo», de Bella Josef.

Não faltam ainda as habituais secções «Livros sobre a mesa», «Redacções críticas» «Letras em trânsito», etc.

Outros trabalhos enriquecem o número agora presente.

Leilão de jornais espanhóis

O primeiro leilão de jornais espanhóis efectua-se no próximo dia 1 de Fevereiro, com a venda pela melhor oferta de quatro jornais dos meios de comunicação social do Estado.

De acordo com a ordem publicada no boletim oficial do Estado, os quatro primeiros jornais a serem leiloados, entre vinte e dois cujos leilões serão anunciados nas próximas semanas de modo a que a operação de venda de todos esteja terminada em

Maio, são «El Correo de Zamora», «La Voz del Sur», de Jerez de la Frontera, «Cordoba», da cidade do mesmo nome, e «La Gaceta Regional», de Salamanca.

O preço de partida para o jornal «Cordoba» é de 67 800 000 de pesetas, perto de 60 000 contos, enquanto os outros três serão leiloados a partir de entre 32 milhões e 42 milhões de pesetas.

Ministro Seabra na crista da contestação

Sindicatos exigem do Governo outra política de educação

O Sindicato dos Professores da Grande Lisboa acusou ontem o Ministério da Educação de ter regressado à política de mão-de-obra barata, que caracterizada a política de ensino do regime anterior ao 25 de Abril.

Em conferência de imprensa efectuada em Lisboa, na sede do Sindicato, a direcção daquela organização de classe apontou como exemplo desse regresso ao esquema de mão-de-obra barata o projecto do Ministério da Educação, que interrompe por um ano a profissionalização em exercício, impedindo, assim, o acesso dos professores provisórios à situação de efectivos.

«O facto de os professores serem impedidos de completar a sua formação, permitirá ao Ministério poupar muito dinheiro, uma vez que os professores provisórios, sem vínculo à administração, ganham menos e não têm acesso à carreira», disse um membro da direcção do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa.

O projecto de despacho do ministro José Augusto Seabra sobre habitações para o professorado merece, também, o repúdio do Sindicato. Diz a sua direcção que numerosas licenciaturas até aqui consideradas habitação própria para os docentes, passam a ser consideradas habitação suficiente, circunstância que implica uma diferença de dez contos no ordenado mensal.

No encontro com os jornalistas foi revelado onze mil alunos das escolas preparatórias e secundárias da Grande Lisboa continuam sem aulas.

Outros protestos

Também o Sindicato Democrático dos Professores (SINDEP) exigiu ontem ao Governo que «esclareça a situação vivida no Ministério da Educação».

Em comunicado divulgado à classe e à Imprensa, a direcção daquela organização sindical salienta que «o Executivo deve pôr fim ao descalabro da situação do ministro, cada vez mais divorciado da realidade e da actualização da sua equipa».

O SINDEP considera «grave a situação que se vive no Ministério da Educação, com total desarticulação entre os seus responsáveis e com o isolamento do ministro Seabra, quer quanto à sua equipa, quer ainda quanto aos problemas correntes da gestão da política de educação».

A situação a que se refere o SINDEP diz respeito ao anunciado pedido de demissão dos três secretários de Estado, Britaldo Rodrigues, Helena Rosa e Almeida Costa, por divergências com o ministro José Augusto Seabra.

De resto, ainda ontem, o secretário de Estado do Ensino Superior, Britaldo Rodrigues,

dizia aos jornalistas, durante a visita que efectuou à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, não confirmar nem desmentir a sua demissão, em relação à qual o gabinete do Primeiro-Ministro havia dito há poucos dias ao «Diário de Lisboa» ser falso a notícia sobre o pedido de demissão dos três governantes.

«Quaisquer afirmações que eu fizesse dariam origem a especulações desestabilizadoras», concluiu Britaldo Rodrigues.

Entretanto, o núcleo socioprofissional do PSD dos professores manifestou também ontem o seu total apoio ao secretário de Estado do Ensino Superior.

Em comunicado divulgado, os professores sociais-democratas afirmaram que «é público que o ministro da Educação está incompatibilizado com os seus secretários de Estado» e que por isso mesmo «o Ministério está sofrendo de uma esclerose de acção».

Em face desta situação os subscritores do documento consideram urgente a substituição do ministro José Augusto Seabra.

Declararam, também, no seu comunicado, que é «um mal menor, sob o ponto de vista político, aceitar-se uma remodelação quando ela é exigida, do que protelá-la e escamoteá-la aos olhos da opinião pública quando a inoperância e o descalabro se instalam no Ministério».

UMA PRENDA MUITO ESPECIAL!



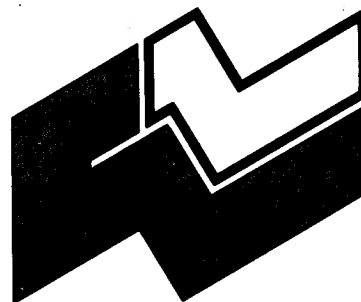
«COMO SE FORA SEU FILHO»

O ÚLTIMO ORIGINAL de ZECA AFONSO

PRODUZIDO E EDITADO POR



Também em cassete



CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

SERVIÇO DE INFORMAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS

CHEIAS

Subsídio a fundo perdido para a indústria, comércio e agricultura

A Câmara Municipal de Loures tem vindo a chamar a atenção dos Srs. **Comerciantes, Industriais e Agricultores** do Concelho, que sofreram danos com as cheias de Novembro último, para declararem nas Juntas de Freguesia da respectiva área o montante dos prejuízos, com o preenchimento das fichas que para o efeito a Comissão Coordenadora do SNPC, que funciona junto do MAI, fez chegar aos interessados através da Câmara e Juntas de Freguesia.

Segundo informação verbal recentemente prestada na Presidência da Câmara, por porta-vozes do Instituto de Emprego e Formação Profissional, da Secretaria de Estado do Emprego, as empresas do Concelho, nas áreas da **Indústria, Comércio e Agricultura**, podem vir a receber um **subsídio a fundo perdido**, que pode ir **até 30 %**, sobre o valor dos prejuízos sofridos.

Desta forma avisam-se todos os interessados que das fichas acima referidas os Serviços da Câmara entregarão fotocópias ao IIEFP, a fim de que o eventual subsídio a fundo perdido seja assegurado.

Loures, 20 de Dezembro de 1983.

O que foi notícia em 1983

O ano que os regimes militares sul-americanos foram postos em causa

Edouard Pous (France-Press)

«Ela vai cair, a ditadura militar vai cair». Esta palavra de ordem, que se tornou realidade na Argentina, presidiu, em 1983, a manifestações sem precedentes no Chile e no Uruguai, que abalaram seriamente o poder dos generais Augusto Pinochet e Gregorio Alvarez.

Largamente desconsiderados por causa da violação dos Direitos do Homem, do malogro da sua política económica e, sobretudo, a sua derrota na guerra das Malvinas, os militares argentinos tiveram de se decidir a abandonar o poder, que assumiam desde 1976.

Eleito por uma confortável maioria, o presidente Raul Alfonsín (do Partido Radical) tomou, assim que chegou ao poder, no dia 10 de Dezembro, várias medidas destinadas a afastar o perigo de qualquer novo golpe de Estado, procedendo a uma verdadeira depuração na hierarquia militar e decidindo fazer comparecer em justiça os membros das três juntas que o precederam no governo.

Constituirá o caso da Argentina «um exemplo que contribuirá para o progresso da democracia em todo o hemisfério», como o vice-presidente dos Estados Unidos, George Bush, afirmou, ou não passará de um fenómeno isolado?

Setenta mortos em manifestações no Chile

No Chile, dez anos depois do

golpe de Estado militar de 1973, conservadores, industriais, comerciantes e representantes das classes médias, outrora partidários do general Pinochet, juntaram-se nos últimos meses aos sindicatos, aos estudantes e aos partidos de esquerda, para exigir a demissão do ditador.

A partir de Maio último, as dezenas de milhares de manifestantes, que descenderam às ruas para reclamar «a democracia, já», o ressurgimento da actividade sindical e a crescente oposição da Igreja obrigaram o governo a uma certa «abertura», através, designadamente do levantamento do estado de emergência e da autorização de regresso ao país de várias centenas de exilados.

O Partido Comunista, a esquerda cristã, alguns socialistas e o Movimento de Acção Popular Unitário, agrupados no seio do Movimento Democrático Popular, exigiram a formação de um governo provisório.

Paralelamente, a Aliança Democrática (AD), composta pelos conservadores, democratas-cristãos, sociais-democratas e socialistas iniciava conversa-

ções com o novo ministro do Interior, Sergio Onofre.

Contudo, o diálogo era rompido ao cabo de três reuniões. O general Pinochet, de 68 anos de idade, que, nos termos da Constituição de 1980, deverá ficar no poder até 1989, não está disposto a discutir o processo a seguir para a sua substituição, como a AD exigia.

Por outro lado, o governo militar não fraquejou na sua firmeza: as manifestações deixaram um balanço de 70 mortos, centenas de feridos e milhares de presos, que continuam a ser alvo da tortura, segundo várias organizações humanitárias.

«Liberdade» reclamada no Uruguai

Os concertos de caçarolas, maneira agora tradicional de manifestar o descontentamento, também soaram no Uruguai, onde a oposição receia que os militares não mantenham a sua promessa de organizar eleições em Novembro de 1984.

A convite dos estudantes, dos partidos políticos e do Plenário Intersindical dos Trabalhadores (PIT, clandestino), sucederam-se várias manifestações, para reclamar «liberdade, democracia, trabalho e amnistia». A mais importante juntou 400 mil pes-

soas, em Montevideo, no passado dia 27 de Novembro.

As conversações entabuladas no princípio do ano entre os três partidos políticos autorizados e as Forças Armadas, para se encontrarem soluções institucionais permitindo a instauração de um Estado de direito, fracassaram em Setembro, devido à «intransigência» dos militares, segundo a oposição.

As Forças Armadas, divididas entre «profissionais» — partidários do regresso aos quartéis — e defensores da «continuidade», decretaram o termo da proscrição de vários dirigentes políticos, mas procederam, paralelamente, no dia 12 de Novembro, ao encerramento de vários jornais e a numerosas detenções.

Ruptura económica pode afastar militares

No Brasil, onde o processo de «abertura democrática» está em marcha desde há vários meses, o presidente, general João Batista Figueiredo, pronunciou-se contra a eleição do seu sucessor pelo método de sufrágio universal, apesar da forte pressão da oposição. É o Colégio Eleitoral, onde o Partido Democrático e Social (PDS, oficial) detém a maioria, que deverá eleger, em Janeiro de 1985, o próximo chefe de Estado, assegurando assim a continuidade.



Em 1983, a ditadura militar calu na Argentina e amplas manifestações, no Chile e Uruguai, abalaram o poder dos ditadores Augusto Pinochet e Gregorio Alvarez (nas fotos)

Com uma inflação de 206 por cento durante os últimos doze meses e cerca de um milhão de desempregados recenseados oficialmente, o Brasil viu as suas cidades serem invadidas pelos pedintes, enquanto se multiplicaram cenas de pilhagem de lojas e supermercados e a delinquência aumentou de maneira alarmante.

Por outro lado, são a inflação galopante, o aumento da dívida externa e a ruína da indústria nacional que poderão obrigar os militares desses países a darem

lugar aos civis, pensam os observadores.

Face ao risco de explosão social e de radicalização da oposição que estes factores provocam, os regimes militares poderiam preferir uma solução «tipo argentino», em vez de uma «tipo nicaraguano», afirmam os mesmos analistas.

Neste sentido, o êxito — ou não — do governo Alfonsín, em Buenos Aires, e o apoio que ele receberá do Ocidente poderão ser determinantes para o futuro do «cone sul», notam por último os especialistas.

Essa misteriosa «SIDA», a doença do ano

Brigitte Castelnan (France-Press)

O aparecimento da «síndrome imuno-deficitária adquirida» (SIDA), uma nova doença, identificada pela primeira vez em 1981, no território americano, suscitou uma onda de pânico que faz lembrar os grandes receios provocados, na Idade Média, pela peste e pela cólera.

Assim, os partidários da moral contra a liberalização dos costumes brandiram o sinal do «castigo de Deus» — que se manifesta pela destruição das defesas naturais do organismo — contra as principais vítimas do novo mal: os homossexuais masculinos.

Em 1983, apesar do seu avanço (foram recenseados até agora mais de 3 mil casos, em todo o mundo) e da mortalidade que a acompanha, a SIDA está longe de ter aniquilado populações inteiras, como o que aconteceu durante as grandes epidemias de outrora.

Consequentemente, não se revela tão contagiosa como se pensava, segundo os especialistas, a doença é mesmo «pouco contagiosa» no conjunto e não ameaça o grande público. Para as pessoas que estão a ser tratadas são recomendadas precauções semelhantes às que são utilizadas em relação à hepatite-B.

A gravidade real da SIDA justifica contudo, na maior parte dos casos, que os cientistas se debruçam sobre todas as pistas que possam levar à compreensão da doença e ao seu melhor tratamento possível.

A frequência inusitada de duas afecções raras (a pneumonia pneumocystis carini, e o sarcoma de kaposi, cancro raro nos ocidentais, mas conhecido desde o século XIX, em África) viria a chamar as atenções. Assim, a SIDA, era identificada pela primeira vez em Junho de 1981, nos Estados Unidos, pelo centro de luta contra as doenças de Atlanta. A partir dessa altura foram recenseados casos, em



Antes e depois de atingido pela doença

1978 e 1979, retrospectivamente.

A doença é pouco característica na sua fase inicial: febre persistente, gânglios, fadiga, etc.

Aparece depois uma série de infecções de origem indeterminada, que se traduzem por uma súbita e grave carência das defesas imunitárias.

Os vírus no laboratório

A análise da situação epide-



miológica nos Estados Unidos e, depois, nos outros países, tornou rapidamente impróprio os termos «cancro gay» ou «síndrome dos homossexuais», como a doença foi designada ao princípio.

Os especialistas constataram que os homossexuais masculinos com múltiplos parceiros não eram os únicos afectados. A «SIDA» também atingia os drogados por via intravenosa, mulheres que tinham tido relações íntimas com homens contaminados, hemófilos

cos, haitianos, indígenas da África Equatorial ou até mesmo indivíduos que fizeram estadias nessas regiões plenas de riscos.

O modo de transmissão aparente — por contacto sexual, pelo sangue ou agulha contaminada utilizada pelos toxicómanos, pela mãe ao recém-nascido, provavelmente na altura do nascimento —, que recorda o da hepatite-B, evoca uma doença infecciosa provavelmente viral, o que é reconhecido pela maioria dos especialistas.

«Medo do sangue, vacinas e preocupações»

A inexistência de um teste formal para detectar esse agente viral de que os cientistas suspeitam suscitou preocupações relativamente à segurança das vacinas contra a hepatite-B (preparadas a partir de derivados sanguíneos americanos) e ao tratamento dos hemofílicos, pelas mesmas razões.

No fim de contas, perante a necessidade de tratar hemofílicos face a um fraco risco e à importância da vacinação das populações expostas — contra a hepa-

tite-B — sob reserva pelo respeito de rigorosas normas de segurança —, os responsáveis da saúde e os grandes organismos internacionais recomendavam que essas terapêuticas não fossem abandonadas.

Paralelamente, eram recomendadas a informação dos grupos mais expostos e a sua exclusão voluntária dos dadores de sangue.

O «medo do sangue» provocou, por outro lado, uma dramática colecta de sangue nos Estados Unidos, indo as pessoas ao ponto de pensar que o próprio acto de o darem era perigoso.

Contudo, a origem da «SIDA» continua obscura. A «rede haitiana» e a «pista africana» estão a ser exploradas. O inquérito levado a cabo nas Antilhas e na África Equatorial (designadamente no Zaire), onde a proporção de mulheres atingidas é muito maior que nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, deverá ser rico de ensinamentos.

Enquanto as investigações continuam, prosseguem as experiências terapêuticas, não se podendo falar ainda de um progresso espectacular.

BMW-Concessionários

SCIA-FRANCISCO BATISTA RUSSO & Irmão S.A.R.L.

CAMPOLIDE

RUA DE CAMPOLIDE, 31 - A - 1000 LISBOA

TELF: 654114 - TELEX 64140 CAMPL.

STAND - AV. ANT. A. AGUIAR, 3-B - TELF: 559979 - 1000 LISBOA

VIA RÁPIDA

- RUA MEL. PINTO DE AZEVEDO, 510 - 4100 PORTO

TELF: 676045 - TELEX 25323 PRUSSO

STAND - RUA STO. ILDEFONSO, 535 - TELF: 572503 - 4000 PORTO

VEJA OS NOVOS MODELOS BMW

NOS NOSSOS STANDS DE LISBOA E PORTO

— FAÇA A SUA RESERVA —

- VENDAS
- SERVIÇOS
- PEÇAS



Pelo prazer de conduzir

24 horas

Angola-Alto Volta

O presidente angolano Eduardo dos Santos, deixou Uagadugu ontem ao fim da tarde, após uma visita de algumas horas ao Alto Volta, durante a qual se encontrou com o seu homólogo, capitão Thomas Sankara. Não transpirou qualquer informação sobre o teor do encontro. Antes do regresso de José Eduardo dos Santos a Angola, via Cotonú (Benim), o presidente Sankara garantiu-lhe a «solidariedade militante do povo do Alto Volta ao lado do povo angolano na luta contra o imperialismo e o racismo na África Austral. Anteriormente o presidente angolano visitara Conakry.

Recontros no Senegal

O ministro do Interior senegalês, Ibrahim Wone, ao visitar Ziguinchor, declarou que morreram vinte e cinco pessoas nas escaramuças de domingo passado em Casamansa. Entre as vítimas, figuram 19 manifestantes e 6 membros das Forças da Or-

dem. Contudo, os observadores pensam que poderá ser mais elevado o número de manifestantes mortos nestes recontros que opuseram independentistas Diolas às forças de segurança em Ziguinchor (300 km a sul de Dacar).

Alta tecnologia

As alfândegas americanas apreenderam ontem no Aeroporto Internacional de Denver (Colorado) material de alta tecnologia que devia seguir para a União Soviética, via Alemanha Federal, anunciaram fontes oficiais. Dois homens de negócios, Norman Comerford, de 38 anos, um britânico, e o seu sócio Bruce Adamsky, de 30 anos, americano, foram presos na sede da sua sociedade e acusados de violação da lei sobre as exportações de armas, soube-se de fonte judiciária.

Mísseis da África do Sul

As autoridades sul-africanas começaram a preparar terrenos para o lançamento de mísseis na costa da província do Cabo, revelou hoje o jornal «Rand Daily Mail» de Joanesburgo, citado pela «Novosti». O território onde os mísseis serão instalados foi declarado

«reserva nacional» e é gerido pela companhia militar industrial «Armcor». Em breve começarão os ensaios de mísseis de médio alcance e canhões de longo alcance «J» e «J-6». Estes sistemas podem ser vectores de armas nucleares e químicas.

Prisões na Polónia

A Polícia Política (SB) de Wrocław, sudoeste da Polónia, prendeu 18 militantes do sindicato ilegalizado Solidariedade, que prosseguem actividades sindicais, anunciou a agência oficial PAP. A agência que não precisou a data das detenções, indica que todos os presos trabalhavam na fábrica «Polar» especializada no fabrico de electrodomésticos.

Congresso da IAS

O segundo congresso da Intercontinental Socialista (IAS) exprimiu «a sua profunda preocupação a respeito das ameaças que continuam a pesar sobre o futuro da OUA», numa resolução relativa aos problemas internacionais adoptada no termo dos seus trabalhos em Dakar (Senegal).

Sublinhando que a «sensatez» tinha permitido evitar o desmoronamento da Organização da Unidade Africana (OUA), a resolução convida os Estados membros «a empenharem-se resolutamente na via de uma solução aceitável para todos os conflitos entre africanos».

Prisão de suspeitos em Londres

Quatro pessoas foram presas esta manhã em Londres no âmbito do inquérito ao atentado de sábado junto das grandes armazéns Harrods, reivindicado pelo IRA «provisório» de que resultaram 5 mortos e 91 feridos anuncia a Scotland Yard. As prisões foram feitas ao alvorecer por inspetores da Scotland Yard acompanhados de membros da brigada antiterrorismo.

Militares reintegrados

O Parlamento Espanhol admitiu ontem uma proposta de lei que reintegra os militares que defenderam o regime republicano durante a guerra civil espanhola de 1936 a 1939. A proposta prevê que os militares do quadro permanente sejam reintegrados na patente que te-

riam atingido se tivessem permanecido no activo até agora com a antiguidade correspondente. A proposta foi apresentada pelo grupo socialista maioritário nas duas Câmaras do Congresso Espanhol, pelo que não existem dúvidas sobre a sua aprovação.

Morte em Timor

Único genro do presidente Suharto da Indonésia Prabowo, faleceu este mês num hospital de Jacarta, vítima da guerra em Timor-Leste — disse à ANOP fonte timorense, em Lisboa. Ferido pelos guerrilheiros da Fretilin durante um ataque que estes fizeram a Dili em Agosto último, o marido da única filha do presidente indonésio foi então retirado para Jacarta, onde faleceu depois de alguns meses de internamento no hospital — indicou aquela fonte.

Protesto chinês

A China protestou vigorosamente contra os novos ataques sul-africanos a Angola e exigiu que cessem imediatamente. O vice-director do Departamento de Informação do Ministério dos Negócios Es-

trangeiros, Wang Zhenyu, disse aos jornalistas que os ataques sul-africanos são «uma nova violação da soberania do território angolano e um novo crime».

Mafia Calabresa

Foram passados ontem 124 mandatos de captura pelo procurador do Catanzaro, contra elementos da «N'Drangheta», Mafia Calabresa. Estes mandatos de captura dizem respeito a factos ocorridos na sua «maior parte nos anos 1975/1977».

A «Stern» revela

Pershing-2 podem destruir 65% do potencial da URSS

Um ataque de mísseis Pershing-2 contra a URSS destruiria 65 por cento do potencial civil e militar do Ocidente soviético — afirma a revista oeste-alemã «Stern», num artigo para o qual se apoia em documentos secretos norte-americanos. O semanário afirma ainda que nessa eventualidade os mísseis SS-4 e SS-20 daquela zona seriam destruídos, bem como os aeroportos onde estão baseados os bombardeiros nucleares soviéticos.

Segundo a revista, estes mísseis são a primeira arma nuclear norte-americana capaz de alcançar alvos soviéticos num lapso de tempo que oscila entre os nove e os catorze minutos e com uma margem de erro de trinta metros. Entre a ordem de disparar o tiro e o disparo estes mísseis precisam apenas de 15 minutos. Além disso, são facilmente detectáveis devido à mobilidade das suas rampas de lançamento, o que lhes permite evadir-se a possíveis ataques ou contra-ataques determinados em Moscovo.

Outras informações realmente cheias de novidade dizem respeito ao número dos Pershing-2 e ao facto de eles não substituírem os Pershing-1, como sempre se afirmou. Até agora estava também em dúvida o número dos novos mísseis. Segundo a «Stern» (citada entre nós pela ANOP) os EUA requereram o fabrico de mais 380 Pershing-2 que a todo o momento podem vir para a Europa juntando-se aos 108 previstos. O esquema defensivo do Pentágono que a «Stern» revela diz ainda que entre 1985 e 1989, a Europa contará com 250 ogivas nucleares em mísseis e bombardeiros, os quais, em caso de alarme primário, seriam acrescidos de 550 armas, entre elas todos os Pershing-1 e Pershing-2 dos exércitos norte-americanos e alemão federal. Em caso de alarme máximo, e ainda segundo o mesmo esquema defensivo do Pentágono (Guia de Defesa) reve-

lado pela «Stern» entrariam em acção todas as armas nucleares na Europa Ocidental (duas mil, segundo o mesmo fonte).

O potencial destrutivo dos Pershing-2 já era conhecido dos especialistas, mas o que se ignorava era o número de Pershing-2, que agora sobe para 498 e o facto de os Pershing-1 se manterem operacionais.

Cuellar apela ao diálogo

O secretário-geral das Nações Unidas, Perez de Cuellar, lançou ontem um apelo à URSS e aos EUA para que regressem às conversações sobre armas nucleares, ao proferir a sua habitual conferência de imprensa de fim de ano. Cuellar convidou os presidentes Reagan e Andropov a assumirem as suas responsabilidades e lembrou que as duas maiores potências mundiais devem encontrar meios de limitar a corrida aos armamentos «por elas mesmas e pela humanidade inteira».

Este apelo não terá qualquer viabilidade, uma vez que a URSS já declarou repetidamente e voltava ontem a afirmar no jornal do Comité Central do PCUS que «não atenderá a qualquer mediação» para retomar o diálogo com os EUA, enquanto houver novos mísseis americanos na Europa.

Por sua vez, o comentarista soviético Viktor Alexandrov, em comentário resumido pela agência Novosti, diz que as palavras dos EUA sobre a retirada soviética das negociações de Genebra são «lágimas de crocodilo», pois os EUA sempre souberam que a URSS abandonaria as negociações. Alexandrov refere ainda que a URSS não regressará às negociações que estavam apenas a servir de cobertura para o rearmamento dos EUA, acrescentando que Washington se sente desconfortoso porque a decisão da URSS lhe frustra os planos de rearmamento.

Bélgica talvez diga «não».

O governo belga decidirá em Conselho de Ministros, a reunir no dia 23 ou no dia 30 deste mês, a posição final que adoptará quanto à instalação no seu território de 44 mísseis de «Cruzzeiro», informa a ANOP, citando o porta-voz governamental de Bruxelas. Segundo a ANOP, uma sondagem da revista belga «Panorama» demonstrou que mais de metade dos eleitores do partido de primeiro-ministro, Wilfried Martens, manifestou intenção de abandonar o Partido Cristão-Democrata Flamenso (na coligação governamental). Outra facção do partido, o Movimento Operário Cristão, que tem vários ministros no executivo, pretende uma moratória de seis meses para que o governo adopte uma posição. Os partidos da oposição e as centrais sindicais são todos contra a instalação dos mísseis.

Enquanto isto, prossegue, a nível bilateral, o diálogo Leste-Oeste: ontem em Bona os ministros dos Negócios Estrangeiros húngaro e alemão ocidental sublinharam em conjunto a importância da próxima conferência europeia sobre o desarmamento em Estocolmo.

Gensher manifestou o desejo de que os ministros dos Negócios Estrangeiros de ambos os blocos político-militares assistam à conferência. Do lado da NATO estarão presentes todos os ministros dos Negócios Estrangeiros, segundo anunciou o secretário de Estado norte-americano, George Shultz. Segundo a agência polaca PAP, os vice-ministros dos Negócios Estrangeiros do Tratado de Varsóvia reuniram-se anteontem e ontem na capital polaca para debaterem a conferência de Estocolmo.

Outra conferência do tratado de Varsóvia foi a que reuniu em Moscovo oficiais dos sete países-membros para análise da guerra psicológica do imperialismo contra o socialismo.

Bispo de Bluefields assassinado por contra-revolucionários da FDN — acusa o Governo da Nicarágua

Monsenhor Salvador Schlaefer, de nacionalidade norte-americana, bispo de Bluefields (sudeste da Nicarágua), foi assassinado pelos contra-revolucionários que o tinham raptado, na passada terça-feira, no norte do país — anunciou ontem à noite o governo de Manágua.

O comunicado oficial, difundido pela Rádio Nacional, precisa que o bispo foi morto «quando resistia aos seus raptos», membros da «Frente Democrática Nicaraguense» (FDN, controlada por ex-guardas somozistas), procedentes das Honduras.

De acordo com o texto oficial, foram enviadas tropas do Exército sandinista para a região de Zelaya, próximo da localidade de Francia Sirper, local onde ocorreu o rapto.

De notar que, há uma semana, dois mil elementos da FDN (organização que beneficia das «acções encobertas» da CIA) tinham lançado uma ofensiva na região, onde a contra-revolução procura por todos os meios congregar os índios misquitos para o seu lado.

Até agora, por parte da Igreja, não foi dado qualquer pormenor sobre as razões da presença do

bispo no norte da Nicarágua, longe da sua diocese. No entanto, em Washington, o porta-voz da secretaria de Estado, Alan Rombers, informou que o bispo Schlaefer faz (ou fazia) parte de um grupo de «voluntários» que trabalham na província de Zelaya, junto, precisamente, dos índios misquitos.

Dúvidas dos EUA e da Igreja

O mesmo Alan Romberg disse ontem que as informações sobre o «aparente» sequestro do bispo norte-americano são «bastante confusas» e que os EUA estão a tentar comprovar a sua veracidade. Quanto ao comunicado oficial do governo da Nicarágua, o porta-voz da Casa Branca indicou que não podia confirmar o seu conteúdo.

Por sua vez, o arcebispo de Manágua, monsenhor Miguel Obando, que se tem destacado como um dos prelados mais conservadores da Igreja latino-americana, depois de pôr em dúvida a versão dada pelo governo sandinista sobre o destino do bispo de Bluefields, afirmou que a Igreja nicaraguense «tomaria rigorosas sanções contra aqueles que o assassinaram».

A conferência episcopal da Nicarágua deve hoje reunir-se de urgência. Os bispos fizeram ontem diligências no sentido de obterem uma «informação directa» sobre o que se passou com monsenhor Schlaefer.

FDN assalta cooperativa

A cooperativa Augusto Cesar Sandino, situada nas proximidades da cidade de Quilali, a 250 quilómetros de Manágua, foi atacada, no passado fim-de-semana, por 200 elementos da FDN, que depaaram com a resistência dos camponeses.

Fontes oficiais disseram que, durante a retirada, os contra-revolucionários da FDN, que tiveram nove baixas na operação, deixaram caixas de munições «com arcas da NATO», transportadas para as Honduras pelos Estados Unidos durante as manobras «Pino Grande», e entregues aos contra-revolucionários.

De acordo com testemunhas oculares, enquanto um grupo de milicianos defendia a cooperativa mais de cem velhos e crianças foram transferidos para zonas seguras.

Atentado

Dois atentados reg contra um posto do contra-revolucionário Multinacional e o bar menos 15 mortos, entre outros e mais de 30 feridos para-quedistas franceses.

Pelo menos 15 pessoas, entre as quais um soldado francês, foram mortas e mais de 30 ficaram feridas em dois atentados perpetrados ontem em Beirute e que visaram um posto do contingente francês da Força Multinacional estacionada no Líbano e o bar do hotel Marble Tower. Esta manhã, a organização «Jihad Islâmica» reivindicou, num telefonema dirigido à delegação da agência France-Press em Beirute, a responsabilidade do atentado contra o posto francês.

O desconhecido que fez a ligação indicou que a sua organização dá «um prazo de dez dias às forças francesas e americanas para que evacuem o território libanês, sem o que haverá um verdadeiro tremor de terra sob os seus pés».

Recorda-se que a «Jihad Islâmica» tem reivindicado, nos últimos tempos, os atentados cometidos na capital libanesa contra os contingentes francês e americano da Força Multinacional, bem como o dirigido contra a Embaixada dos EUA em Beirute. Os seus mais recentes atentados tiveram lugar, este mês, no Koweit.

Entretanto, o ministério francês da Defesa anunciou que 14 civis libaneses foram mortos e outros 12 ficaram feridos no atentado que visou o posto do seu contingente no Líbano. O balanço sofrido pelo contingente francês é de um morto e 16 feridos, um deles com gravidade, segundo o comunicado do Ministério da Defesa.

Os atentados

Cerca das 18.30 locais de ontem um carro armadilhado explodiu frente ao posto «Fragata», no centro de Beirute, situado a algumas centenas de metros do Quartel-General francês na capital libanesa. Quase simultaneamente, uma explosão destruiu o bar do hotel Marble Tower, em Beirute Oeste.

Um porta-voz francês indicou que a explosão fronteiriça ao posto «Fragata» fez desabar um edifício civil e danificou uma parte daquele posto. O mesmo responsável assinalou que um comando das «Kataeb» (falanges) se encontrava

Pres

O presidente argentino Raul Alfonsín recebeu hoje representantes das Mães da Praça de Maio e personalidades defensoras dos Direitos do Homem, incluindo o Prémio Nobel da Paz de 1980, Adolfo Pérez Esquivel.

As Mães, que durante sete anos se manifestaram em frente do palácio governamental, cujas portas agora lhes foram fechadas, reclamam os seus filhos desaparecidos devido a repressão desencadeada pelos militares a pretexto do combate à subversão. Pretendem que o actual Governo ordene o julgamento, em tribunais civis e não pelo

Reivindicados pela Jihad Islâmica

Atentados em Beirute fazem 15 mortos

Arafat encontra-se hoje com Moubarak

Os registados ontem em Beirute pelo contingente francês da Força bar de um hotel fizeram pelo menos os quais um soldado fran- feridos: 12 civis libaneses e 16 franceses. O atentado contra o

posto foi reivindicado pela «Jihad Islâmica». Entretanto, Yasser Arafat chegou esta manhã ao palácio de Koubbeh, nos arredores do Cairo, onde se encontrará, segundo fonte oficial, com o presidente egípcio, Hosni Moubarak.

«O combate agora será mais fácil porque a faca síria está longe da nossa garganta», tendo lamentado ainda que o cerco de Trípoli, norte do Líbano contra as suas tropas tenha sido «imposto por uma colaboração sírio-israelita».

Interrogado pelo jornalista da France-Press, o líder da OLP revelou que durante o cerco de Trípoli os sauditas tinham-lhe proposto partir para a Síria. Arafat acrescentou ter recusado, esta oferta «para não dar cobertura à agressão síria». Por outro lado precisou que havia 3535 pessoas, incluindo 500 mulheres e crianças, a bordo do seu barco e nos dois outros que o acompanham.

O destino dos três barcos, que continuam sob escolta de três unidades da marinha francesa continua a ser oficialmente o lemen do Norte. Mas de fonte palestina não se exclui um desembarque de uma parte dos combatentes no Sudão.

«Acontecimento grotesco»

A evacuação das forças da OLP de Trípoli foi um «acontecimento grotesco» e deu lugar a «um abuso sem precedentes» da bandeira da ONU, considera a missão israelita nas Nações Unidas num comunicado publicado ontem.

«A ONU e os países ocidentais permitiram assim que Arafat e os seus terroristas escapassem de Trípoli, sem mesmo terem recebido a garantia de que eles abandonariam a via do terror, prosseguem o comunicado.

Entretanto, o primeiro-ministro israelita, Yitzhak Shamir, desmentiu ontem no Knesset (Parlamento) que esteja em desacordo com o ministro da Defesa, Moshe Arens, e afirmou que Israel atacará os terroristas palestinos onde eles estiverem».

Enquanto isso, o presidente do Conselho Nacional Palestino (CNP-parlamento da OLP), Khaled El-Fahum, declarou que tentava com o apoio de vários dirigentes palestinos, organizar uma reunião de emergência de todas as componentes da OLP para impedir a desintegração do movimento.

Numa entrevista concedida em Damasco e publicada 4.ª feira pelo «New York Times», Fahum comentou que se os diferentes movimentos da OLP não se reconciliarem, «haverá duas OLP e isso quer dizer que deixará de haver OLP».



Um carro armadilhado explodiu ontem frente a um posto do contingente francês da Força Multinacional em Beirute. Quase em simultâneo, uma explosão destruiu o bar de um hotel. Os dois atentados fizeram pelos menos 15 mortos, entre eles um páraquedista francês

perto do local do atentado. Uma fonte oficial libanesa indicou, por seu lado, que o motorista de camião armadilhado tinha fugido imediatamente antes de explosão. A rádio líbano anunciou, entretanto, que um membro da defesa civil libanesa foi morto e dois outros feridos por tiros quando chegaram ao local do sinistro. A origem dos tiros não foi identificada. Contudo, militares libaneses afirmaram que os pára-quedistas franceses abriram fogo contra todos os veículos que se aproximavam do posto, à excepção das ambulâncias.

Entretanto, a agência soviética TASS acusou indirectamente os serviços especiais americanos e israelitas de recorrerem a «actos terroristas» no Líbano. Referindo os dois atentados de ontem em Beirute, a TASS, apoiando-se em «observadores locais», afirma que «os terroristas, a fim de provocarem uma nova deterioração da situação nas cidades libanesas».

Ainda durante o dia de ontem uma patrulha de «marinheiros» foi alvejada perto da Embaixada dos EUA, em Beirute, tendo um deles ficado ferido. Segundo a Rádio Líbano, um desconhecido abriu fogo em direcção à patrulha com uma arma munida de um silenciador.

«Raid» israelita

Um iraniano e um libanês foram mortos e quinze pessoas ficaram feridas na quarta-feira de manhã em consequência do «raid» israelita contra posições chitas em Baalbek, centro do Líbano, segundo indicaram correspondentes da imprensa na região. Um dos objectivos visados pela aviação israelita foi o quartel xeique Abdallah, já atingido por aviões franceses há cerca de um mês.

Arafat no Cairo

Yasser Arafat é esperado

hoje no palácio de Kubbeh, nos arredores do Cairo, onde será recebido pelo presidente Hosni Mubarak, segundo indicou esta manhã uma fonte oficial egípcia. O líder da OLP desembarcou hoje em Ismailia, onde foi recebido pelo primeiro-ministro egípcio, Fuad Bohieddine e, segundo a mesma fonte, teria expresso na altura o seu desejo de se encontrar com o chefe de Estado do Egipto.

Esta é a primeira visita de Arafat ao Egipto desde Novembro de 1977. Entretanto, fonte informada da capital tunisina anunciou que o líder da OLP é ainda hoje esperado em Tunes, para onde seguirá de avião.

Falando hoje aos jornalistas em Por-Said, a bordo do «Odysseus Elytis», Arafat precisou: «continuo fiel aos meus compromissos e ao meu juramento de libertar a Palestina, sejam quais forem os obstáculos e a actual situação». Referindo-se à actual situação na OLP, Arafat disse

Argentina

Presidente recebeu Mães da Praça de Maio

Conselho Supremo das Forças Armadas, dos militares responsáveis pela denominada «luta anti-subversiva» que lhes levou os filhos.

Na opinião do presidente argentino, que antes de assumir o cargo se reuniu com a organização de mulheres, ainda existem desaparecidos com vida.

As entidades que reclamam a verdade sobre o sucedido durante a repressão militar defendem que essa acção provocou o desaparecimento e, em alguns casos, a morte de 30 mil pessoas.

Um dos principais acusados da repressão é o general Ramon

Camps, ex-chefe da Polícia de Buenos Aires, que após um período de férias no Uruguai, declarou que não é responsável «nem pouco mais ou menos» pela morte de milhares de pessoas, «ao contrário do que afirmam alguns meios Camps disse, no entanto, que «a luta anti-subversiva foi uma guerra aberta e declarada», durante a qual «obedeceu a ordens superiores».

As Mães da Praça de Maio exigem que «sejam desmascarados» todos os que deram e receberam essas ordens «porque — dizem — agora, todos os que se excederam, torturaram sadica-

mente, privaram ilegítimamente da liberdade milhares de pessoas e assassinaram em massa, dizem que o fizeram em obediência a ordens».

«O que falta saber e esclarecer — acrescentam — é quem ordenou semelhante genocídio e também onde estão alojados ainda os presos — desaparecidos que queremos encontrar com vida».

Militares em tribunal

O antigo chefe da Marinha de Guerra argentina, almirante Ru-

ben Franco, compareceu ontem perante o juiz que investiga a eventual obstrução militar à actividade dos tribunais que procuram esclarecer o desaparecimento de uma militante comunista.

Na passada terça-feira, foraa vez do ex-titular do Exército, general Cristino Nicolaides, comparecer perante o juiz Garcia Mendez.

Fontes judiciais disseram que tanto o almirante Ruben Franco como o general Nicolaides responderam «de forma insuficiente e esquiva» quando interrogados sobre o desaparecimento da militante Inés Olieros.

Por motivos de saúde

Prisão domiciliária para Antonov

Serguei Antonov, preso há um ano por «participação activa» no atentado contra o Papa João Paulo II a 13 de Maio de 1981, foi colocado sob prisão domiciliária por motivos de saúde, por determinação do juiz Lário Martala.

Segundo um relatório médico, Antonov, director adjunto das linhas aéreas búlgaras Balkanair em Roma, perdeu dez quilos nos dez meses em que esteve preso. Sofre de anorexia, de problemas gástricos e também psíquicos.

O advogado de Antonov pediu pela quarta vez a libertação provisória do seu cliente, mas esta foi novamente recusada.

Escortado pela Polícia, Antonov seguiu imediatamente para a sua residência na Via Galiani, um prédio onde se encontram aloja-

dos vários membros da comunidade búlgara.

«É o dia mais belo da minha vida», repetia ao longo de todo o trajecto entre a prisão e Rebibbia e a sua residência, segundo declarou o cônsul búlgaro em Roma, Ivanov Ghenev, aos jornalistas que o aguardavam à entrada do prédio da Via Galiani.

Antonov, envergando um fato azul, camisa da mesma cor, algemas nos pulsos, entrou rapidamente no edifício, ladeado por dois agentes, sem ter tempo para saudar a multidão ali aglomerada e baixando a cabeça para não ser fotografado.

Importantes efectivos da Polícia tomaram posição em volta do prédio e nas ruas vizinhas.

Grã-Bretanha

Fugas radioactivas geram processos e contestação

Fugas radioactivas na central nuclear de Sellafield (antiga Windscale), no Noroeste da Inglaterra, poderiam dar lugar a processos judiciais, afirmou quarta-feira nos Commons o ministro do Meio-Ambiente, Patrick Jenkin.

A British Nuclear Fuels Limited (BNFL), responsável da central de Sellafield, tinha anunciado recentemente que um erro humano estava na origem da descarga no mar da Irlanda material radioactivo em Novembro último.

O ministro revelou que tinha sido apresentado um «dossier» ao procurador geral. A fuga, explicou, devia-se a um «erro administrativo» numa operação de manutenção. «Uma quantidade não negligenciável de pro-

duto radioactivo foi descarregada», indicou Jenkin, embora precisando que o risco corrido pela população era «extremamente fraco».

Várias praias, junto à central, foram depois fechadas ao público e um porta-voz do Ministério do Meio-Ambiente tinha revelado que algas contendo entre 100 e 1000 vezes o nível considerado normal de radioactividade, tinham sido encontradas na costa perto da central.

A organização ecologista Greenpeace tinha sido a primeira a denunciar a poluição da praia de Windscale e tinha tentado bloquear as canalizações de lançamento dos detritos no mar para protestar contra as fugas radioactivas.

Depois do atentado

Vários estrangeiros detidos na capital turca

Vários cidadãos estrangeiros foram presos, em consequência do atentado com um carro armadilhado perpetrado ontem de manhã em Ankara, revelou ontem à noite um comunicado do comando do estado de sítio da capital turca.

O comunicado precisa que as autoridades militares tinham recebido, antes do atentado informações referindo «a chegada de membros de uma organização decididos a efectuarem atentados à bomba». Por isso, as medidas de segurança foram reforçadas em Ankara.

As autoridades militares não indicam nem o número nem a nacionalidade das pessoas presas. Precisam, contudo, que o «estrangeiro» que tinha alugado a viatura amadilhada foi preso antes da explosão.

Esta prisão, acrescenta o comunicado, explica que a viatura não tenha sido conduzida para junto do «seu verdadeiro objectivo» que as autoridades militares se recusam a revelar «nor

causa do inquérito».

O novo primeiro-ministro turco, Turgut Ozal, declarou, por outro lado, que os atentados perpetrados ontem na Turquia e a tentativa de segunda-feira em Izmir não lhe pareciam «dirigidos contra a Turquia mas sim relacionados com a guerra do médio Oriente».

Interrogado por um jornalista na Assembleia Nacional turca, Ozal confirmou a prisão de dois homens suspeitos de serem os responsáveis pelo atentado de Ankara. Acrescentou que seriam de nacionalidade síria e iraniana.

Na segunda-feira à noite em Izmir (sudeste da Turquia), uma viatura cheia de dezenas de quilos de explosivos tinha sido descoberta e neutralizada quando estava estacionada entre o centro cultural francês e um clube de oficiais americanos.

Em Istambul uma bomba explodiu ontem de manhã perto de uma velha fonte, não muito longe do consulado iraquiano, ferindo quatro transeuntes.

Exilados chilenos não passarão o Natal no seu país

As autoridades chilenas excluem a possibilidade de uma autorização de regresso que poderia ser concedida no Natal «a um número importante de exilados», como certas informações recentemente publicadas pela imprensa tinham feito crer.

Esta notícia foi dada ontem por um conselheiro do ministro do Interior, Gonzalo Eguiguren. «Não se deve esperar uma notícia especial por ocasião das festas antes do fim do ano», disse Eguiguren.

O ministro, Sérgio Onofre Jarpa, confirmou na terça-feira, num

discurso pronunciado em Puerto Montt, 1100 km a sul de Santiago, que o governo militar estava a estudar um relatório sobre o problema dos exilados políticos há já algum tempo: «O assunto está a ser estudado, disse, e o governo está perfeitamente disposto a que regressem todos os que não venham criar problemas de subversão ou de terrorismo.»

Entretanto, movimentos femininos opositoristas chilenos convocaram para dia 29 uma manifestação de mulheres contra o regime do general Augusto Pinochet.

SIORTO

SOCIEDADE INDUSTRIAL
DE ORTOPEDIA, LDA.

Deseja à Exm.ª Classe Médica e Amigos

FESTAS FELIZES

Avenida Almirante Reis, 173, r/c., Esq.ª
LISBOA

«SOGUATRO-SOCIEDADE DE GESTÃO DE PROJECTOS E OBRAS LIMITADA»

17.º CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA
RUA ALEXANDRE HERCULANO, 29-1.º Esq.ª
NOTÁRIO
LIC. ANTÓNIO MANUEL GONÇALVES SALDANHA

1— CERTIFICO, para fins de publicação que por escritura outorgada em 24 de Novembro corrente, lavrada no livro de notas número 234-F de fls. 82 a fls. 84 verso, foi constituída a sociedade em epigrafe, que adoptou o pacto constante dos artigos seguintes:

PRIMEIRO. A sociedade adopta a denominação «SOGUATRO — SOCIEDADE DE GESTÃO DE PROJECTOS E OBRAS, LIMITADA», tem a sua sede em Lisboa na Avenida Óscar Monteiro Torres, número oito, quarto esquerdo, freguesia de S. João de Deus.

SEGUNDO. A sociedade durará por tempo indeterminado, contando-se de hoje o seu início.

TERCEIRO. O objecto da sociedade é a realização de projectos, planeamento, coordenação e fiscalização de obras, prestação de serviços de consultoria técnica e a elaboração de estudos de planeamento urbanístico, podendo participar em outras sociedades.

QUARTO. O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de QUATROCENTOS E CINQUENTA CONTOS e corresponde à soma das seguintes quotas: uma de duzentos e cinquenta contos pertencente à associada «SOGUINCO — Sociedade de Gestão e Consultoria, Limitada», uma de cento e vinte contos pertencente à associada «CHARNEIRA — Sociedade de Estudos e Gestão, Limitada» e outra de oitenta contos pertencente à associada «BUGIO — Arquitectura e Decoração, Limitada».

QUINTO. A cessão e/ou divisão de quotas depende, em qualquer caso, do consentimento da sociedade.

SEXTO. 1. A sociedade poderá amortizar ou adquirir qualquer quota do seu capital nos casos seguintes:

a) Involuntária e/ou falência do sócio titular e ainda no caso de penhora, arresto, arrolamento, venda judicial ou adjudicação de quota; e
b) cessão de quota sem o consentimento da sociedade.

2. A amortização ou aquisição será realizada pelo valor da quota determinado pelo último balanço aprovado devendo ser pago em cinco prestações trimestrais, iguais.

3. A amortização considera-se realizada com o depósito da primeira prestação na Caixa Geral de Depósitos à ordem de quem de direito.

SÉTIMO. 1. Todos os sócios são gerentes da sociedade.

2. A sociedade obriga-se com a intervenção em seu nome de dois gerentes.

3. À gerência competem os mais amplos poderes de representação da sociedade, em juízo e fora dele, em tudo quanto for necessário à realização do objecto social, podendo constituir mandatários da sociedade nos termos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.

4. Os gerentes exercerão os seus cargos sem prestação de caução e retribuição ou não remuneração conforme o deliberado em assembleia geral.

OITAVO. As assembleias gerais da sociedade serão convocadas por via de carta registada com aviso de recepção, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias, salvo em casos para os quais a lei prescreva formalidades e prazos especiais.

Lisboa e Décimo Sétimo Cartório Notarial aos trinta de Novembro de mil novecentos e oitenta e três

O Ajudante

a) Edite da Piedade Inácio Marques

Caminhos de Ferro Informação
Portugueses

FESTAS DE NATAL E ANO NOVO

ALTERAÇÕES DE HORÁRIOS

Informam-se os Senhores Passageiros de que no período do Natal e Ano Novo serão efectuadas circulações especiais até ao dia 6 de Janeiro de 1984.

Entretanto, serão suprimidas algumas circulações nos dias 24, 25, 31 de Dezembro e 1 de Janeiro de 1984.

Para informações mais detalhadas, os Senhores Passageiros devem consultar as nossas Secções de Informações ou os Avisos afixados nas estações.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DO BARREIRO

ANÚNCIO

Proc. N.º 75/81 A
1.ª S.ª J.

No dia 16 do próximo mês de Janeiro pelas 14 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, nos autos de Execução de Sentença em que é exequente SEBASTIÃO MARQUES DE CAMPOS, casado, servente, residente na Praça da Liberdade, n.º 4-3.º Esq.º no Barreiro e executado MANUEL ANTÓNIO NUNES RODRIGUES, solteiro, operário químico, residente na Rua Mouzinho de Albuquerque, n.º 45, 3.º Esq.º no Barreiro, há-de ser posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor indicado no processo o seguinte bem: Um motociclo de passageiros, da marca Honda, modelo CL-350, matrícula LU-67-43, com o número de quadro CL-350-3047713 e o número de motor CL-350 E — 314813, de 2 cilindros e 325 cm3 de cilindrada, gasolina, de dois lugares e assento duplo de cor azul e preta, em mau estado geral de conservação, possivelmente com peças em bom estado mas não se sabe o da frente vazio devido a avaria na câmara de ar, com muitos pontos de ferrugem (quer nos correntes quer na pintura, com o motor em mau estado por desde há muito não trabalhar.

BARREIRO, 9 de Dezembro de 1983,

O Juiz de Direito,
a) Ezequiel Sánchez Canova,
O Escrivão Adjunto,
a) Maria Júlia Santos
Padiha Fragoço,

—DL— 22/12/83 — 1.ª Pub.

23.º CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

A CARGO DO
NOTÁRIO-LIC.
HENRIQUE VAZ
LACERDA

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por escritura de 23 de Setembro corrente, lavrada de folhas 46 verso, a folhas 48 verso, do livro de notas para «escrituras diversas», N.º 14-B, deste Cartório, António Joaquim Coelho Fonseca, deixou de fazer parte da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, «FONSECA & FERNANDO MENDES, LIMITADA», com sede provisória na Rua Professor Celestino da Costa, n.º 3, r/c, direito, frente, na freguesia da Penha de França, em Lisboa e autorizou que o seu apelido «Fonseca», continuasse a fazer parte da firma social.

Pela mesma escritura, Maria Judite Ribeiro Pereira Mendes Dias e Joaquim Fernando Valeira Mendes Dias, como únicos e actuais sócios da referida sociedade, alteram a redacção do artigo 6.º do respectivo pacto social, a qual passa a ser a seguinte:

«6.º — A gerência e administração da sociedade, bem como a sua representação, ficam a cargo do sócio Joaquim Fernando Valeira Mendes Dias, já nomeado gerente, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, bastando a sua assinatura para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos.»

ESTÁ CONFORME

Lisboa, 26 de Setembro de 1983.

O Ajudante
(Messias de Carvalho Marques)

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença de exploração em Portugal da Patente de Invenção N.º 70.641, para: «ELEMENTOS DE PAREDE RESISTENTES, PARA EDIFÍCIOS, E EDIFÍCIOS CONTENDO ESSES ELEMENTOS».

Trata: CLARKE, MODET & CA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.
1000 LISBOA

DÉCIMO QUINTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Avenida Duque de Loulé, 104

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 22 do corrente mês, lavrada neste cartório, a fls. 76, do liv.º n.º 351-C, foi dissolvida e liquidada por mútuo acordo, a sociedade «ARAÚJO & BASTOS, LTD.ª», sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede nesta cidade, a qual não tem bens de qualquer natureza, nem passivo a liquidar.

É certidão de narrativa que está conforme o original, nada havendo que restringir, ampliar, modificar ou condicionar a parte transcrita.

Lisboa, trinta de Novembro de mil novecentos e oitenta e três.

O Ajudante

Maria Celeste Soares Pais Basílio

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu filho a olhar para o lado esquerdo e para o lado direito antes de atravessar a rua



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



CARTÃO Jovem

POR 500\$00 MAIS DE 50 km SÃO MENOS 50%

Se tens mais de 12 anos e menos de 26, por que esperas?

Compra já o teu Cartão Jovem por apenas 500\$00!

E multiplica as tuas viagens durante as férias.

Porque com o Cartão Jovem tu compras bilhetes para qualquer percurso superior a 50 Km, com redução de 50%, até 30 de Setembro!

E viajas em qualquer comboio, à excepção dos rápidos, internacionais e tranvias.

APROVEITA AS TUAS FÉRIAS AO MÁXIMO.
APROVEITA AO MÁXIMO O TEU
CARTÃO JOVEM

VÁLIDO ATÉ 30 DE SETEMBRO!*

INFORMA-TE JÁ NA ESTAÇÃO MAIS PRÓXIMA

* VÁLIDO TAMBÉM DE 15 A 31 DE DEZEMBRO



Comboio, a opção inteligente

CP/Design

PAGUE EM 12 MESES

SEM AUMENTO DE PREÇO

M.L.FERREIRA

RUA D. ESTEFÂNIA, 48 - A

AV. DA REPÚBLICA, 54 - B

1000 LISBOA

Machel em Bissau falou a jornalistas portuguesas

Encontro entre Moçambique e a África do Sul é "crucial para a vida da África Austral"

O «DL» divulga hoje o texto do encontro mantido pelo presidente Samora Moisés Machel com a Imprensa portuguesa que esteve em Bissau a cobrir a cimeira dos «cinco». No extracto que publicamos, o presidente moçambicano refere-se às conversações entre Maputo e Pretória. Recorda-se que Machel pretendeu distinguir os jornalistas portugueses tendo dado em primeira mão a notícia das conversações entre os dois países.

«(...) Estão a decorrer conversações entre Moçambique e a África do Sul no reino da Suazilândia.

«Da parte da África do Sul participam três ministros, de Moçambique os ministros Jacinto Veloso e Oscar Monteiro, ministro na Presidência para os Assuntos Económicos e da Justiça respectivamente, o governador do Niassa, Sérgio Vieira e alguns directores bem como militares.

«São conversações cruciais para encontrar o — modus vivendi — na zona. Vizinhos não se escolhem. Somos incómodos para eles e eles são incómodos para nós. Como é que vamos viver? Não podemos mudar a geografia...

«Ontem recebi um longo «telex» dos americanos e depois da visita que fizemos à Europa, recebi vários mensageiros que me entregaram mensagens da República Sul-Africana, principalmente Portugal.

«Portugal tem interesses lá... Tem lá setecentos mil habitantes e ele ofendeu-os, o Pieter Botha, quando disse que não havia portugueses, mas sim Sul-Africanos de origem portuguesa».

Crimes dos «bandidos armados»

Imprensa portuguesa: Trata-se portanto de um encontro histórico...

Samora Machel: Decisivo. Crucial para a vida da África Austral. Eles estão conscientes disso e o Ocidente e os americanos também.

Imprensa Portuguesa: senhor Presidente, pensa que foi crucial a vinda ao Ocidente de Botha?

Samora Machel: Não, a nossa visita é que foi crucial. A dele foi em resposta. Para o Ocidente não havia RPM mas havia apenas União Soviética. Tomei um pequeno-almoço com os editores de seis importantes jornais da Grã-Bretanha. Falámos muito honestamente e eles disseram-me isso

Imprensa portuguesa: Ontem saiu uma notícia de uma tomada de uma base em Inhambane....

Samora Machel: É isso que queremos dizer aos sul-africanos. Temos três mil e quinhentos prisioneiros que foram treinados e equipados pela África do Sul. Temos toneladas e toneladas de equipamento que veio da África do Sul. Agora, o que é que a África do Sul quer que se faça deles? É esse um dos pontos de discussão. Mata-se? Mandamos de volta para eles? Vejamos, temos de desviar medicamentos, alimentação, roupa para os bandidos armados e temos de ter uma força importante a tomar conta deles quando deviam estar a fazer outras coisas.

Por isso chamei a Amnistia Internacional e a Cruz Vermelha Internacional. Vamos entregar-lhes os três mil e quinhentos homens e dizer-lhes para que eles oçam os crimes deles. Aqui o Augusto de Carvalho (antigo director do semanário Expresso de Lisboa) sabe. Ouviu dois e

África do Sul: «o agente desestabilizador»

Imprensa portuguesa: A África do Sul está preparada para atender as vossas solicitações?

Samora Machel: Tem de estar. Quer dizer o ponto principal é que a África do Sul ainda não entendeu que há já muito tempo

zador?

Nós mandámos-lhe perguntar, nestas conversações, há quanto tempo eles participam contra a nossa existência, contra a nossa independência. Os sul-africanos tiveram mesmo uma filosofia e um ditado que dizia «quando a casa do vizinho está a arder o vizinho sabe o que tem a fazer».



Os bombardeamentos e incursões sul-africanas em território da República Popular de Moçambique: nas fotos aspectos de destruição e morte na zona residencial da Matola a poucos quilómetros de Maputo

quando foi o terceiro já não aguentou. Você do «Jornal» também viu. Viram a qualidade? Levei também um jornalista do «Washington Post» para um comício em Gaza onde estavam cinquenta mil pessoas e os bandidos armados foram apresentados lá com roupas e outras coisas que tinham roubado à população. Eu disse-lhe. São estes que vocês querem cooperar? Houve muita gente que achou enojativo

o que eles contaram. Eles agem à base de droga. Não é humano colocar crianças, mulheres e velhos numa palhota e deitar-lhe fogo. São pessoas do seu próprio povo... Não é normal.

Nós devemos estudar como punir severamente os bandidos armados. Temos que diferenciar as suas categorias: aqueles que foram raptados e depois cometeram crimes, os voluntários e os dirigentes.

Lá no comício, a população pediu para matar pelo menos três. O Augusto ouviu e nós dissemos não.

luta historicamente contra nós. Começou por instalar a capital em Lourenço Marques para servir os interesses sul-africanos. O ANC nasceu na luta pelos direitos, igualdade e justiça na África do Sul em 1912, quando em Moçambique o colonialismo se estava a implantar. Portanto há 71 anos, antes de nascer o Botha ou qualquer um dos que está agora no poder na África do Sul. Mandela está preso há mais de vinte anos mesmo antes da fundação da Frelimo.

Então se eles consideram que nós é que somos os agentes desestabilizadores teremos de acusar os portugueses de apoiarem o terrorismo, porque essas coisas aconteceram mesmo antes de nós existirmos. A África do Sul participou ao lado dos portugueses na guerra colonial desde 1965. Batemos fortemente contra eles em Niassa e Cabo Delgado. O pretexto foi Cabora Bassa. Quando trouxemos a guerra mais para o sul o Smith foi encontrar-se com Caetano e pedir a entrada aberta na guerra. Quem foi então que interferiu? Quem foi o agente desestabili-

«Como a Alemanha Oriental e a Ocidental»

Imprensa portuguesa: O senhor presidente acha que na sua viagem ao Ocidente eles compreenderam isso?

Samora Machel: Sim, compreenderam, principalmente os portugueses. Eles compreenderam que quem nos ataca são aqueles ultrarascistas que fugiram para a África do Sul que tinham cantinas e que dizem aos bandidos armados para nos virem destruir essas cantinas (...) Quando a África do Sul desestabiliza a região não mais faz do que cumprir a missão que o Ocidente lhe deu.

Imprensa portuguesa: Isso será discutido nas conversações?

Samora Machel: Vai-se discutir a segurança «a cooperação económica» (ponham cooperação entre aspas) vou repetir: vai-se discutir a segurança, a economia e as relações económicas e a paz na região.

Nem um nem outro deve ata-

car, nem um nem outro deve servir de base de desestabilização. Assim é que deve ser. Como a Alemanha Oriental e Alemanha Ocidental.

Imprensa portuguesa: Que consequência é que isso vai ter para o ANC em Moçambique?

Samora Machel: Quais as consequências? O ANC está na África do Sul. Nós não temos bases do ANC em Moçambique.

Imprensa portuguesa: Os escritórios...

Samora Machel: Que são os escritórios? As bases é que são mais importantes.

Imprensa portuguesa: Claro que os sul-africanos vão querer

contra-partidas...

Samora Machel: Claro que vão. E eu sei quais são, Julga que sou palerma? (risos) Mas uma coisa deve ficar clara.

Primeiro a África do Sul não nos vai obrigar a reconhecer o regime do «apartheid». Dissemos-lo aos americanos quando estiveram em Moçambique. Segundo, a África do Sul não nos vai obrigar a reconhecer os bantustões. Queremos povos e não grupos étnicos como eles dizem. Terceiro, a África do Sul não nos vai obrigar a liquidar o ANC. O ANC é um partido que está na África do Sul, reconhecido internacionalmente.

POR QUE EDITAMOS ESTES LIVROS... QUANDO OUTROS TEMERAM PUBLICÁ-LOS?

Porque somos uma editora independente. Porque estamos a cumprir o nosso dever de editores: levar ao conhecimento de todos aquilo que só alguns sabem e que a maioria nem sequer suspeita.

E você... é dos que temem ser vistos com estes livros?

TERÁ RECEIO DE OS LER?

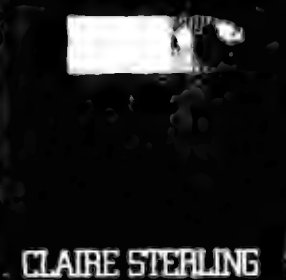


ESCÂNDALO NO VATICANO

Por estranho que pareça, tudo começou numa investigação policial de rotina num clube Playboy de N. Iorque: «coelhinhos» eram eficientes para a prostituição por elementos estranhos. Progressiva e inexoravelmente a polícia de N. Iorque, o FBI, o Departamento do Tesouro dos EUA, as polícias alemã e italiana vão deslazar toda uma teia de estranhos interesses. O relato explosivo de uma gigantesca negociação envolvendo a MAFIA, poderosos círculos financeiros da Europa e dos EUA e, no fim da meada, o Vaticano.

Um livro que poderia ser um bom romance... só que relata a realidade.

A GUERRA SECRETA DO TERRORISMO INTERNACIONAL



A REDE DO TERROR

Há uma direita da esquerda? Há uma esquerda da direita? Há bons e maus assassinos? Até que ponto se confundem no interesse desestabilizador das sociedades?

Países envolvidos neste livro como vítimas ou como autores: Portugal, Espanha, Itália, Grécia, Irão, Irlanda, RFA, França, Líbia, Palestina, Cuba, Brasil, Suíça, Argentina, URSS, Venezuela, Líbano, Inglaterra, Turquia, Argélia, Japão, Jugoslávia, EUA, Egipto, Síria, Iraque, China, Vietname do Norte, Bulgária.

Um livro que o deixará perplexo e estupefocado. Um livro que não pode deixar de ler. Você vive num dos países vítimas.

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA



DESPORTO

MICROSCÓPIO

Jorge Matias: campeão hípico

A encerrar a temporada hípica, disputou-se o Campeonato de Portugal do Cavaleiro de Obstáculos que foi ganho por Jorge Matias montando o «Saint Maur». O campeonato teve a participação de cerca de 30 conjuntos que disputaram três provas qualificativas para apurar quatro finalistas. A decisiva para atribuição do título de campeão de Portugal devia ter-se realizado no domingo mas, devido ao mau tempo, foi adiada para terça-feira. O primeiro lugar veio a pertencer a Jorge Matias, cabendo os lugares imediatos a António Vozzone, no «Kysle»; Jorge Oliveira, no «Judo»; e Luís Charola, no «Ripa».

Natação: maratona

A equipa de natação do Clube Desportivo Nacional percorreu cerca de 90 quilómetros no decorrer da «Maratona de Natação efectuada no Funchal, entre as 12 horas do dia 17 e as 12 do dia 18. A outra equipa participante (o Marítimo) percorreu a distância de 81 mil metros. A maratona disputou-se na piscina da Escola Secundária de Jaime Moniz e integrou-se nas «Festas do Fim do Ano».

Hóquei funchalense

A equipa de hóquei em patins da Associação Desportiva de São Vicente foi vencedora do «Torneio de Preparação» da modalidade ao derrotar o União por conclusão 8-1. Na tabela pontual ficaram, a seguir, a turma do União e do Marítimo.

Colectividades

Caco

O Clube Atlético de Campo de Ourique (popular colectividade lisboeta) está a comemorar o 61.º aniversário. No âmbito das solenidades festivas alusivas à efeméride, efectua-se, hoje, no Hotel Altis, o tradicional jantar comemorativo.

Máximos

O soviético Alexandre Gouniachov estabeleceu um novo recorde mundial na categoria de mais de 110 quilos ao conseguir levantar, em total olímpico, 462,5 quilos. Gouniachov, que de manhã batera já o recorde mundial do arranque (com 207,5 quilos) conseguiu à tarde levantar 255 quilos em dois tempos. O anterior máximo mundial pertencia ao soviético Alexandre Kourlovitch e fora estabelecido em 31 de Julho, durante as Esportivas de Moscovo.

Amadora apresentou a sua S. Silvestre

Carlos Lopes e Aurora Cunha, além de outros cem atletas, já se inscreveram na 9.ª «S. Silvestre da Amadora», a disputar em 31 de Dezembro organizada pelo Desportivo do Rangel com apoio do nosso camarada «O Diário».

A prova, que será disputada num percurso de 8500 metros dentro da cidade da Amadora, é aberta a atletas federados, populares, femininos e veteranos, estes divididos em dois escalões dos 37 anos de idade aos 45 e mais de 46 anos. A competição, faz parte do calendário português de atletismo e nela devem participar este ano, além dos dois conhecidos atletas, outros de bom nível, especialmente do Benfica e Sporting.

Até à 8.ª edição o Benfica venceu sempre por equipas, e na maioria individualmente, o mesmo podendo vir a verificar-se nesta edição apesar de haver que contar com a forte oposição do seu mais directo rival.

A entrega dos prémios realiza-se no dia 1 de Janeiro, no salão nobre da Câmara Municipal da Amadora, que desde a primeira hora tem dado todo o apoio à iniciativa.

O Desportivo Operário do Rangel apresentou a prova aos Órgãos da Informação, em conferência a que assistiu Carlos Lopes, Aurora Cunha não conseguiu chegar a Lisboa a tempo

de assistir à apresentação da prova, que se processou na Casa do Alentejo.

Carlos Lopes disse, a justificar a sua presença na Amadora e a ausência em S. Paulo (Brasil), que como «eles nunca mais oficializavam o convite» optou pela S. Silvestre da Amadora, prova a que augurou futuro como uma das principais provas de S. Silvestre de todo o Mundo.

Quanto ao valor monetário dos prémios nada foi esclarecido sabendo-se, contudo, que para os melhores classificados, (especialmente os três primeiros, em homens e mulheres) já têm nível internacional.

A prova inicia-se pelas 22,30 do dia 31 e as inscrições fecham no dia 28. A organização lamenta a falta de apoio de algumas entidades oficiais, especialmente da Divisão da Polícia de Trânsito que, apenas a oito dias da prova se realizar, recusou ceder as vedações para colocar junto da meta, onde deveriam concentrar-se alguns milhares de pessoas, como nos anos anteriores, a dificultar uma classificação rápida e certa de todos os concorrentes.

Para o Brasil

Rosa Mota, Rita Borralho e Lucília Soares são as três atletas

portuguesas que irão participar na corrida de S. Silvestre, que se disputa em S. Paulo, no Brasil. A primeira foi convidada pela organização, que pertence à «Gazeta Esportiva», enquanto Lucília Soares se desloca em consequência de um prémio que conquistou. Rita Borralho (com os mínimos olímpicos para a Maratona) terá as viagens custeadas por uma agência de equipamentos desportivos com que tem um contrato. Quanto ao participante masculino (António Henriques), proposto pela Federação Portuguesa em consequência da recusa de Carlos Lopes, ainda não foi confirmada pela organização a sua aceitação.

Atletismo na Madeira

José Frias (Spiroc) foi o vencedor da prova pedestre Câmara de Lobos-Funchal, numa distância de 9.600 metros, com o tempo de 27 minutos 52 segundos. Na 2.ª e 3.ª posições classificaram-se Humberto Rodrigues e João Conceição (ambos também do SPIROC) com os tempos de 30 m 01s e 30m 26s, respectivamente. Participaram na prova 22 atletas, em representação do Spiroc, Marítimo, Juventude de S. António e Portosantense, para além de 11 populares.

Andebol: elas em acção

O encontro Académico de Braga-Académico do Porto parece fundamental na jornada inaugural do campeonato nacional de seniores femininos de andebol, no que respeita ao núcleo B, de acordo com o sorteio efectuado na sede da Federação. Concorrem a este núcleo (uma espécie de 2.ª divisão) cinco equipas da Zona Norte e três da primeira fase da Zona Sul, decorrendo a competição entre 8 de Janeiro e 25 de Março.

O resultado do sorteio foi o seguinte, quanto às duas primeiras jornadas: Académico de Braga-Académico do Porto, Águia-Beira Mar, Torres Novas-Sp. Espinho e Sismaria-Académica de Coimbra; Académico de Braga-Sp. Espinho, Torres Novas-Académico do Porto, Águia-Sisma-

ria e Beira-Mar-Académica de Coimbra. Apurar-se-ão duas equipas para a fase final, que será disputada ainda pela duas formações melhor classificadas no regional de Lisboa.

A fase final decorrerá em sistema de concentração, isto desde que haja associação interessada na respectiva organização, marcada para os dias 13, 14 e 15 de Abril. Caso o sistema não vingue, disputar-se-á a duas voltas, jogando as equipas entre si no período de 7 de Abril a 6 de Maio.

Encerramento da época

A Associação de Andebol do Porto leva hoje a efeito pelas 21.30, na Casa do Desporto (Porto) a sessão solene de encerramento das suas actividades deste ano.

A prelecção subordinada ao

tema «Que desporto nos clubes», (pelo professor Jorge Bento) será o ponto alto desta sessão que encerra igualmente o «Primeiro «Clínica» de treinadores da AAP». Nesta sessão haverá ainda distribuição de certificados aos participantes neste curso de treinadores e de diplomas e de emblemas aos quadros de juizes que concluíram o III Curso de Arbitragem da AAP.

A Associação ofertará ainda bolas aos clubes que indicaram candidatos em excesso ao mesmo curso e fará uma homenagem à sua selecção de iniciados, que venceu o «V Encontro Nacional de Iniciados masculinos» durante os Jogos de Portugal, com distribuição de medalhas, placas e diplomas.



“Leões” na jaula dos leões

Foi dentro da jaula dos leões do Circo Chen que o Sporting Clube de Portugal festejou o Natal dos «leões». Especialmente os futebolistas viram os filhos receberem bonitas: esquecido (completamente) qualquer problema antigo aqui temos Festas acarinhando a filha, eufórica com a lembrança recebida.

Sport Lisboa São Lourenço recebe ordem de despejo

O Sport Lisboa São Lourenço recebeu ontem uma carta da Câmara Municipal ordenando o despejo das instalações no prazo de 30 dias. O vereador Pedro Feist, que assina esta carta, foi o mesmo que em Agosto de 1982, nos tinha garantido as instalações pelo prazo de pelo menos 20 anos, declarou um dirigente do Sport Lisboa São Lourenço, que considerou a carta recebida «muito estranha», tanto mais que, (acrescentou) «A semana passada recebemos um aviso da Câmara Municipal de Lisboa para imos levantar uma biblioteca».

A colectividade funciona no Palácio da Rosa e promove actividades desportivas: ténis de mesa, futebol, pesca e ginástica (para crianças), além de ser local de convívio para os habitantes da zona.

Os dirigentes convocaram uma conferência de imprensa para amanhã, às 17 horas, na sede do clube (Rua Marquês Ponte de Lima, 37, 2.º direito).

Los Angeles à vista

O Comité Olímpico Português faz hoje, pelas 18 e 30 horas, a apresentação pública dos pré-seleccionados para os Jogos de Los Angeles.

A reunião procurará proporcionar aos órgãos de Comunicação Social o ensejo de um alargado contacto com a elite qualificativa dos atletas portugueses e de fomentar, entre os atletas já com os mínimos cumpridos, um convívio bastante útil.

Nesta reunião alargada (que se realiza no salão principal do Hotel Fénix) serão feitas algumas revelações relativamente à programação da presença de Portugal nos

XXIII Jogos Olímpicos e projectado o filme «Sharing the Dream», uma curta metragem de especial ajuste à tipologia da reunião, com aspectos muito curiosos relativos a Los Angeles.

Entretanto (às 17 horas) o secretário de Estado dos Desportos, dr. Miranda Calha, recebe no Palácio Foz os atletas pré-olímpicos, o Comité Olímpico Português, dirigentes das Federações e representantes da Comunicação Social. Neste encontro serão focadas medidas concretas para facilitar a preparação dos atletas e ouvidas as sugestões de dirigentes, técnicos e atletas sobre a deslocação a Los Angeles.

assim vai o

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 49 DE 26 DE DEZEMBRO

A Côr do Som: 111 1X1 X11 2111; Janela Aberta: 1X1 1X1 X11 2X11; Pontapé de Canto: X11 1X1 211 2111; Gazeta de Felgueiras: 1XX 12X 112 2111; Rádio Totobola: 111 1XX X1X 2111; O Diário: X11 X11 X11 1211; Correio de Coimbra: X21 112 1X2 2X11; Correio do Vouga: 111 121 21X 2112; Defesa de Espinho: 12X 12X 222 211X; Jornal a Defesa: 1X1 1X1 XX1 2X11; Diário de Lisboa: X11 12X 212 1X11; Ecos do Cacia: 2X1 12X 212 211X; Eu Sei Tudo: 112 1X1 X11 2121; Folha do Domingo: X11 111 212 21X1; Gazeta das Caldas: X11 111 111 2X11; Jornal da Beira: 211 122 21X 2121; O Jornal da Lixa: X11 1X1 212 2111; Jornal de Santo Tirso: 1X1 121 11X 212X; Jornal de Sintra: 111 111 1X12 2212; Jornal Linhas de Elvas: 1X1 111

11X 211X; Manchete Desportiva: 2X1 22X 21X 2112; Maria da Fonte: XX1 12X 212 212X; Notícias de Chaves: X11 12X 111 11X2; Notícias de Évora: 1X1 111 X1X X111; Notícias de Felgueiras: 1X1 1X1 1XX 211X; Notícias de Guimarães: 111 111 122 111X; Penalty: X11 2X2 211 X11X; Reconquista: 121 111 X11 2111; RDP/Secção Desportiva: 1X1 1XX 11X 21X1; Jornal a Voz das Beiras: 121 111 112 X111; RDP/Centro-Desporto em Análise: XX1 1X1 211 2X11; A Voz do Domingo: 2X1 12X 212 2111; Voz de Lamego: 121 11X 112 11X1; RDP/Tempo de Desporto: 111 1X1 212 X11X; Jornal «1X2»: 1X2 121 2X1 X11X; RDP/Ponto de Encontro: X21 12X 122 XXX2; O Jornal de Amargente: 121 111 111 2111; Reportagens Exteriores: 1X1 1X2 11X 11XX; Clube da Manhã: 2X1 122 2111; RDP/Manhã Manhã:

X21 1X1 212 2X11; RDP/Diatónico: X12 11X 1X2 X111; O País: X11 12X 21X 2111; O Mensageiro: 22X 121 2X2 2X1X; A Comarca de Arganil: 1X1 1X1 122 X1X2; Diário de Coimbra: X11 111 112 2X11; O Emigrante: X11 121 11X X12X; Alvo Desportivo: 111 111 X1X 11X1; O Comércio de Leixões: 121 1XX 112 211X; Jornal da Graça: 121 1X1 112 212X; Jornal de Notícias: X11 1X1 X1X 2111; O Primeiro de Janeiro: X11 122 X12 2111; Quadrante Norte: 111 1X1 X12 X1X1; Rádio Alvo: XXX 122 X11 1X1X; Rádio Sports: 111 XXX 111 1111; Repórter do Dia: X11 121 X1X 2111; Resenha Desportiva: XX1 111 111 211X; A Voz dos Ridículos: 111 111 212 X112; Jornal Voz do Ave: XXX X11 111 1111; Jornal Vento Norte: 11X 121 21X 2111; Alvo: 121 1X1 1X2 X121.

totobola

	R	E	S	U	M	O	B	O	L	A	S
	1	X	2					1	X	2	a)
1. BIRMINGHAM - NOTTINGHAM	31	23	6					6	5	1	
2. COVENTRY - MANCHESTER UN.	28	20	12					6	4	2	
3. EVERTON - SUNDERLAND	51	6	3					10	1	1	
4. IPSWICH - WOLVERHAMPTON	55	3	2					10	1	1	
5. LEICESTER - QUEEN'S PARK	18	21	21					4	4	4	
6. NOTTS COUNTRY - LUTON	37	16	7					7	4	1	
7. STOKE CITY - NORWICH	48	7	5					5	3	4	
8. TOTTENHAM - ARSENAL	17	16	27					10	1	1	
9. WATFORD - ASTON VILLA	10	12	38					4	3	5	
10. W. BROMWICH - LIVERPOOL	47	11	2					2	2	8	
11. WEST HAM - SOUTHAMPTON	44	9	7					9	2	1	
12. CARDIF - SWANSEA	36	17	7					9	2	1	
13. FULHAM - DERBY COUNTY								7	4	1	

a) - Nos termos do Artº.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
111 1Xou21 112 2111

DESPORTO

Jugoslávia também apurada mas no último minuto

Espanha consegue "milagre do século": onze golos de diferença sobre Malta dão passaporte para "Europeu"

A Espanha qualificou-se para a fase final do campeonato da Europa de futebol, ao golear Malta, por 12-1, em Sevilha, no último jogo do grupo sete.

Quatro golos de Santillana e outros tantos de Rincon contribuíram para a vitória. A Espanha, que necessitava de ganhar por uma margem de 11 golos para superar o coeficiente da Holanda, marcou o 1.º golo aos 16 minutos (por Santillana) depois de (aos dois minutos) Señor ter desperdiçado uma grande penalidade, rematando ao poste esquerdo da baliza de Malta.

Malta igualou aos 20 minutos numa jogada infeliz da defesa espanhola, tendo Goicoechea introduzido a bola na sua própria baliza. Porém, Santillana (aos 26 e 29 minutos) colocou o resultado em 3-1 com o qual se atingiu o intervalo.

Na 2.ª parte, Rincon marcou (aos 47 e 56 minutos) aumentando o resultado para 5-1 a favor da Espanha.

Maceda (aos 62 e 63 minutos) e Rincon aos 64 passaram o marcador para 8-1. Santillana (aos 75), Rincon (aos 78), Sarabia (aos 80) e Señor (aos 83) estabeleceram o resultado final de 12-1.

Sob a arbitragem do turco Goksel, as equipas alinharam:

Espanha: Boyo; Maceda, Goicoechea, Camacho e Señor; Victor, Gordillo e Carrasco; Sarabia, Santillana e Rincon.

Malta: Bonello; Emanuel, Farrugia, Holland e Schenbri; Buttigieg, Edwin Farrugia e Demanuelle; R. Farrugia, Fabri Degiorgio e Tortell.

Com este resultado a Espanha garantiu o apuramento para

a fase final, a disputar a França (Junho de 1984) devido ao melhor coeficiente de golos sobre a Holanda. A classificação final do grupo sete é a seguinte:

	J	V	E	D	G	P
1. Espanha	8	6	1	1	24	8
2. Holanda	8	6	1	1	22	6
3. Irlanda	8	4	1	3	20	10
4. Islândia	8	1	1	6	3	13
5. Malta	8	1	0	7	5	37

Também a selecção da Jugoslávia obteve qualificação para a fase final do campeonato da Europa, ao derrotar a Bulgária por 3-2, em jogo do Grupo 4, disputado em Split (Jugoslávia).

A Bulgária adiantou-se no marcador, por intermédio de Iskrenov (aos 28 minutos), mas Susic igualou para a Jugoslávia (dois minutos depois). O mesmo Susic fez o 2.º golo jugoslavo (aos 52 minutos) para Dimitrov restabelecer a igualdade (aos 60). No último minuto da partida, Radanovic marcou o 3.º tento da Jugoslávia. O decisivo para a viagem a França. Classificação final do Grupo 4:

	J	V	E	D	G	P
Jugoslávia	6	3	2	1	12	11
País de Gales	6	2	3	1	7	6
Bulgária	6	2	1	3	7	8
Noruega	6	1	2	3	7	8

As selecções apuradas para a fase final são as seguintes: França (país organizador), Bélgica (vencedor do grupo 1), Portugal (vencedor do grupo 2), Dinamarca (vencedor do grupo 3), Jugoslávia (vencedor do grupo 4), Roménia (vencedor do grupo 5), RFA (vencedor do grupo 6) e Espanha (vencedor do grupo 7).

Mundial-86: bilhetes

Os bilhetes para o Mundial de Futebol de 1986, a disputar no México, serão postos à venda em Abril ou Maio de 1984, revelou o presidente da Comissão Organizadora do Torneio, Guillermo Cañedo. Até agora, a FIFA autorizava a venda dos ingressos somente cinco meses antes da competição e depois de ter sido efectuada o sorteio dos diversos grupos: mas numa recente visita a Zurique — sublinhou Guillermo Cañedo — conseguimos que as entradas se ponham à disposição do público com dois anos de antecedência.

Adiantou que o bilhete mais barato custará três dólares (cerca de 400 escudos), acrescentando que os adeptos mexicanos que comprarem os seus bilhetes no próximo ano poderão adquirir uma ou mais séries que no futuro e de acordo com a desvalorização do peso (moeda mexicana) terão um custo superior.

Guillermo Cañedo afirmou (também) que a venda dos bilhetes se alargará a todo o mundo.

mas mediante um sistema diferente ao que foi utilizado no Mundial-82, disputado em Espanha. Explicou (a propósito) que serão enviadas todas as séries pedidas do estrangeiro com a condição de não haver qualquer devolução por parte das agências de viagens ou outras empresas que o tenham feito e não tenham conseguido vender os bilhetes. A venda de lugares será feita através de uma instituição bancária do México e os mexicanos pagarão em moeda nacional o equivalente ao preço em dólares.

Distinções

Serguei Rodianov, o ponta-esquerda do Spartak de Moscovo, foi designado melhor futebolista soviético do ano de 1983 pela Federação da URSS. O «internacional» Oleg Blokhine figura por seu turno, pela 12.ª vez, na lista dos 33 melhores jogadores do ano, mas surge apenas na 2.ª posição da classificação global, ultrapassado por Rodianov.

Futebol: violência custa caro

O futebolista Steve Hunt (do Coventry) foi condenado a pagar uma multa de 2.250 dólares (cerca de 240 mil escudos) por actos de violência cometidos no jogo disputado em 26 de Novembro, com o Southampton. A Comissão de Disciplina da Federação Inglesa de Futebol decidiu suspender Hunt por dois jogos e aplicar-lhe uma multa de 1.125 dólares (cerca de 120 mil escudos) pelo facto de o jogador ter dado uma cabeçada em Steve Williams no jogo Coventry-Southampton, a contar para a 1.ª divisão do futebol inglês. Idêntica sanção foi aplicada ao jogador pelo seu próprio clube, imediatamente após o encontro.

A "Jules Rimet" ainda existe?

A Polícia brasileira não acredita que possa recuperar a Taça Jules Rimet (o troféu dos tricampeões mundiais de futebol) nem as taças Pan-Americana e Independência, roubadas na madrugada do dia 20 da sede da Confederação Brasileira de Futebol, no Rio de Janeiro.

O comissário Nelson Majdelany, que instalou um dispositivo de rigorosa vigilância em volta de todos os estabelecimentos que transaccionam o precioso metal, pensa que os dois assaltantes já tiveram tempo de fundir os troféus, o que torna impossível a sua recuperação.

Pesando quatro quilos de ouro fino, a Taça Jules Rimet vale mais de 50 000 dólares. Todavia é o seu valor simbólico que os dirigentes do futebol brasileiro mais prezam, como o sublinhou Guilte Coutinho, presidente da CBD, ao declarar: «A Taça Jules

Rimet é o mais importante troféu do nosso futebol, assinalando de maneira absoluta a sua presença no plano mundial. Pelo que representa para o povo brasileiro, é algo que não se pode definir». Guilte Coutinho precisa que, no pior dos casos, providenciaria para que possa ser oferecida uma réplica à Confederação Brasileira de Futebol.

Entretanto, a Polícia do Rio de Janeiro anunciou a prisão de dois suspeitos do roubo: António Carlos e Paulo Murilo (mais conhecido por Azucão) ambos funcionários da Confederação.

A informação foi prestada pelo porta-voz do Departamento de Roubos da Polícia Civil, não tendo, no entanto, sido confirmada pelas autoridades federais, que não só negaram as detenções, como afirmaram não ter quaisquer pistas relacionadas com o roubo.

As críticas recaem sobre a

CBF por manter em exibição a Taça Jules Rimet, quando existe uma réplica para ser mostrada ao público, tendo membros da Polícia Federal mostrado o seu espanto pela pouca vigilância existente na sede do organismo.

Pelé responsabilizou o Governo brasileiro pelo roubo, devido ao facto de «não dar trabalho àqueles que hoje têm que roubar para manter as suas famílias», acrescentando que ele próprio e outros suaram as camisas para que todos os brasileiros pudessem sentir-se orgulhosos do troféu correspondente à conquista do Campeonato Mundial de Futebol por três vezes.

O Banco do Estado do Rio de Janeiro ofereceu uma recompensa de cinco mil dólares (cerca de 650 mil escudos) a quem fornecer uma pista que leve à prisão dos responsáveis pelo roubo do troféu.

Basquetebol: dúvida entre Benfica e Olivais

O jogo de repetição entre o Olivais e o Barreirense decidirá o 6.º grupo a apurar para a série dos primeiros do campeonato nacional da 1.ª divisão de basquetebol. A jornada de ontem (22.ª) última fase de qualificação consolidou apuramento do FC do Porto (no 1.º lugar, isolado) Queluz, Barreirense (com menos um jogo), Sangalhos e Ovarense. Falta apurar o 6.º para o qual há dois candidatos: Olivais e Benfica. O jogo em atraso, entre olivaisenses e barreirenses vai decidir a

«sorte» dos conimbricenses e dos «encarnados» que nos jogos entre si resultam na vantagem da equipa nortenha por um ponto, no «cesto-averagem». Significa isto que na repetição entre o Olivais e o Barreirense, se triunfar a equipa de Coimbra. Será o Benfica relegado para a série dos últimos.

Resultados dos jogos de ontem, última jornada da fase de apuramento: Benfica-Luso do Barreiro, 101-71; Atlético-Ginásio, 76-106; Sangalhos-Olivais, 88-83; Barreirense-Queluz, 110-

94; Conimbricense-Ovarense, 65-66 e FC Porto-Sanjoanense, 107-75.

O FC do Porto ascendeu sozinho ao comando, Ovarense garantiu o apuramento e quatro «centenas» na jornada são os factos mais importantes da derradeira «ronda» desta fase de apuramento. Agora falta conhecer a sorte do Olivais e do Benfica no jogo de repetição entre a primeira daquelas equipas e o Barreirense, a realizar, provavelmente, no próximo dia 30.



Wilson Brasil: o criador do «Troféu Gandula», mensageiro de paz e amizade entre quantos labutam em torno do fenómeno desportivo.

Troféu Gandula: 3.ª vez para Neves de Sousa

Pelo 3.º ano consecutivo, Neves de Sousa (nosso companheiro de Redacção responsável pelo sector desportivo do «DL») é distinguido com o «Troféu Gandula», outorgado pelo jornalista e radiologista brasileiro Wilson Brasil, através das colunas do nosso colega «Gazeta dos Desportos» e aos microfones da Rádio Comercial. Neves de Sousa recebe o seu 3.º «Gandula» porque (escreve Wilson Brasil) «como comentarista todas as suas manifestações são as de um notável

conhecedor do futebol, que prodigaliza em emitir desassombrada opinião, independentemente de quaisquer partidarismos».

Não podemos deixar de registar mais este prémio conferido ao nosso camarada de Redacção, que é galardão que honra o nosso jornal e significa, na escolha de Wilson Brasil, apreço entre colegas de jornada, para além de igualmente demonstrar que, no terreno do jornalismo, a erva daninha da inveja não criou (ainda) qualquer raiz.

Futebol para hoje: Amadora-Barreirense

Estrela da Amadora e Barreirense defrontam-se hoje, pelas 15 horas, no Campo J. Pimenta (Reboleira), em jogo da 12.ª jornada do «Nacional» da 2.ª divisão (Zona Sul). Recorde-se que a partida estava marcada para o passado domingo, mas devido ao mau tempo não se chegou a realizar. O Estrela da Amadora ocupa a sétima posição, com 12 pontos, enquanto o Barreirense integra o grupo dos últimos com 8 pontos, juntamente com Amora, Esp. Lagos e Silves (todos também com menos um jogo) e Sacavenense.

Os encontros adiados para dia 31 são os seguintes na 2.ª Divisão: Paio Pires - Trafaria, Estrela de Vendas Novas - Comércio e Indústria e Canaviais - Alvorense, todos às 15 horas. Juniores: Merelinense - Vitória de Guimarães, às 15 horas.

Ficam ainda por marcar as datas de vários outros jogos que se encontram nas mesmas condições dos já citados, entre eles o Amora - Belenenses, Olivais e Moscavide - Esperança de Lagos e Chaves - Vizela, muito embora os dois últimos já tenham uma data proposta por acordo entre os clubes: 29 de Janeiro.

Nossos juniores

Portugal recebe a Bélgica a 15 de Fevereiro para o Grupo 10 de apuramento para o torneio de juniores da União Europeia de Futebol — anunciou a UEFA.

Em comunicado divulgado em Berna, a UEFA marcou para 28

de Março o jogo da segunda mão na Bélgica.

O vencedor do Grupo fica apurado para a fase final do torneio.

Ajax por cá

A equipa holandesa do Ajax vem ao Algarve cumprir um estágio na primeira semana de Janeiro, tendo sido escolhida a zona de Albufeira. Aproveitando esta estadia, a antiga equipa de Cruyff jogará dois encontros com formações algarvias, provavelmente Farense e Portimonense. Para a mesma zona, mas no período de 27 de Janeiro a 11 de Fevereiro, deslocar-se-á a selecção da Bulgária, que deve jogar com a selecção portuguesa uma partida já integrada no plano de preparação com vista ao «Europeu», em França.

Inglês em Leixões

O futebolista inglês Phil Warker estreia-se, esta tarde, no Estádio do Mar, integrando a equipa do Leixões, num encontro particular que oporá os leixoenenses ao Académico de Coimbra. Warker encontra-se a prestar provas no Leixões.

Taça «Zona Leste»

A equipa do Sporting Santacruzense (Funchal) foi vencedora da «Taça Zona Leste», ao empatar, sem golos, na última jornada, frente ao Porto-Santense.

No outro encontro da ronda, a Associação Desportiva de Machico derrotou o Caniçal, por 1-0.

"João do Pulo": distinção única

O brasileiro «João do Pulo», campeão mundial do triplo salto, disse hoje, em São Paulo que percorrerá um espaço simbólico transportando a tocha olímpica nos Jogos de Los Angeles, de 1984.

O sargento João Oliveira, mais conhecido por «João do Pulo» sofreu um acidente de viação em Dezembro de 1981 e, em consequência teve de lhe ser amputada a perna. Travada a carreira de atleta, o sargento João do Pulo, uma das personalidades mais queridas do Brasil, dedica-se actualmente à formação de classes desportivas de jovens.

Ciclismo sportinguista: um calendário audacioso

Tal como tem sido noticiado no «DL», uma equipa de ciclismo profissional portuguesa, de que Joaquim Agostinho será simultaneamente líder e director desportivo, surgirá em breve, anunciou o corredor português em Condecourt (Norte da França). Aos 41 anos, Joaquim Agostinho, apoiado por Jean de Gribaldy (director da equipa Skil-Reydel), decidiu seguir o exemplo do francês Bernard Hinault, montando a sua própria equipa com a ajuda do Sporting, do Banco Franco Português e da TAP.

É a primeira vez, desde 1975, que uma equipa de ciclismo profissional se constitui em Portugal. No programa desta nova formação constam a Volta a Portugal e várias orridas francesas (Midi Libre, Dauphine Libéré, Volta à França). A equipa deslocar-se-á aos Estados Unidos, ao Canadá, ao Brasil e a todo o continente latino-americano de língua espanhola, nomeadamente por ocasião da Volta à Colômbia.

Joaquim Agostinho, que visitava uma fábrica de equipamento para velocípedes e automóveis, assinou um contrato com essa firma para equipar as suas bicicletas com selins de competição de determinada marca francesa.

ANA

TEXTO: G. Solano
DESENHO: F. Solano

7



...JACQUES!



TALVEZ SEJAS TU O RESPONSÁVEL
POR TODOS OS MEUS SOFRIMENTOS.
TALVEZ TUDO NÃO PASSE, AFINAL, DE
UM MAL-ENTENDIDO, TALVEZ
FACTA DE COMPREEN-
SÃO...



SE ISTO É DESMENTIR TUDO
AQUILO QUE EU DISSE, TUDO O QUE
PENSEI... FOIS BEM,
DESMINTO MESMO...



...ESTOU SOZINHA HÁ UMA
ETERNIDADE... MESMO AGORA
NÃO PERCEBO BEM O QUE TU
ÉS PARA MIM... MUITAS COISAS
AO MESMO TEMPO... ATÉ SOU
CAPAZ DE TE DIZER QUE
ÉS O MEU AMOR!



NÃO COMPREENDO
O QUE DIZES,
ANNA!



NÃO PASSAS DE UM SALAFRÁRIO,
JACQUES! ESTRAGAS SEMPRE
TUDO. ARRUINASTE O MEU AMOR...
ALGUMA VEZ VESTISTE UMA FARÇA...
ALGUMA VEZ VIOLASTE UMA MULHER
NO CHÃO DE UMA
ENXOVIA...



DIZ-ME LÁ, COBARDOLAS,
ALGUMA VEZ ATRASTE UMA
PEDRA A UM BLINDADO...
ALGUMA VEZ DESEJASTE SER ALGUMA
COISA DIFERENTE DAQUILO QUE
NASCESTE...

© AGÊNCIA DIAS DA SILVA-LISBOA

Continua

em duas paladrqs

Oito anos com
tesoura no ventre

Uma berlinense ocidental de 70 anos viveu durante oito anos com uma tesoura de cirurgia, com 21 cm de comprimento, no baixo-ventre, noticiava ontem o diário «Bild».

Segundo o jornal, o instrumento foi «esquecido» por uma equipa de médicos de um hospital de Berlim Ocidental que operou a vítima ao intestino em 1975. A vítima continuou a sentir dores, cada vez mais intensas no ventre após a operação. Os médicos, afirma o jornal, previam que essas dores desapareceriam com o tempo, pois resultavam da grande cicatriz.

A dor, no entanto foi-se tornando intolerável e a paciente decidiu tirar uma radiografia num outro hospital da cidade. A tesoura foi extraída, agora, numa operação que demorou 90 minutos.

O marido da desafortunada, que passara as festas de fim de ano no hospital, decidiu pedir indemnização ao hospital responsável.

James Bond censurado
em 40 segundos

A Sociedade Protectora dos Animais britânica (RSPCA) conseguiu a censura de uma sequência de 40 segundos do último filme de James Bond «Never Say Never Again» em que o célebre agente secreto, a cavalo, escapa de uma fortaleza, saltando para o mar do alto das muralhas, soube-se na sede da organização em Londres.

Um responsável veterinário da RSPCA, David Wilkins, que tinha sido alertado para essa sequência por pessoas presentes nas filmagens, declarou-se chocado com a cena. «O cavalo estava numa caixa de madeira no alto de uma ravina com um homem e uma mulher «cascadeurs». A caixa foi virada e caíram os três», declarou.

Na sequência original, o verdadeiro cavalo caía ao mar de uma altura de uma dezena de metros, de costas. Uma segunda sequência mostrando um falso cavalo substituiu a primeira sequência, sem lhe retirar realismo, afirmou.

A companhia responsável pela rodagem afirma que um dos seus veterinários examinou o cavalo após a queda, e este não apresentava qualquer ferimento.

Mulher-polícia
vence Scotland Yard

Wendey de Launay, uma mulher-polícia de 25 anos, considerada demasiado sedutora pelos seus superiores, ganhou na quarta-feira o processo que intentou à Scotland Yard por «discriminação sexual», como qualificou o facto de haver sido deslocada de uma brigada motorizada, porque o seu superior imediato, o comissário Brian Wallace, suspeitava que ela tinha uma ligação com um colega que a acompanhava regularmente nas suas rondas de automóvel.

«Estou absolutamente encantada. Espero que agora possa continuar a minha carreira nas brigadas motorizadas» declarou a jovem.

O comissário Wallace reconheceu perante os juizes que decidiu mudá-la de serviço por causa do seu colega masculino e casado, com base em rumores que não verificou.

O advogado de Wendey acusou Wallace de haver errado a profissão, pois a sua vocação é de conselheiro matrimonial...

Criança trocada por
televisão a cores

Um casal norte-americano entregou a filha recém-nascida a outro casal, que não podia ter filhos, recebendo em troca uma televisão a cores.

Gary e Verrel Dyer, ambos de 33 anos, não possuíam dinheiro suficiente para pagar a uma agência de adopção. Os pais da criança, ela com 17 anos e ele com 23 anos, tinham já outro filho, com um ano e meio.

Os quatro implicados na transacção foram detidos pela Polícia.

Tabaco faz sofrer
corações

O coração de um fumador efectua mais 20 a 25 mil contracções por dia do que o coração de uma não fumadora, dizem especialistas soviéticos citados pela agência Novosti.

Qualquer pessoa pode tirar a contra prova medindo as suas pulsações ao acordar, depois de ter estado várias horas sem fumar, voltando a contá-las depois de ter fumado o primeiro cigarro do dia. Encontrará uma diferença de mais 15 a 20 pulsações por minuto o que, a manter-se ao longo do dia, representa uma sobrecarga de trabalho para o coração de vários milhares de pulsações.

Para além dos problemas já conhecidos que o fumo provoca nos pulmões e vias respiratórias, cada cigarro fumado destrói no organismo humano 25 miligramas de vitamina C, essencial para a boa irrigação sanguínea do cérebro.

Os investigadores citados pela Novosti atribuem um papel importante ao tabaco no aparecimento da esclerose prematura dos vasos cerebrais. Por outro lado, a nicotina provoca uma inflamação crónica do nervo óptico, que pode afectar a visão.

O tabaco é ainda causa de doenças no aparelho digestivo. A nicotina e outras substâncias tóxicas que o fumo contém dissolvem-se na saliva e são engolidas, atacando as paredes do estômago e os intestinos.



NÃO FUME
EM RECINTOS
FECHADOS



Por aí, por aí

Um artesanato que renasce

Uns porque gostam, outros porque precisam de arranjar trabalho dedicam-se ao artesanato vindo, assim, a ressuscitar uma arte que já resvalava para a perdição. Por todo o país surgem desobedientes ao padrão da uniformidade atraídos pelo barro, a lã, a seda — material que deixam, puro, criar forma. Mas que apoios os envolvem, que estímulos os acalentam? «O artesanato é memória, é engenho e experiência. É um saber fazer de séculos acumulado». Diz um prospecto divulgado pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional, propondo-se como «santo milagreiro», organismo de estado que vai impedir a morte do artesanato.

Será verdade? Temos fortes dúvidas quanto à eficácia desse Instituto, tanto mais que alguns artesões se manifestaram cépticos sobre o papel das estruturas, a ele adstritas, que pretendem enquadrar e dinamizar tais ofícios nobres que no fundo traduzem a cultura de um povo. Em 1982 foram criados os NARAS (Núcleos de Apoio Regional de Artesanato) em cinco distritos. Mais concretamente: no Porto, Coimbra, Lisboa, Évora e Faro. É da sua competência fazer o levantamento da situação do artesanato nessas zonas referidas, fomentar a livre associação e a criação de centros, apoiar certames que promovam e comercializem os objectos artesanais e, ainda, dar um parecer sobre os pedidos de subsídios feitos pelos artesões.

Há quem se queixe, no entanto, de que os subsídios são ridículos. Normalmente con-

cede-se uma quantia que nunca excede os 200 contos, reembolsável em cinco anos. «Os NARA só existem no papel... E à sombra do artesanato fazem-se imensas fraudes. Por vezes formam-se cooperativas fantasmas em que os cooperantes são os membros de uma família. De facto não se trata de cooperativas mas sim de pequenas fabriquetas.» Afirma António Jorge Fernandes com uma larga experiência na feitura do artesanato urbano. Coisas de enfeitar (jóias, cintos, pequenos objectos de metal) que vende na rua ou nas feiras que, ocasionalmente, se realizam.

Tecer

Tecer, fio a fio, construindo pano, é um labor que se coaduna com a personalidade de Cristina Sioppa. Um percurso, por fases, até ao resultado final em que tem diante de si o tecido com uma textura, uma cor, a partir quase do nada. É tarefa em que as mãos operam desde a matéria-prima ao produto acabado. Natural, portanto, que um produto destes saia caro a quem o compra já que incomparável ao que vem de uma série industrial. «Faço coisas para pessoas que não se encaixam no esquema vulgar, que não gostam das coisas estandardizadas... Infelizmente são ainda raras.»

Se Cristina escolheu a tecelagem por vocação e prazer, o mesmo não sucede com Manuela Redondo, «especialista» na tapeçaria de meio ponto. Arte aprendida no colégio nunca imaginando que um dia viria a servir-se desse saber como mu-

leta de sobrevivência. Fora educada para o casamento, para ser esposa e mãe, mas a vida pregou-lhe uma partida: o casamento não deu certo, anos depois a separação a instabilidade. Como safar-se, com um filho ainda criança? Tanto mais que a fábrica de licores, propriedade do pai, onde trabalhara como secretária entrara em crise, numa situação à beira da falência. Então não teve outro remédio senão ir ao sótão buscar o bastidor e adquirir estopa e lãs para confeccionar tapeçarias de parede.

De início, limitava-se a reproduzir quadros célebres, a conjugar lãs num desenho que podia acabar em flores (malmequeres e girassóis), pássaros ou paisagens lineares. «Agora já sou capaz de criar desenhos meus, de tirar uma ideia e depois executá-la à minha maneira». Julgo que este salto tem a ver com o rumo que pretende imprimir à sua vida e com uma certa libertação interior, pouco a pouco conquistada.

A menina de colégio, talhada para um papel tradicional, aprendeu a contar consigo própria, a ser uma pessoa capaz de se conduzir, de decidir sobre o seu destino. «Estou a jogar uma cartada forte no artesanato. Sinto-me satisfeita porque não tenho parado de vender... e até já comeci a ensinar ao meu filho esta arte de que agora me ocupo com a ajuda do meu bastidor que tem mais de 150 anos.»

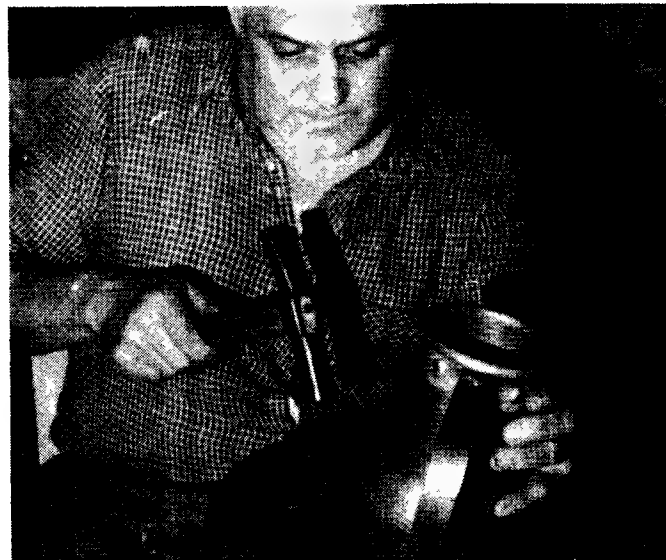
Seda

Com outra perspectiva e outras intenções formou-se em

Freixo de Espada à Cinta uma Associação para o Estudo, Defesa e Promoção do Artesanato. Isto há cerca de três anos e tem já à volta de cem sócios. A ideia base que está por detrás desta iniciativa é a criação de postos de trabalho. Evidentemente que se juntou o útil ao agradável, com proveito para os eventuais artesões e para a cultura da região. Porque não voltar à velha arte das rendas de duas agulhas, em que as mulheres de certas povoações transmontanas eram excepcionalmente hábeis? — pensou-se.

E fizeram-no. Como ponto de partida fundaram uma cooperativa, com estatutos e todos os trâmites burocráticos. Depois adquiriram uma casa por quatro mil contos que, sem pressas, tem vindo a ser recuperada. Para além das colchas de renda, magostas e duradoiras, dedicam-se a fazer tapetes em lã de ovelha, material que na região abunda. E com uma particularidade: nunca abandonar as cores naturais, entre castanho e branco. «Neste momento temos vinte e tal mulheres a trabalhar nas rendas e mais cinco nos tapetes. Depois vamos experimentar o projecto da seda...»

Sim, sim. Plantaram cinco hectares de amoreiras em terrenos arrendados, alimento para os bichos comerem. Dentro em breve esperam tê-los aos milhares, logo que as folhas cresçam, o que se prevê para daqui a três ou quatro anos. «Antigamente fazia-se em Freixo de Espada à



As mãos que martelam o cobre



Os tapetes que permanecem...

Continua na pág. 20

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE TERRA DA MARINHA MERCANTE, AERONAVEGAÇÃO E PESCA

VIGÍLIA DOS TRABALHADORES

Porque ninguém pode dizer que não vai ficar sem salário no mês seguinte!

Porque ninguém pode pensar com segurança, que «desta água não beberei!»

Porque, no fundo, não se trata apenas de ter ou não ter os salários em dia, mas de ter a garantia de que será sempre paga a contrapartida da nossa força de trabalho!

Porque se trata de ver garantido o emprego, de ter assegurados os nossos postos de trabalho!

Porque importa garantir o direito à contratação colectiva!

Porque, para além de tudo, existe a palavra solidariedade que só tem significado se praticada!

Todos temos o dever de lutar.

— Pelo pagamento dos salários

— Contra o desemprego

— Contra o aumento do custo de vida

— Em repúdio pelo roubo do 13.º mês

— Pelos Contratos Colectivos

Nós, trabalhadores solidários homens conscientes

VAMOS TODOS À

CONCENTRAÇÃO/MANIF.

23 DEZ. — 21H00 — ROSSIO

com manif. para S. Bento

NA UNIDADE A FORÇA DO SINDICATO

DESPALITE

deseja a todos os seus clientes
fornecedores e amigos





«Canalhas e de Amor», assim se titula a própria Lia Gama. São doze canções que a popular atriz interpreta no espaço amplo do «Frágil» no Bairro Alto acompanhada de piano. Quem viu o «Kilas», sabe que ela sabe cantar. Quem for ao «Frágil», hoje à noite, ou nas noites de 28 e 29 deste mês e ouvir as belas canções (de «charme», «canalhas» ou de amor, como quiserem) composta ou recriadas por Gershwin, Kurt Weill, Sérgio Godinho e Zé Mário Branco, entenderá, certamente melhor...

Um artesanato que renasce

Continuação da pág. 19

Cinta colchas de seda muito bonitas... quase toda a gente tinha bichos de seda em casa.» Relata uma dirigente da cooperativa.

Artesões renascem de norte a sul, no campo e na cidade. Um desafio, uma ousadia que se espalha, se propaga com tendência a alastrar visto que a vida está má e os empregos escasseiam. Renascem as rendas dos

bilros (com fama em Peniche), os pratos do Redondo, os ferros forjados do Porto, as filigranas de Gondomar, as mantas de Reguengos, os bonecos de Estremoz, os cobres de Oliveira de Azeméis, os tapetes de Arraiolos, os filets de Amarante, os bordados da Madeira, os brinquedos em madeira do Gerês, as colchas de Castelo Branco.

A tentação do que é belo, manual. Singular em curta medida. Lourdes Féria

Joan Miró: do surrealismo à extrema-unção

O pintor espanhol Joan Miró recebeu já a extrema unção, dado o seu grave estado de saúde, informaram ontem familiares.

A família do pintor, um dos mais importantes deste século, precisou que Miró recebesse a extrema unção, na segunda-feira, de um sacerdote amigo, na sua residência de Son Brines, na ilha de Maiorca.

Com 90 anos o pintor foi hospitalizado no princípio do mês devido ao seu estado geral de saúde, considerado preocupante por familiares e amigos.

Em Janeiro de 1982, Miró teve problemas cardíacos que o obrigaram à implantação de um «pacemaker» e em Julho do mesmo ano, sofreu uma intervenção cirúrgica a cataratas nos dois olhos.

Filho de um ourives, Miró nasceu em Barcelona em 20 de Abril de 1893 e iniciou os seus estudos de comércio, que interrompeu para ingressar na Escola de Artes e Ofícios de Lonja.

Seus pais, procurando evitar que pudesse dar vazão à vocação para a pintura que, entretanto, despertara nele, empregaram-no numa drogaria onde não recebia salário.

Vítima de uma grande depressão abandonou o emprego e esteve em convalescença, durante um longo período, em Montroig, Tarragona.

Em 1913, regressou a Barcelona e entrou, então com autorização dos pais, na Escola de Arte de Francesc Gali.

A sua primeira exposição realizou-se em 1917 em Barcelona. Dois anos depois partiu para Paris, onde iniciou uma fértil produção de pintor.

Em Paris viveu na pobreza e relacionou-se com grandes figuras do surrealismo, entre as quais André Masson, Jacques Prevert e André Breton.

Em 1921 expôs na galeria parisiense «Le Licorne» e, no mesmo ano, iniciou a sua famosa obra «La Masia», na qual evoca a casa de Montroig em que passou a sua prolongada convalescença.

Terminado um ano depois, o quadro foi adquirido em 1925 pelo jornalista e escritor norte-americano Ernest Hemingway.

Miró casou em 1919 em Palma



de Maiorca com Pilar Juncosa regressando depois a Paris.

Por essa altura, convencido, como dizia, de que «a pintura

está em decadência desde a idade das cavernas», abandonou o tom sonhador e festivo das suas primeiras obras para encetar uma nova fase, a da «antipintura».

O seu distanciamento em relação aos surrealistas transformou-se numa ruptura definitiva quando estes se comprometem com a acção política directa.

Instalado anos depois em Palma de Maiorca, realizou dois grandes murais para a sede da Unesco, em Paris, figurou na exposição «50 anos de arte moderna», em Bruxelas, recebeu o grande prémio da Fundação Guggenheim e inaugurou nos Estados Unidos várias exposições da sua obra.

Durante a sua longa carreira de pintor obteve inúmeros prémios e distinções designadamente: Prémio Feltrinelli de Pintura (1978), Medalha de Ouro de Baleares (1979), Doutor Honoris Causa pela Universidade de Barcelona (1979) e Medalha de Ouro das Belas-Artes (1980).

Em Abril deste ano, por motivo do seu nonagésimo aniversário, foi alvo em Barcelona de uma homenagem internacional.

“Caixa Inglesa” — o último livro de Olga Gonçalves

«Caixa Inglesa», o último livro de Olga Gonçalves, acaba de ser lançado. Foi ontem à noite, no «Terraço», e teve apresentação de David Mourão Ferreira.

Olga Gonçalves iniciou a actividade literária dentro do campo da poesia, na qual testemunhou interesse pelo experimentalismo,

evidenciando-se porem na escrita do soneto, o seu caso poético, e considerado por ela como o lugar da sua grande intimidade.

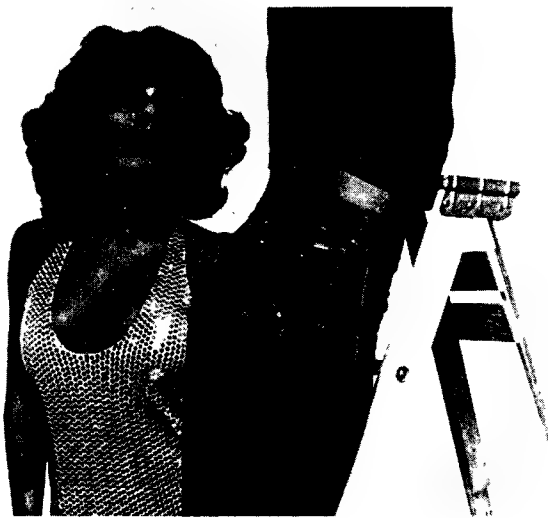
Em 1976, a Academia das Ciências de Lisboa atribuiu o Prémio Ricardo Malheiros ao

seu primeiro romance, «Floresta em Bremerhaven».

Depois de dois trabalhos em que abordou sucessivamente o dilema da juventude portuguesa pós-25 de Abril e a Revolução de 74 do ponto de vista histórico e sociológico, Olga Gonçalves

apresenta «Caixa Inglesa» que, segundo a editora, é «a voz da ficção, mais baixo, ou mais alto, adequada a uma experiência poética: de novo, ponto de chegada no seu itinerário, mas encontro, fascínio do abstracto e do real».

É sempre preciso uma «professora»...



JOAN COLLINS
EM

Malandrises Caseiras
“Home Sweet Home”

UM GRANDE ÊXITO NOS
ESTADOS UNIDOS

SHELL KEPLER · LEE PURCELL
CARRIE SNODGRESS
REALIZAÇÃO DE JAMES BESHEARS

AMANHÃ ESTREIA À MATINÉE

MUNDIAL FILMÉS

MAIORES DE 16 ANOS



DISTRIBUIDORES REUNIDOS

Juventude em férias!
Um fabuloso mergulho de música!
Alegria! Amor!...

UM
CAMPEÃO
DE
BILHETEIRA
NA
EUROPA



a febre louca
dos anos 60

(SAPORE DI MARE)

com JERRY CALÀ · MARINA SUMA · CHRISTIAN DE SICA
VIRNA LISI · Realização de CARLO VANZINA

TECHNICOLOR

ESTREIA AMANHÃ

VOX

PARA MAIORES DE 12 ANOS

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

ATÉ DIA 30

HOJE ÀS 21.15

“LONGA VIAGEM
PARA
A NOITE”

EUGENE O'NEILL : prémio PULITZER 1956
prémio NOBEL 1936

encenação de Jacinto Ramos

Distribuição
(por ordem de entrada em cena)

ROGÉRIO PAULO	TYRONE
LYGIA TELLES	MARY
MÁRIO PEREIRA	JIMMY
CARLOS DANIEL	EDMUND
LUZ FRANCO	CATLEEN

ESPECTÁCULO NÃO ACONSELHÁVEL A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª FEIRA

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Base de apoio, funil e outras coisas

«O País está em crise. A crise real e a crise que o Governo apregoa para a inoperância, como desculpa para os desastros que não conseguiram evitar, como justificação para prosseguir cega e obstinadamente uma política que se traduz numa desenfreada penalização fiscal, em restrições de toda a ordem que castigam a população, paralisam a economia e põem em risco a paz já algo precária da sociedade portuguesa.»

A minha vontade era entrar num jogo e perguntar, leitor, quem é o autor deste libelo acusatório. Podia ser interessante o jogo. Mas sem grande honra para mim, o vencedor — dada a certeza a cem por cento da vitória. Não tenho concorrente, como se costumava dizer no futebol.

Não puxem pela cabeça. Aqui vai: o seu autor é o sr. Alves Barata, presidente da Confederação do Comércio Português, até agora considerada, pelo Governo, como «parceiro social».

Ainda antes de ontem tivemos ocasião de assistir a idêntico momento de agressividade por parte da CIP, igualmente parceiro privilegiado do Governo. Pelo que a um português, telespectador, medianamente dotado, é lícito interrogar-se onde está a base social de apoio da actual Administração. E também se, perante desapoios tão veementes vindos de todos os quadrantes da sociedade portu-

guesa, é lícito a uma Administração fazer ouvidos de mercador e continuar a agir como se tudo corresse na mais perfeita normalidade...

Ora, como foi possível ao sr. Alves Barata dizer o que disse? Tal só foi possível com recurso ao Tempo de Antena que a lei lhe concede. Porque o Telejornal, esse, todo o seu tempo é pouco para dar a palavra aos ministros, secres e subs. Através, inclusive, daquilo que vulgarmente se chama a Lei do Funil.

Só um exemplo: o Sindicato dos Professores de Lisboa, através de uma conferência de imprensa, fez uma cerrada acusação ao Governo no que respeita à organização do ensino. Números concretos: há neste momento mais de 11 000 alunos que não tiveram uma única aula!

Que faz o Telejornal? Vai saber o que pensa disso o Governo, com a diferença de que a representante do Governo tem direito ao seu nome, e a representante do sindicato não.

Não se condena que se contraste a informação. Mas quando o Governo informa — o Telejornal não vai ouvir a outra parte envolvida. Só nos faltava esta de possuímos, não uma televisão, mas um funil electrónico.

Exemplo só mais outro: a CGTP aponta, como um dos maiores flagelos da nossa época, o facto de 117 000 trabalhadores

não receberem salários. Telejornal foi logo ouvir Amândio de Azevedo que, no entanto, se escusou de responder «por não achar oportuno»...

Mas falar com Amândio de Azevedo e ir depois ouvir o comentário da CGTP — isso não aconteceu nunca. O funil alarga cada vez mais em cima e fecha cada vez mais em baixo...

O que aí fica escrevi-o num dos intervalos da fita ao serão, na rubrica a que o «novo tipo de mapa» chamou «Cinema Lumiar». Tenho a impressão de que a RTP é a única a chamar-lhe assim. O comum dos televidentes continua, muito simplesmente, a chamar-lhe «Noite de Cinema».

A velha mania de mudar de nome, mantendo inalterável a substância. Por vezes sem qualquer justificação, sem qualquer benefício. Fizemos desaparecer o Girabola e o Golo Rei, títulos que tinham pegado. Voltou, o primeiro, ao tradicional «Domingo Desportivo» (que, antes, Grande Encontro e Girabola, depois, tinham feito esquecer) e o segundo passou a chamar-se «Golo», simplesmente golo, mandando-se à fava a imaginação. Esquecendo-se que palavra de golo-rei, não volta atrás.

Deixem lá. Pode ser que daqui a dez anos o título do «Cinema Lumiar» tenha pegado. Se ainda houver Lumiar. E se ainda houver cinema...

A ideia transporta-nos à questão da guerra e da paz, questão central do nosso tempo. O Telejornal dá-nos dois momentos relativos à época. O primeiro, dá-nos conta de uma árvore de Natal levantada na América, e onde os brinquedos eram substituídos por peças de armamento. Tratava-se da iniciativa de um senador que assim denunciava a carreira belicista do Reagan — mas isto não disse o Telejornal, certamente para não ser desagradável ao «big-boss».

No segundo tema referente à paz e à solidariedade, vimos a gerência da RTP a confraternizar com os veteranos e pioneiros da televisão, agora reformados.

Noutras circunstâncias, não escapariamos certamente ao discurso vibrante do Proença de Carvalho. Não foi tão longe a actual gerência. Chama-se a isto ter «sensibilidade política».

De facto, que palavras bonitas podiam fazer esquecer a dureza da vida quotidiana? Que verborreia esconderia o imposto sujo que faz o Natal do pobre ainda mais pobre? Que palavrinha mansa viria amparar o ataque selvagem?

Já agora espero que o jantar tenha sido oferta da casa. Deixem-me ser ingénuo ao ponto de não aceitar a crueldade de obrigar os reformados a pagar a económica e as fatiadas de carne assada...

Hoje



Na RTP-1 exibe-se mais um episódio da série filmada intitulada «Devlin Connection»

- 15.00 **Expresso dos Animais**
 15.30 **Sessão da Tarde**
 17.25 **100 Grandes Quadros** — «Mulher com Duas Crianças».
 17.35 **Os Grandes Clássicos** — «A Festa das Flores».
 18.00 **Sumário**
 18.10 **Janela Mágica** — «Candy, Candy», «Contos de Natal» e «Pintor Louco».
 19.00 **Teleregiões**
 19.30 **República** — Lousada.
 20.00 **Telejornal**
 20.30 **Direito de Antena** — Confederação dos Agricultores de Portugal, CGTP/IN e Sindicato dos Técnicos de Manutenção e Aeronaves.
 20.50 **Telenovela** — «Pai Herói».
 21.45 **«Devlin Connection»**
 22.35 **Testemunhos** — o Prémio Nobel da Literatura de 1983, William Golding.
 23.15 **Últimas Notícias**



Um aspecto da Coimbra Afonsina

- 19.32 **Desenhos Animados**
 20.00 **Telejornal**
 20.30 **Passeios em Coimbra** — Coimbra afonsina (1.º programa).
 20.55 **... Da Música** — homenagem a Wagner: «A Valquíria».
 22.30 **Telenovela** — «Gabriela».
 23.05 **Último Jornal**

Amanhã

- 12.00: Meio-Dia; 13.00: Jornal da Tarde; 12.30: Poliedro; 14.00: «A Enfermeira»; 14.45: Expresso dos Animais; 15.15: Mosaico; 17.00: 100 Grandes Quadros; 17.15: Os Grandes Clássicos; 18.00: Sumário; 19.00: Teleregiões; 19.30: Concurso «O Caminho da Glória»; 20.00: Telejornal; 20.30: Direito de Antena — com o Sindicato dos Fogueteiros e da Mestrança e Marinhagem de Máquinas e Marinha Mercante; 20.40: «Pai Herói»; 21.20: Viva a Cultura ao Vivo; 22.05: Aplauso — com «Abba na Suíça»; 23.15: Últimas Notícias.

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...



«Devlin Connection»
(21.45)



Passeios em Coimbra
(20.30)



César manda André entregar a casa da praia pois agora que Carina está morta a casa pertence à sua filha. André perde a paciência e quase o agride. Na delegacia Maria aponta o retrato de Titan como sendo o homem que tentou matar Carina. Hilário diz a César que anda muito angustiado por causa da carta que ele negou endereçada a André. Walkiria e Gustavo participam à família dela que se vão casar e Januária retira-se da sala muito nervosa. Rafael lê o jornal a Bruno no qual se diz que a polícia está procurando Titan o homem que matou Carina a mando de André.

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

OCARINA ARTESANATO

Peças de Júlia Ramalho, Mistério, Ana Baraça;
 Bonecos de Estremoz e Ribolhos;
 Barros do Redondo
 Brinquedos de folha e madeira
 Mantas de Reguengos de Monsaraz

Aberto das 12 às 24 horas

Travessa do Poço da Cidade, 40
(ao Bairro Alto)

chamavam-lhe... GÊNIO



Nunca o
Far-West
foi tão
devassado
por...

TERENCE HILL

MIU MIU · PATRICK MCGOOHAN

Realização de DAMIANO DAMIANI Produção de SÉRGIO LEONE

HOJE ÀS 14.15 ESTREIA ROXY

CASA TESTA

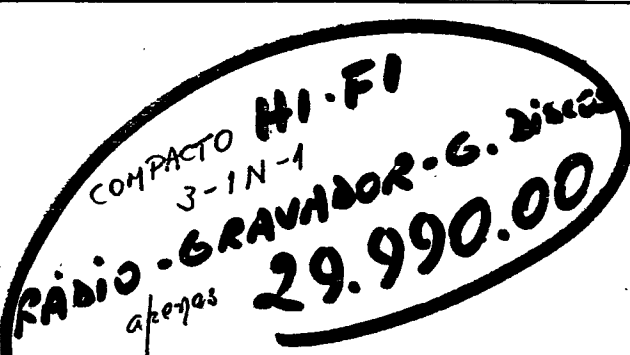
RUA DO ARSENAL, 78 — TELEFONE 321892

LOTARIAS

TOTOBOLA

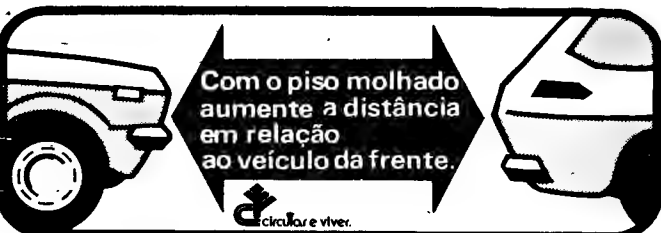
Cumprimenta e deseja a todos os seus clientes e amigos,

UM FELIZ NATAL



2761631

BEPALIZ
R. Capitão Leiteiro, 47a ALMADA





rótulo cultural

Teatro

O Grupo de Teatro de Campolide, oferece aos filhos dos trabalhadores com salários em atraso do concelho de Almada 4 espectáculos, que se realizam no dia de Natal (25.12.83), na sala da Academia Almadense. A peça «1383zinho» será apresentada no seguinte horário: 10.30, 11.30, 15 e 16 horas.

A peça «Longa Viagem para a Noite» em prossecução da digressão que está a efectuar pelo País, em colaboração com diversas câmaras municipais, retomou o palco principal do Teatro Nacional de D. Maria II, para que o público de Lisboa possa ver, ou rever, nesta quadra natalícia, esta peça onde o grande dramaturgo Eugénio O'Neill não se poupa à mais autêntica confissão da sua vida, realizando uma obra que três anos depois da sua morte ainda lhe vai grangear mais um Prémio Pulitzer. Interpretada por Rogério Paulo, Lígia Teles, Mário Pereira, Carlos Daniel e Luz Franco, foi encenada por Jacinto Ramos, com cenários e figurinos de Paulo Guilherme e música de César Batalha. No início do próximo ano esta peça seguirá de novo viagem para a província, apresentando-se em Sines no próximo dia 4 de Janeiro.

Rádio

A Radiodifusão Portuguesa planeou e programou, para este ano, uma emissão especial de Natal que, para além da sua duração, entre as 9 e as 23.30, do dia 24, vai transformar a «Antena 1», numa espécie de lareira gigante, à

volta da qual vão sentar-se, em amigável convívio, portugueses de todos os quadrantes do Mundo.

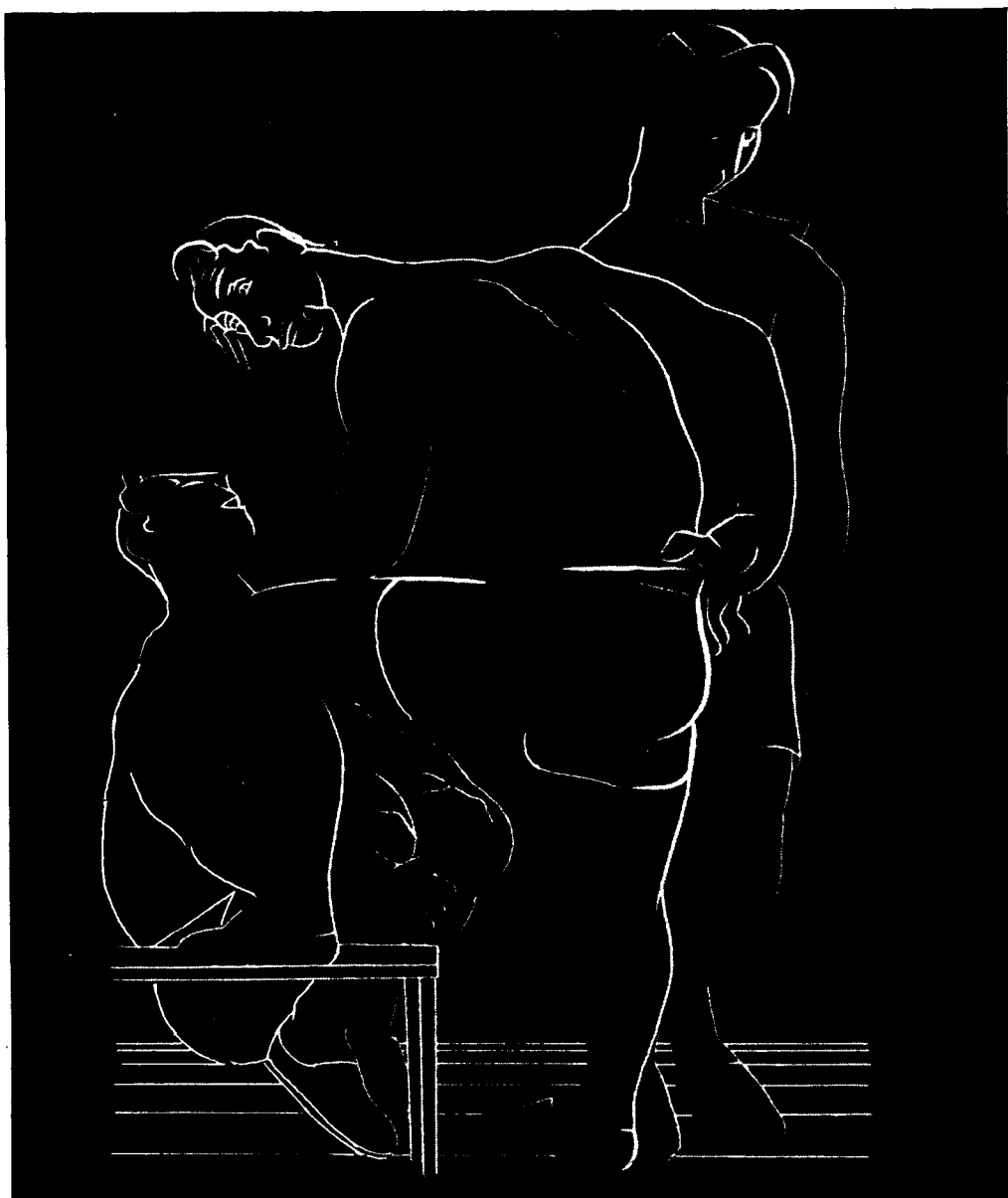
Para o efeito, foi constituída uma equipa de coordenação, composta por Mário Feio e Virgílio Proença, que contará com os núcleos de realização do canal da «Antena 1» de Lisboa, Elvas, Porto, Rádio Douro e Bragança, Coimbra, Faro, RDP/Açores e RDP/Madeira, isto a nível interno porque, para o complexo serviço de exteriores, foi mobilizado todo o pessoal disponível que através de carros dotados de rádio-telefone fornecerão as mais variadas informações e em ligação telefónica trarão até nós mensagens directas de emigrantes de todo o Mundo.

Música

Hoje, amanhã e depois, no Rock Rendez-Vous, teremos Landum a solo. O ex-vocalista dos TNT, que já foram ao ar, prossegue sozinho a sua carreira no rock.

Exposições

Inaugurou-se no Porto a Galeria Interforma com 55 gravuras de uma das melhores colecções particulares de gravura, colecção pertencente ao Grupo Alvarez. São obras de Picasso, Braque, Chagal, Miró, Max Ernst, Poliakoff, Hartung, Vieira da Silva, Arpad Szenes, Lansky, Chirico, Tapiés, Jacques Villon, Almada Negreiros, D'Assumpção, Areal, Nikas Skapinakis, Eduardo Luís, Hogan, Jorge Martins, Artur Bula, Resende, Pómar, Escada, etc. A Galeria Interforma, situada na foz do Douro, Avenida Brasil, 660, propõe-se um programa de in-



Desenho de Almada Negreiros, em exposição no Porto na Galeria Interforma

terferência no meio artístico português.

Giga expõe pintura/escultura na Casa do Alentejo até ao próximo dia 26. O jovem artista é natural de Borba e após uma fase quase exclusivamente consagrada à pintura, enveredou pela pesquisa de novas formas de expressão. De uma delas, a escultura, dá agora conta pela primeira vez.

Resultantes de três cursos de gravura orientados por David d'Almeida, que funcionaram no atelier experimental da Quadrum, está patente naquela galeria uma exposição didáctica de gravura. Paralelamente, estão também expostas gravuras de frequentadores do referido atelier: Ana Galvão, Dutra da Costa, Cristina Bilbas, Eduardo Beloso, Roxo Salvador, Isabel Benard da Costa, Jeremias Rocha, Jorge Conceição Ferreira, José de Almeida, José Bandeira, Júlio José, Emília de Castro, Helena Matta, Maria João B. da Costa, Maria João Almeida, Maria José Mateus e Mário Florindo.

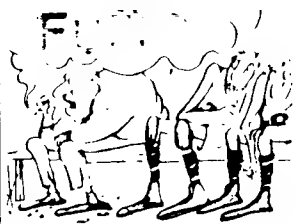
Na Galeria de S. Francisco está patente, até ao último dia do ano, uma exposição de obras em permanência dos seguintes autores: Álvaro Perdigão, Cargaleiro, Celestino Alves, Figueiredo Sobral, Gil Teixeira Lopes, Hilário Teixeira Lopes, João Ayres, Luís Dourdil, Marília Viegas, Maria Lucília Moita, Matilde Marçal e Tomás Mateus (originais em pintura e desenho), e ainda gravuras de Cargaleiro, Carlos Mascarenhas, Escada, José Guimarães, Gil Teixeira Lopes, Lourdes Leite, Maluda, Mário Cesariny, Matilde Marçal, Tom, Tomás Mateus e Vieira da Silva.

EDITAL

ALFREDO DA COSTA LEAL JÚNIOR, Vice-Cônsul, Encarregado do Consulado Geral do Brasil, em Lisboa, faz saber que a cidadã brasileira RUTH ASTRID ROUTH, filha de Aage Kierulf Abrahamsen e de Christina Veile Abrahamsen pretende casar. Se alguém souber de algum impedimento oponha-o na forma da Lei na Chancelaria do Consulado Geral do Brasil, em Lisboa, à Praça de Luís de Camões, n.º 22-1.º-esq.º.

Lisboa, em 14 de Dezembro de 1983.

EM RECINTOS
FECHADOS
NÃO FUME



rádio

Antena Um

16.00: Batida de limão; 17.00: ZGHIBZ; 18.30: Informativo de trânsito - a cada profissão... a sua prevenção; 19.00: Informação e música; 20.00: Folhetim - o espaço é seu; 21.00: A viver também se aprende; 21.30: Viva a noite - Antena Um no Casino Estoril; 23.30: Último jornal. Noticiários intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00, e 22.00 horas.

Programa 2

15.30: Que quer ouvir?; 17.00: Tratos e retratos; 17.40: Árias de óperas; 18.05: Cultuando; 19.30: Cantatas; 20.10: Concerto n.º 1, em ré menor, op. 15, de Brahms; 21.00: Suites; 22.00: Instrumentistas a solo; 23.00: Ciclo Wagner; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matiné; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Musical; 20.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca (3 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00-24.ª hora: 01.00: O passageiro da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Cinco estrelas; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto; 00.00: Dois pontos. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do tempo; 19.00: Programa da LAR; 19.50: Bola branca (2.ª edição); 20.00: Horizonte; 21.00: Hora de música; 22.00: Ouvir e pensar; 23.00: Última hora; 23.55: Meditando. Noticiários intercalares a todas as horas.

Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes seis; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Pentagrama.

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 914

HORIZONTAIS:

- Artigo indefinido. Esposa.
- Bálsamo (pl). Recua.
- Item. Dar aviso de alguma coisa em voz alta. Amónio (s.q.).
- Centiare. Bigorna de aço sem hastes. Nome de fruto.
- Silaba acentuada. Apelido. Chiste.
- Metas em aspas.
- Elevadas. Comer à ceia.
- Amuletos. Película cinematográfica.
- Estava. Debulham cereais.
- Divulgação (fig.). Cuzco de iodo.
- Sorte. Nome de flores.

VERTICAIS:

- Exclusivas. Mal parecida.
- Assassinar. Oásis.
- Aparência. Temperava com sal.
- Abomina. Ósmio (s.q.).
- Cidade da Arábia. Utensílios domésticos. Medida japonesa igual a dois decilitros.
- Empregasses. Miriara.
- Carta de jogar. Nota musical.
- Existe. Pestana.
- Era cristã. Exemplo. (pl).
- Saiu frequentemente à rua. Querida.
- Afiaremos.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9766

HORIZONTAIS:

- Líquido colorido para escrever. Remediar.
- Amoriscas. Cais.
- Esteiro. Batráquio. Maneira (fig.).
- Item. Feminino de primo. Rum.
- Mala grande. Permanecer.
- Mau. Undécimo mês do calendário árabe.
- Querida.
- Crisol. Ofício.
- Amariçara. Prefixo que designa ar.
- Chuvisco. Zomba. es de Cristo.
- Pegas. Osso do braço.

VERTICAIS:

- Moeda de prata espanhola. Safa.
- Tomar por modelo. Magnetes naturais.
- Hora canónica correspondente às quinze horas. Ganhar.
- Pronome pessoal. Progenitor. Anéis.
- Bnsa. Cidade de Itália. Em partes iguais.
- Apelido. Oceano.
- Delicada. Sapo do Amazonas.
- Prata (s.q.). Vasilha com asas. Prefixo de negação.
- Em as. Mitra de três coroas que o Papa usa em certas cerimónias.
- Aromatizar. Conjunto de todas as rodas de um relógio.
- Mover os remos. Ficoprivado de uma coisa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 913

HORIZONTAIS:

- ONDE NÃO. HÁ.
- Carona. Piar.
- Ad. Laos.
- Rabi. Acama.
- Abada. Rias.
- Habanos.
- Mar. Cs.
- Ocarina. Avô.
- Rodaremos.
- Tramarias. Ut.
- Soror Fie.

VERTICAIS:

- Ocara. MORTE.
- Nadab. Açor.
- Dr. Barradas.
- Eolida. Ramo.
- Na Abeirar.
- NAO. Nero.
- Sa Amar.
- Op. Croa Os.
- Irais. As.
- HA. Má. CV. Ui.
- Arras. SORTE.

Proverbo Onde não há morte, não há má sorte.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9765

HORIZONTAIS:

- Acaba. Salas.
- Capim. Aleta.
- Ates. Área.
- Mel. Soa. Rei.
- Amago. Ra.
- Re. Sacos.
- Fiaras. Cas.
- Aiara. Maio.
- Tomar. Terra.
- Aso. Oro. Aer.
- Sé, sal. Sa.

VERTICAIS:

- Acamar. Atar.
- Catem. Fios.
- Apelariamos.
- Bis. Geara.
- Am. Só. Raro.
- Ao. Sa. Rs.
- Sararas. Toa.
- Ale. Ac. Me.
- Lear. Ocara.
- At. Saires.
- Salir Soara.

CREDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco Fundado em 1864
BANCO CENTENÁRIO
UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	99\$75	105\$75	
ALEMANHA FED (marco)	47\$40	48\$50	
AÚSTRIA (xelim)	6\$65	6\$85	
BÉLGICA (franco)	2\$157	2\$357	
BRASIL (cruzeiro)	\$060	\$110	
CANADA (dólar - notas de 1 a 2)	105\$05	107\$05	
(notas de 5 a 1000)	105\$55	107\$55	
DINAMARCA (coroa)	13\$05	13\$45	
ESPAÑHA (peseta)	\$790	\$910	
EUA (dólar - notas de 1 a 2)	131\$45	133\$45	
(notas de 5 a 1000)	131\$95	133\$95	
FINLÂNDIA (marka)	22\$30	22\$90	
FRANÇA (franco)	15\$50	16\$20	
HOLANDA (florim)	42\$15	43\$15	
INGLATERRA (libra)	187\$05	191\$05	
IRLÂNDIA (libra)	147\$75	151\$75	
ITALIA (lira)	\$071	\$081	
JAPÃO (iene)	\$531	\$566	
NORUEGA (coroa)	16\$80	17\$30	
SUÉCIA (coroa)	16\$15	16\$75	
SUIÇA (franco)	59\$30	60\$40	
VENEZUELA (bolivar)	7\$95	8\$95	

Observações:

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil



cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 Para Todos
OS 101 DALMATAS
 2.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45
 Às 15.30, 18.30 e 21.30
 - M. 6 a.
O REGRESSO DA 7.ª COMPANHIA

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
 Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
 M. 6 a.
FLASHDANCE
 6.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - M. 4 a.
O SUPER-RATO

CASTIL 530194

Rua Castilho
 Às 15.30, 18.30 e 21.30
 - M. 12 a.
BANZAI, O GRITO DA VITÓRIA
 3.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
 Às 14, 19 e 21.30 - Para Todos
O KRULL
 Às 24
O SANTO EM ACÇÃO

CINE BLOCO 556824

R. Pinheiro Chagas, 10
 Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
OFICIAL E CAVALHEIRO
 Às 24
VIOLAÇÃO DE UMA ADOLESCENTE

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15
 Às 14.15, 16.30 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
FÚRIA EM HONG KONG

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - M. 6 a.
OS MARRETAS CONTRA-ATACAM

2000 2100055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4
 Às 15.30, 18.30 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
O CLÁ DOS GRANDES LUTADORES

EDEN 320768

P. Restauradores, 21
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35
 Às 15.30, 18.30 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
 74.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B
 Às 15.30, 18.30 e 21.30
 - M. 13 a.
O BOM CASAMENTO

HOLLYWOOD Tel. 802859

Centro Comercial Alvalade
SALA 1
 Às 13.45, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30
 e 23.45 - Para Todos
OS MARRETAS CONTRA-ATACAM

SALA 2

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 23.45
 - M. 6 a.
O REGRESSO DE JEDI

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
 Às 15.15, 18.30 e 21.30
 - M. 6 a.
KRULL

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - M. 16 a.
CLASSE

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37
 Às 14.15, 16.30 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
VAMOS A ISTO RAPAZES
 Às 24
AVENTURA EM MARRAKECH

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B
 Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
 - M. 12 a.
OPERAÇÃO THOR
 Às 24
O EXPRESSO AVALANCHE

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92-A
 Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 24
 - M. 12 a.
007, OPERAÇÃO TENTÁCULO
 Às 23.45
007, MISSÃO ULTRA-SECRETA

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
 Às 14, 16.30, 18.30 e 21.30
 - M. 16 a.
CLASS

ODEON 326283/4

R. Condes, 12 a 20
 Às 15.15, 18.15 e 21.30
 - M. 12 a.
BONDIS, AGENTE SECRETO...

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109
 Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
 - M. 6 a.
ESPIÕES POR CONTA PRÓPRIA

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122
 Às 14, 16.30 e 21.30
 - M. 16 a.
ESMERALDAS SANGRENTAS



Uma cena de «Guerra Conjugal» realizado por Joaquim Pedro de Andrade em exibição no Quarteto e Xenon.

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16
SALA 1
 Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
OS VIAJANTES DA NOITE
 Às 23.30 - M. 18 a.
 Rumos do Cinema
RECORDAÇÕES

SALA 2
 Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
 - M. 18 a.
QUERELLE
 Às 23.30 - M. 18 a.
 Rumos do Cinema
UM LANCE NO ESCURO

SALA 3
 Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
O ANO DE TODOS OS PERIGOS
 Às 23.30 - M. 18 a.
 Rumos do Cinema
Os 3 DIAS DE CONDOM

SALA 4
 Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
 - M. 12 a.
O ESTADO DAS COISAS
 Às 23.30 - M. 18 a.
ADEUS MACHO

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N
 Às 15.30, 18.30 e 21.30
 - Para Todos
ESPIÕES POR CONTA PRÓPRIA
 c/ Terence Hill e Bud Spencer

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
CHAMAYAM-LHE GÊNIO

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175
SALA 1
 Às 15.15, 18.30 e 21.30
 - M. 12 a.
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA

SALA 2
 Às 14, 16.30, 19 e 21.45
 - M. 12 a.
OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO TENTÁCULO

SALA 3
 Às 14.30, 18.15 e 21.15 h
 - Maiores 12 anos -
SOPHIE'S CHOICE
 1.ª Semana

TURIM 706666

E. de Benfica, 723-A
 Às 14, 16.45, 19 e 21.30
 - Para Todos
OS 101 DALMATAS

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos. Junto ao n.º 68
 Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 24
 - M. 12 a.
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
 Às 15, 18.15 e 21.30
 - M. 12 a.
A VIDA É UM ROMANCE

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
 Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
 - M. 6 a.
KRULL

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - Para Todos
OS 101 DALMATAS

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
 Às 15, 18.15 e 21.30
 - M. 12 a.
BANZAI, O GRITO DA VITÓRIA
 3.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9
 Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a.
GUERRA CONJUGAL

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.45 (12 anos)
ALFA-2 - «Os Supergénius», às 21.15 (12 anos)
ALFA-3 - «Flashdance», às 21.30 (6 anos)
ROYAL - «A Filha da Selva», às 21.30 (16 anos)
APOLLO 70 - «Os Supergénius», às 21.30 (12 anos)
CITY-CINE - «O Pequeno Lord», às 21.30 (13 anos)
MUNDIAL - «Flashdance», às 21.30 (6 anos)
CINE-ESTÚDIO ACS - «Querido Fantóche», às 21.15 (6 anos)
CAPITÓLIO - «1001 Noites Eróticas», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
OLÍMPIA - «As Devassas de Pigalle», sessões permanentes (18 anos)

Outra banda

ALMADA - «Incrível» - «Titãs Contra Vulcão», às 21.15 (13 anos)
ALMADA - «Academia» - «Opção Final», às 21.15 (13 anos)
TRAFARIA - «Pavilhão Jardim» - «E. T., o Extraterrestre», às 21.15 (6 anos)
ALMADA - «Cine-Estúdio» - «Superman III», às 21.30 (13 anos)
COSTA DE CAPARICA - «Silkline» - «O Fantasma do Estrangulador», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

CASCAIS - «Oxford» - «A Fuga do Caça Soviético», às 21.30 (16 anos)
ALGÉS - «Stadium» - «Rataplán», às 21.15 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS - «Chaplin» - «Os Dias Impuros de um Marinheiro», às 21.15 (18 anos)
OEIRAS - «Oeiras-Cine» - «Os Aventureiros do Fim do Mundo», às 21.15 (13 anos)
PAREDE - «Royal-Cine» - «Inundação», às 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO DO ESTORIL - «Cineclândia» - «O Incrível Hulk», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL - «Casino» - «A Contagem Final», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS - «Impala» - «Alvo Água», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - «Cine-Plaza» - «Oficial e Cavaleiro», às 21.30 (18 anos)
AMADORA - «Lido» - «O Regresso de JEDI», às 21.30 (6 anos)
AMADORA - «Cine-Estúdio» - «Mega-força», às 21.30 (6 anos)
CACÉM - «Cine-Estúdio Flores» - «As Sandálias do Pescador», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS - «Cine-Chaby» - «Serpente Vermelha», às 21.30 (18 anos)
SINTRA - «Carlos Manuel» - «Galáxia», às 21.30 (13 anos)

ERICÉIRA - «Cine-Estúdio» - «Para Além da Aventura do Poseidon», às 21.15 (13 anos)

Porto

TERÇO - «A Grande Destorva», às 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIS - «Os Repetentes em Férias», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO - «O Arrasa Quarteirões», às 21.30 (12 anos)
RAIONE - «Raiva Silenciosa», às 21.30 (18 anos)

RIVOLI - «O Regresso de JEDI», às 21.30 (6 anos)

BATALHA - «Espíões por Conta Própria», às 21.30 (6 anos)

TRINDADE - «Feliz Natal Mr. Lawrence», às 21.30 (12 anos)

CHARLOT - «O Regresso de JEDI», às 21.30 (6 anos)

BEBÉ - «Contos da Loucura Normal», às 21.30 (18 anos)

OLÍMPIA - «Operação Zebra Força», às 21.30 (18 anos)

PASSOS MANUEL - «Os 101 Dalmatas», às 21.30 (6 anos)

SÃO JOÃO - «Oficial e Cavaleiro», às 21.30 (18 anos)

COLISEU - «O Arco e a Flecha», às 21.30 (6 anos)

LUMIERE-A - «Octopussy», às 21.30 (13 anos)

LUMIERE-L - «Oh! Amigos Meus», às 21.45 (12 anos)

PEDRO CEM - «A Vida é um Romance», às 21.30 (12 anos)

FOCO - «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.30 (12 anos)

Lisboa

PERMANENTE

AREIRO - «Garantia», Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B (T. 887300);
GRACA - «Morão, L. da Graca», 63 (T. 880700);
JARDIM DOS ANJOS - «Confiança», Av. Almirante Reis, 46-B (T. 821653);
JARDIM ZOOLOGICO - «Alegria», E. de Benfica, 180-A-B (T. 780511);
LUMIAR - «Douro, Al. das Linhas de Torres», 93-A-B (T. 791131);
PRACA DA ALEGRIA - «Brisas da Praia», 33-34; **PICHELEIRA** - «Marluz, C. da Picheleira», 140-BC e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703);
POÇO DOS NEGROS - «Valentim», R.

teatros

Lisboa

D. MARIA II - «Longa Viagem para a Noite», às 21.15 (12 anos)
TEATRO DA GRACA - «O Rufa na Escada», às 21.45 (13 anos)
MARIA VITÓRIA - «Quem Me Acaba o Resto?», às 20.30 e 22.45 (16 anos)
CASA DA COMÉDIA - «Marlowe», às 22.00 (13 anos)
PRACA DE ESPANHA - «Circo Americano» (6 anos)
MARIA MATOS - «Annie», às 21.00 (6 anos)
VILLARET - «Super Silva», às 21.30 (13 anos)
COLISEU - «O Circo do Natal», às 21.30 (6 anos)
PRACA DE TOIROS DO CAMPO PEQUENO - «Circo Chen», às 21.30 (6 anos)
ABC - «Todos Teseos», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
VARIEDADES - «Um Fantasma Chamado Isabel», às 21.30 (13 anos)

Porto

CAMPO ALEGRE - «Um Cálice de Porto», às 21.45 (13 anos)
TEP - «Escola Académica» - «Quase um Conto de Fadas», às 21.30 (13 anos)

Poço dos Negros, 88-90 (T. 601453);
SALDANHA - «Delva», Av. Duque d'Ávila, 125 (T. 545225); **SANTO AMARO** - «Botânica», R. da Junqueira, 38-40 (T. 638132); **XABREGAS** - «Salter, R. Xabregas», 63-65 (T. 381185); **ALGÉS** - «Miramar», R. Ernesto da Silva, 83 (T. 2112048); **BRANDAO** - «Correia, E. Principal, lote 172 (T. 993148); **ODIVELAS** - «Central de Odivelas», Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 911203).

REFORÇO

AJUDA - «Moura, T. Memória», 55 (T. 630944); **ALVALADE** - «Líbia», Av. da Igreja, 4-B-C (T. 891681); **AVENDAS** - «DUQUE D'ÁVILA: Cosmos», Av. João Crisóstomo, 44-C (T. 40592); **BAIRRO AZUL** - «Bairro Azul», Av. Ressano Garcia, 7-A (T. 571451); **BAIXA** - «Normal de Lisboa», R. da Prata, 220 (T. 321342); **BENFICA** - «SANTA CRUZ: Lavínia», R. Eng. Paulo de Barros, 28-A (T. 708242); **CAMPO D'OURIQUE** - «Línia», R. Ferreira Borges, 30 (T. 660955); **CHELAS** - «Sacramento», R. Adriz Palmira Bastos, lote 42 (T. 384904); **CHILE** - «ALA-MEDA: Nobel, R. Actor Vale», 53 (T. 842152); **CONDE REDONDO** - «SANTA MARTA: Davi, R. Conde Redondo», 68-72 (T. 554342); **PAMPULHA** - «JANELAS VERDES: Lealdade», R. Olival, 226-228 (T. 663441); **BURACA** - «Vaz Martins, R. António Ferro», 6-A (T. 970680); **OLIVAL BASTO** - «Nova, R. Acores, 11-A (T. 910305); **PONTINHA** - «Cruz Corral, E. Santo Elói, 41-A (T. 992453); **PRIOR VELHO** - «Matos, T. Prioras (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA - «Nuno Álvares», Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE** - «Cerveja Afonso, L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254). Até às 22 horas; **LARANJEIRO** - «Baptista Marques, Laranjeiro de Fora. Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA** - «Nigénica», Av. da Repú-

blica, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **SESMBRA** - «Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **BARREIRO** - «Pigarra, Av. do Bocado, 65-A (T. 2074771). Permanente; **AMORA** - «Nobre Guerreiro, R. Dr. G. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas; **SEIXAL** - «Central, E. Nacional, 9, Aldeia de Paio Pires (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO** - «Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008); **MOITA** - «União Moitense», Av. Dr. Teófilo Braga (T. 229025); **ALHOS VEDROS** - «Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020); **ALCOCHETE** - «Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137); **SETUBAL** - «Oliveira, R. da Misericórdia. Permanente; **ALICE**, P. do Quebedo, 6. Até às 22 horas.

Linha de Cascais

TIRES - «Gulmarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABEDICHE** - «Carvalho, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO** - «Ferreira Bastos, R. D. Firmo Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA** - «Luz, Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS** - «Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Até às 22 horas; **OEIRAS** - «Central, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Permanente; **CARCAVELOS** - «Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA** - «Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; **PAREDE** - «Mendes Junqueiro, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL** - «São Pedro, R. 9 de Abril, (T. 2683052). Até às 22 horas; **SASOEROS** - «Amaral Semblano, Quinta das Encostas. Até às 22 horas; **MADORNÁ** - «Madeira, Até às 22 horas; **AMOREIRA** - «Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anj. (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTIJO** - «Lopes, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; **CASCAIS** - «Cordeiro, Av. Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.

Linha de Sintra



Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porto: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGACÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



MARES DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR
4 27 4,2 m 10 13 0,9 m
16 57 4,0 m 22 26 1,0 m
Dia 23
5 13 4,2 m 11 01 0,9 m
17 45 3,9 m 23 14 1,2 m
TEMPERATURAS DO AR
AS 6 HORAS

VIANA DO CASTELO ... 15°
BRAGANÇA ... 9°
VILA REAL ... 10°
PORTO ... 13°
COIMBRA ... 12°
CABO CARVOEIRO ... 16°
PORTALEGRE ... 8°
LISBOA ... 14°
ÉVORA ... 9°
BEJA ... 10°
FARO ... 15°
SAGRES ... 17°
PONTA DELGADA ... 17°
FUNCHAL ... 16°

tempo

PREVISÃO DO TEMPO
PARA AMANHÃ

Regiões do norte: Céu geralmente muito nublado. Vento moderado ou forte de sul. Temperatura elevada. Regiões do centro e sul: Céu geralmente pouco nublado. Vento moderado de sul.

A promessa solene de Soares

Governo não pactuará com práticas delituosas

empossado Alto-Comissário contra a Corrupção

«O Governo a que tenho a honra de presidir não está disposto a pactuar, nem pactuará, com a fraude, com actos de corrupção ou com práticas delituosas, lesivas do património público», afirmou esta manhã, em S. Bento, Mário Soares durante a tomada de posse do Alto-Comissário contra a Corrupção, coronel Costa Brás.

Na tomada de posse, Mário Soares fez questão em sublinhar o facto de o Governo ter feito questão em conferir «a solenidade devida a um acto importante na vida portuguesa».

Para o Primeiro-Ministro, «o Governo tem consciência plena de que existem, desde há anos a esta parte, crescentes rumores de corrupção e tem a determinação política de atacar as causas do mal, ali onde se encontrem, nas suas múltiplas e complexas motivações e, sobretudo, de combater os casos concretos de que haja conhecimento certo, desencadeando os mecanismos de penalização contra aqueles em relação aos quais existem seguros indícios de culpabilidade».

Depois de traçar o perfil de «independência» e «insensação» do Alto-Comissário contra a Corrupção, Mário Soares salientou que o essencial «é que se crie um clima geral de intrasigência contra as práticas desonestas». Para tal, apelou aos cidadãos, «já que todos estamos envolvidos».

Na óptica do Primeiro-Ministro, «é preciso que ninguém se considere à margem de uma questão que é de todos — porque a todos afecta».

De acordo com as palavras pronunciadas pelo Primeiro-Ministro, «não é legítimo a qualquer cidadão responsável refugiar-se na posição fácil e passiva de que é ao Governo que cabe obrigar a serem serios aqueles que não o são e que, para ele (cidadão), pior do que assistir ao proliferar da corrupção é incorrer no incómodo de ter que pessoalmente, a combater ou denunciar».

A última o seu discurso, o Chefe do Governo salientou que a corrupção recuará «quando todos nós, cidadãos, lhe dermos luta intransigente». Referindo-se ao apoio à actuação do Alto-Comis-

sário, Mário Soares indicou que esse apoio se fará «sem falhas» por parte do «Governo, autoridades com competência policial, investigatória e inquiridora».

Defesa do regime

Costa Brás afirmou, em resposta, ter aceite o cargo na medida em que, como cidadão, não podia deixar de se congratular com a intenção objectiva de conduzir a Administração Pública e os seus agentes à plena respeitabilidade, à clareza moral dos seus actos, à transparência dos seus procedimentos; por o encarar como «honroso contributo para a defesa do regime».

Na sua perspectiva, «a viciação sistemática e generalizada das regras normais de relacionamento social, político e económico, a lassidão da ética, o abandono do decoro, conduzindo ao descrédito das instituições e dos seus agentes, põem sempre em risco grave um regime democrático e de liberdade responsável por que lutámos e que queremos continuar a defender».

Costa Brás alertou porém o Governo para o facto de tal missão só poder ser levada a bom porto quando forem completados «os meios humanos e materiais da alta-autoridade bem como, através da experiência, se definirem com mais rigor e detalhe os instrumentos de acção e as regras de relacionamento com instituições, serviços e departamento afins».

O agora empossado alto-comissário apelou igualmente, e tal como já antes o fizera o Primeiro-Ministro, à colaboração dos cidadãos. Segundo as suas palavras, o dever de cooperação na luta contra a corrupção «estende-se à generalidade dos cidadãos, sem a qual não parece possível alcançar os objectivos desejados».

Para Costa Brás, o carácter da actuação da alta-autoridade será «essencialmente dissuasor e preventivo, e voltado para o futuro que desejamos melhor». Uma actuação virada sobretudo para a «moralização e transparência da Administração Pública, colocada inequivocamente ao serviço dos cidadãos».

Portugal no primeiro semestre

Só o défice comercial é que melhorou

O Banco de Portugal informou que a dívida externa total, no fim do primeiro semestre deste ano, atingia 14,2 mil milhões de dólares (1665,3 milhões de contos), sendo 29,2 por cento a curto prazo. Isto significa um crescimento de apenas 4,2 por cento relativamente ao fim de 1982, devendo-se estes resultados relativamente satisfatórios no primeiro semestre à melhoria do défice comercial em dólares (33 por cento). Em contrapartida, estagnou o produto e diminuiu o investimento e o emprego, ainda segundo divulgou ontem o Banco de Portugal.

No relatório trimestral referente a Setembro, o Banco Central afirma que as exportações cresceram em dólares 13,5 por cento relativamente a igual período de 1982 e as importações decresceram 13,3 por cento, o que permitiu um défice comercial de 1864 milhões de dólares (2783 milhões no primeiro semestre de 1982).

A evolução favorável do comércio externo foi determinante na queda do défice da balança de transacções correntes de 2203 milhões de dólares, no primeiro semestre de 1982, para 1428 milhões nos seis primeiros meses deste ano.

Este facto permitiu o abrandamento do endividamento externo, sendo particularmente notória no segundo trimestre deste ano a desaceleração da dívida a mais de um ano, onde merece destaque a utilização apenas da primeira metade do empréstimo de 300 milhões de dólares concedido à República em Junho.

O Banco de Portugal informa que face a estes dados a dívida externa total, no fim do primeiro semestre deste ano, atingia 14,2 mil milhões de contos sendo 29,2 por cento a curto prazo.

O relatório do banco afirma que face às dificuldades na obtenção de créditos externos a procura desviou-se para o crédito interno, que continuou limitado pelos «platós» atribuídos aos bancos.

Assim, a taxa de crescimento do crédito total ao sector produtivo, que no final de 1982 era de 7,7 por cento em termos reais,

baixou para uma taxa nula, no fim de Junho deste ano.

Esta contração de crédito e um certo desvio da procura de depósitos bancários para a procura de activos reais e, até a desvalorização de 12 por cento em Junho, para aplicações em moeda estrangeira, contribuíram para uma desaceleração significativa da massa monetária.

O Banco de Portugal considera que o investimento se ressentiu do clima de incertezas, possivelmente agravado pela instabilidade governativa predominante no primeiro semestre deste ano, do custo e disponibilidade do crédito, do aumento dos preços em escudos dos bens importados e ainda das restrições ao investimento público.

De Janeiro a Maio deste ano o índice da produção industrial cresceu 1,8 por cento (4,3 por cento nos mesmos meses de 1982), o que, a par da evolução nos serviços, permitiu compensar a queda da produção agrícola. Este crescimento ligeiro foi possível pela aceleração do consumo público e pelo crescimento das exportações, pois o consumo privado acusou os efeitos «da deterioração do rendimento real disponível».

«Os indicadores disponíveis parecem confirmar a tendência para uma deterioração da situação já detectada no primeiro trimestre» sobre a evolução do emprego no primeiro semestre deste ano.

Esta evolução negativa abrange todos os sectores de actividade à excepção da electricidade, gás e água e do sector público administrativo.

Paralelamente ao aumento do desemprego assiste-se a uma queda do salário real, «provavelmente mais acentuada do que a ocorrida em 1982» e com incidência particular no sector público administrativo, cujos salários nominais aumentaram apenas 17,8 por cento (5,6 pontos percentuais abaixo da taxa de inflação anualizada no primeiro trimestre deste ano).

A taxa de inflação prevista para o conjunto do ano de 1983 é de 25 por cento, segundo o Banco de Portugal.

Gulfe Luanda terminaram negociações em Lisboa

Angola reviu posição sobre a Petrolgal

O governo angolano acaba de rever a sua recente decisão de cancelar a participação da Petrolgal num consórcio internacional que terá a seu cargo a exploração de petróleo na plataforma «bloco 4», a Sul de Cabinda. Conforme o «DL» noticiou no passado dia 10, o Conselho de Ministros de Angola havia tomado aquela medida, em obediência a orientações globais de

congelamento das relações económicas com Portugal, por motivo das facilidades de actuação concedidas pelo governo português aos grupos adversários do MPLA.

A informação a que tivemos acesso aponta para um recuo de Luanda, que terá ficado a dever-se em grande parte, aos bons ofícios de uma empresa petrolífera ligada à Gulbenkian.

Segundo as nossas fontes, a alteração da posição do governo angolano ainda não foi comunicada aos interessados, como aliás não o tinha sido a decisão de cancelar a sua participação no consórcio.

Apesar de não nos ter sido possível confirmar os dados que temos em nosso poder, a evolução do caso Petrolgal teria tido a ver com contactos desenvolvi-

dos por ocasião de um importante encontro entre a Gulpe e o Ministério dos Petróleos angolano que terminou, na segunda-feira, num hotel de Lisboa.

As negociações entre a Gulpe e Angola tinham começado em meados de Agosto na capital portuguesa e tudo indica que durante este fim-de-semana as duas partes terão chegado a acordo.

Pela Gulpe estiveram presentes cinco «executivos» de alto nível, enquanto que o governo de Luanda se fez representar por um director nacional (categoria equiparada a secretário de Estado) e por um outro responsável do Ministério dos Petróleos. Ao que sabemos a continuação da presença da Gulpe Oil em Angola ficou assegurada tendo sido resolvidos os diferendos existentes no campo da exploração do petróleo, da sua compra pelos EUA e das modalidades financeiras de retribuição pelos americanos.

Por outro lado, o «DL» apurou que as represálias decididas pelo governo de Angola (e a que o «Jornal de Angola» ainda há dias se voltou a referir através de declarações de Lopo do Nascimento) estão a ser lentamente implementadas e têm a ver sobretudo com projectos de grande envergadura.

VAMOS MUDAR NA VÉSPERA DE NATAL
RODAGEM DA OFICINA DE CABELEIREIRO



DAS 8 ÀS 14 HORAS
SÉRGIO CHITAS
E
MARGARIDA VICENTE



CONVIDAM AS SENHORAS A VISITAR AS SUAS NOVAS E AMPLAS INSTALAÇÕES. E SE TIVER TEMPO, A NOSSA EQUIPA ARRANJA-LHE O CABELO COMO OFERTA.

RUA TOMÁS RIBEIRO 45-1.º-ESQ. - TEL. 53 53 57 - LISBOA

À SAÍDA DO  DAS PICOAS

“Portugal Hoje”

condenado

Por sentença do Tribunal do Trabalho de Lisboa, a Editora Portugal Hoje, que publicava aquele já extinto matutino, foi condenada a pagar ao jornalista Fernando Santos Almeida a quantia de 315 contos, respeitantes a salários correspondentes aos meses de Julho de 1982 a Abril de 1983, e subsídios de férias e de Natal de 1982 — e ainda os salários e subsídios vencidos e vincendos a partir de

1 de Maio de 1983 e enquanto durar a relação de trabalho entre aquele profissional e a mencionada editora.

Um outro jornalista, Celestino Amaral, contratado a prazo, recebeu já 301 contos.

Outros três jornalistas do «Portugal Hoje» também processaram a editora, aguardando agora a sentença: José Cid dos Santos, Sérgio Soares e Anur Quirós.

QUANDO DO APARECIMENTO DE "ATHENA"

“Há três públicos”
- Pessoa ao “DL” em 1924

Lançar uma revista de arte num meio acanhado como o nosso, onde quase todas as tentativas literárias e artísticas falham por falta de auxílio do público, é, já por si, dingo de admiração, pelo que tem de arrojado — lia-se na edição do «Diário de Lisboa» de 3 de Novembro de 1924. De que revista se tratava? Da revista «Athena», que a Contexto agora nos oferece em edição «fac.similada».



Pessoa segundo Miguel Yeco



«Fernando Pessoa ele-mesmo», por Costa Pinheiro

TRANSCREVEMOS para já, no entanto, a entrevista que Fernando Pessoa, naquela data, concedeu ao «DL».

Assim:

Fernando Pessoa, artista original e interessante que rapidamente se distinguiu dentre a multidão de escritores da sua geração, acaba de lançar, com Ruy Vaz, outro artista de valor, uma nova revista de arte. Quisemos ouvi-lo sobre a sua interessante iniciativa:

— A que veio a «Athena»?
— Dar ao público português, tanto quanto possível, uma revista puramente de arte, isto é, nem de ocasião e início como o «Orfeu», nem quase de pura decoração, como a admirável «Contemporânea».

— Mas em que consiste uma revista «puramente de arte»?

— Há três públicos — um que vê, outro que lê, outro que não há. O primeiro é composto da maioria, o segundo da minoria, o terceiro de indivíduos. O primeiro quer ver, o segundo quer conhecer, o terceiro quer compreender. Uma revista «puramente de arte» é feita para o público que «compreende» a arte, e, ao mesmo tempo, para que os públicos, que a não compreendem, compreendam, um que ela tem que compreender, o outro que ela pode ser compreendido, visto que há quem a compreenda.

— E isso como se faz?

— Fazendo-se. Exclui-se, primeiro, o critério de homogeneidade (escola ou cor-

rente); assim se acentua e se ensina que a arte é essencialmente multiforme, o que é uma das primeiras coisas que tem que aprender muita gente que já o sabe. Nas estampas da primeira «Athena» verá reproduções de obras de um clássico, de um romântico, de um contemporâneo. Na parte literária igual diversidade se busca, como se vê e verá. Depois...

— Depois?

— Exclui-se o critério de fragmentação (amostras e retalhos): não se publicam nem trechos esteticamente compreensíveis só como fragmentários — isto é, incompreensíveis —, nem poucas produções de um autor para cuja compreensão sejam precisas muitas.

Continua na pág. 2

Um humorista genial: Alfredo Bryce - Echenique

As atribuições de um peruano sem exotismo e sem folclore

Um humorista genial: Alfredo Bryce-Echenique
As atribuições de um peruano sem exotismo e sem folclore

Quem tenha lido, há uns anos a esta parte, **Julius** (1), de Alfredo Bryce-Echenique, topou imediatamente com a originalidade deste romancista peruano, muito latino-americano, sem dúvida, mas que parece navegar contra a corrente do fluxo literário do seu continente. Menos por sua vontade, certamente, que por distração. Como o protagonista do seu último romance, Martin Romana, que vai de New York para Paris. Mas ouçamos a voz do narrador:

«A mudança de avião em New York veio novamente complicar as coisas e complicou-as também, sem dúvida, para Angel Saldivar, um encantador colombiano que eu conhecera no aeroporto quando ambos estávamos a preencher a papelada no balcão da Air France. Saldivar regressava a Bogotá depois de ter passado vários anos em Paris, e este facto deu origem a uma longa conversa, recheada de mil conselhos que eu ia ouvindo atentamente

enquanto iam prosseguindo o preenchimento dos impressos; entretanto deve ter-se dado alguma confusão de documentos e bagagens, confusão que descobri depois, quando, por fim, o avião desceu em Paris. Desatei a proferir palavrões, vendo que ninguém entendia o meu espanhol, mas não tive remédio senão conformar-me com o rigor da legislação francesa e compreender que um peruano chamado Martin Romana não pode entrar em território francês com um passaporte colombiano passado em nome de Angel Saldivar.»

O tema e o tom impõem-se logo nas primeiras páginas de **La Vie exagérée de Martin Romana**: este volumoso romance, recheado de um humor explosivo, mais anglo-saxónico que hispânico, é o romance da marginalidade. Tal como Charlot, com quem tem tantos aspectos comuns, Martin Romana faz roçar a sua inocência pelas asperezas de uma humanidade complicada e intolerante que transforma a sua vida de todos os dias num perpétuo **imbroglio** de burlesco e dissabores. Refugiado na cínica solidão do seu **fautel** voltaireano, Romana

conta, para nosso divertimento — que é grande —, nas páginas em branco de um caderno azul oferecido por uma jovem que passava «para que ele o enchesse dela», as suas atribuições de latino-americano diferente dos outros e que tenta desmistificar com irresistível boa disposição a nossa imagem da América Latina.

O patinho mau da ninhada dos latinos

Mas, ao chegar a Paris, Martin Romana não vai alojar-se, como os seus compatriotas, na fraternal desordem de um sótão colectivo. Embora não tenha por antepassados, como o seu criador Bryce-Echenique, um vice-rei e um presidente de república, dispõe de uma mesada paterna bastante generosa. Filho de família, requintado e tímido, bem educado, apesar de «mostrar alguma tendência para patinho mau da ninhada», tem uma casa de banho privativa que vê ser invadida de dia e de noite por uma porção de outros, menos afortunados, que de resto lhe censuram a sorte.



Porque também estão aqui presentes esses latino-americanos pobres e exaltados, estudantes ou exilados, em grupos musicais ou como

hippies dos Andes ou do litoral, com a boina do Che em que brilha uma estrela, unidos numa boémia delirante e patética. Fará Martin como eles e



casará com uma francesa amiga do exotismo e do folclore? Não: casa com Inés, que veio também directamente de Lima e é militante feminista e marxista-leninista. As alterações tempestuosas alternam com as reconciliações numa cama toda arrombada a que ternamente chamam «a comba». O casal Inés-Martin é do mesmo género do casal Leopardo-Pasionaria, «uma coisa extraordinariamente engraçada, a menos, claro está, que venha a ser o contrário».

Em Maio de 1968 dá-se a ruptura. Romana verifica que não nasceu, como os outros, «para ser revolucionário nem simpatizante nem nada dessas coisas». Não acredita nas guerrilhas que em Paris se vão organizando, as mais das vezes, à força de canções. «Eu nunca cantei **El Condor pasa** e sempre evitei, na medida do possível, o folclore sul-americano por causa do abuso demagógico que dele faziam os nossos, que nem sempre evitavam fazer-se passar pelo que não eram, pois uma coisa é certa: não basta cantar muito bem **Los ejes de mi carreta** para ter andado na guerrilha com o Che, para ter sido seu amigo ou para ter sofrido prisões ou perseguições sob uma qualquer feroz ditadura.»

O amor leva, porém, Martin outra vez para o lado das barricadas, no rasto de Sandra, jovem contestatária norte-americana que dorme com

Continua na pág. 2

Um humorista genial: Alfredo Bryce-Echenique

Continuação da pág. 1

todos os latino-americanos que encontra para resgatar as sevícias impostas aos respectivos povos pela sua pátria imperialista. Mas Sandra gosta demasiado de Martin para se lhe entregar tão animalescamente como aos outros parceiros de ocasião. Para a estontear e convencer, Martin inventa uma rocambolesca história de terrorismo em que é ele o protagonista. Mas este novo James Bond bombista atasca-se na embrolhada que imaginou e falha estrondosamente.

A grande vitória de Martin Romana está na sua espantosa veia narrativa. Este narrador parece irmão do seu criador Alfredo Bryce-Echenique, latino-americano irreverente e inclassificável, mas genial. Convida, de resto, com ele e fala dele muitas vezes, da sua solidão de romancista, das suas decepções, dos seus maus-humores. «Há quem pense — afirma — que esse tipo é um humorista, mas a verdade é que ele está sempre furioso e passa o tempo a gritar que está muito ocupado quando, na verdade, está sempre muito preocupado...» Caro Martin Romana! Poderia também confiar-nos os êxitos de Bryce-Echenique... A história, tão terna e tão truculenta, de um mitómano, que ele narra na **Paixão segundo S. Pedro Balbuena** (2). Ou essa bela colecção de contos **Eu sou o rei** (3), que obteve em 1968, em Cuba, o Prémio Casa de Las Américas.



Mas, ao longo das suas mil e uma aventuras de encantador desencantado, de «vítima de uma educação privilegiada», Romana diz-nos o essencial: o imenso talento do seu inventor, um tal Bryce-Echenique.



CLAUDE COUFFON

* La Vie exagérée de Martin Romana, romance, trad. francesa (excelente) de Jean-Marie Saint-Lu. Luneau Ascoit, ed., 418 p., 106 f.

(1) Trad. francesa de Albert Bensoussan, Calmann-Lévy, ed., 1973.

(2) Trad. francesa de Albert Bensoussan e Micheline Maurel Lescure, Flammarion, ed., col. «Barroco», 1980.

(3) Trad. francesa de Catherine Santoul, Luneau Ascoit, ed., 1980.

Desenho de Cagnat.



José Marmelo e Silva

CHANCELADA por uma editorial do Porto, a Limiar, vai aparecer dentro de dias nas livrarias (ou já terá aparecido,

quando esta nota for publicada) um novo título de José Marmelo e Silva: «Desnudez Uivante». Um novo título, um novo romance, ou o primeiro romance do autor, cujos textos, até hoje, se devem talvez classificar como novelas, de preferência, ou narrativas. É uma boa notícia, mas não corresponde totalmente ao que se poderia exigir, do autor e do editor: Porque, quem e além do que se pode e deve esperar dum excelente escritor como José Marmelo e Silva — um livro novo, por exemplo —, é preciso não esquecer que estamos aqui em presença dum escritor raro, e, por estranho ou mesmo absurdo que possa parecer, um escritor praticamente impossível de encontrar, um livro dele, sequer, hoje, nas livrarias. Impunha-se pois a reedição de toda a sua obra. Obra que deve-se saber nem é muito numerosa. Reedição que foi começada aqui há pouco mais de uma dezena de anos mas não chegou a fazer-se inteiramente. Talvez o aparecimento dum romance novo — que justifica desde já a melhor expectativa — suscite o autor e editor de avançar para tal empreendimento, devidamente e de vez.

No reaparecimento de José Marmelo e Silva Antes de ler “Desnudez Uivante”

Oxalá esta sugestão seja desnecessária.

Consta dos manuais e da ficha do autor nos seus livros. José Marmelo e Silva publicou o seu primeiro livro no já distante ano de 1937: «sedução». É deste título o mais recente reaparecimento do autor nas livrarias, com uma reedição, a quarta edição, em 1972, na Ulisseia, e integrada na colecção de obras completas do autor (da qual somente aparecia mais um título, o terceiro, reedição de «O Ser e o Ter», em 1973). De passagem se diga que a reedição inclui um excelente estudo de Arnaldo Saraiva situando o romance ou a novela no seu tempo, como dos mais avançados (arrojado, desde logo, o tema — a homossexualidade feminina). Infelizmente, e que sabemos, Marmelo e Silva nunca viu este nem outro dos seus livros publicado no estrangeiro, salvo talvez alguma peça da colectânea «O Sonho e a Aventura».

Este título é o segundo do autor e o livro apareceu em 1943. Em 1965 houve uma reedição.

«Adolescente» aparece em 1948, e dele fizeram-se, até agora, três edições. A última — já com outro título: «Adolescente Agrilhado» — foi em 1967, e aqui gostaríamos de fazer uma ligeira referência a outros dois títulos da novelística portuguesa contemporânea: «Manhã Submersa», de Vergílio Ferreira, e «Voltar atrás para quê?», de Irene Lisboa.

«Manhã Submersa», de Vergí-

lio Ferreira, foi publicado em 1956. Há, como sabe quem os leu, uma visível identidade entre este livro e o «Adolescente», de José Marmelo e Silva. Identidade, aliás, analogia. Desde logo, pelo comum das referências envolventes e das experiências vividas por um e outro autor: a aldeia, o seminário, a saída do seminário, a formação humanística clássica, etc., etc. De «Manhã Submersa» fez-se um filme, fez-se uma série televisiva. O que surpreende não é que não se tenha feito filme, série televisiva, — nem desse nem de outros textos de Marmelo e Silva, apesar de alguns deles («Anquilose», por exemplo) parecerem um tanto sugestivos nesse sentido. O que surpreende é que um livro como «Manhã Submersa» seja tão conhecido — e não foi preciso o filme para o tornar conhecido, apesar de o filme, e sobretudo a série televisiva, terem alargado muito, por certo, esse conhecimento, — e «Adolescente» não. Mas aqui haverá razões que nos escapam, e nem todas alheias ao autor do livro. Pelo que julgamos saber, Marmelo e Silva não tem feito grande coisa pela promoção da sua obra. Nem teria de fazer, dir-se-á. Mas o contraste com a generalidade dos casos sobressai, inevitavelmente. E isto, é óbvio, nada tem a ver com Vergílio Ferreira — que é um grande escritor e só aqui ocorre porque «Manhã Submersa», dele, tem muito a ver com «Adolescente», aliás, com o mesmo âmbito de

referências em que «Adolescente» se situa.

Outro livro a lembrar é «Voltar atrás para quê?», de Irene Lisboa, um depoimento, chamemos-lhe assim, complementar, em relação aos outros dois. O que há de distintivo neste depoimento é a perspectiva da mulher em que ele se assume — e que nele se assume (a mulher assume, a personagem, e a autora).

«Voltar atrás...» data de 1942, e o livro é talvez ainda menos conhecido do que «Adolescente».

Voltando a este, assinala-se ainda o seu reaparecimento em 1968, com duas novelas (ou narrativas): «O Ser e o Ter» e «Anquilose», num só livro. Este livro desapareceu rapidamente das livrarias. «Anquilose» seria reeditado em 1971, e «O Ser e o Ter» em 1973, — um e outro isoladamente. E um e outro textos, refundidos, como se costuma dizer, reescritos. Nas indicações vem «reedição ampliada». Na realidade, Marmelo e Silva procedeu a dezenas, talvez centenas de correcções, — em pormenores estilísticos, sobretudo, e estes só aparentemente de importância secundária.

Também na última edição de «Sedução», em 1972, Marmelo e Silva procedia e idêntico trabalho de apuramento estilístico. Existe muito o hábito crítico de valorizar os escritores que assim costumam proceder. Não se trata aqui de confrontar Marmelo e Silva com Carlos de Oliveira (tal como não se tratava de confrontá-lo

com V... mas é Carlos plo. M... cede c... como e... Silva e... são mu... em po... dade r... parece... «mex... veram... dir-se-... exemp... breve, ... poucos... por vez... livro e... sair co... o term...

Marm... assim... dos sc... meira... aparec... (contar... apenas... sete p... Sonho... novela... uma d... Baía... «O Ser... vante»... segun... oitava... No pri... da nov... los de... se nos... melhar...

Quando do aparecimento de “ATHENA”

“Há três públicos”

— Pessoa ao DL em 1924

Continuação da pág. 1

E em obediência a este critério que a primeira «Athena» insere nada menos que onze reproduções de quadros do Visconde de Menezes, e nada menos que o primeiro livro, inteiro, das «Odes», de Ricardil Reis. Por fim...

— Por fim?
— Exclui-se o critério de não dar novidade nenhuma. Em igualdade estética, preferimos o autor desconhecido ao conhecido, o obscuro ao que sofreu publicidade, e, de autores conhecidos, os novos aos velhos, aspectos da sua obra. Tomáramos nós poder, em todos os números, aliar à novidade da obra a revelação do artista?

— A separação «tranché», entre a parte literária e a artística, obedece a algum critério especial?

— Obedece a um critério especial, que é o geral. As revistas, para se ler, ou não têm gravuras, ou só as têm que ilustram o texto. As revistas para se ver, têm as gravuras

alheias ao texto e cortando-o, porque não são para se ler. As revistas para se compreender separam rigorosamente os seus elementos, e, portanto, as estampas do texto impresso. Assim se faz na «Athena»: é que ela é uma revista para se compreender, isto é, é a revista que é, e não a revista que não é. Para compreender dividem-se os assuntos, como para vencer se divide o inimigo.

— É então uma revista com orientação?

— Mais: é uma revista com orientadores. E, se quiser isto dito de outro modo, ponhamo-lo do mesmo modo: é uma revista não só com directores, mas também com direcção.

— Bem. E o que julga que será o futuro da «Athena»?

— Não fui consultado para a criação do sistema do universo: não é natural que o seja para aquela parte do futuro dele, que é o futuro desta revista. Ruy Vaz e eu faremos porque ela «mereça»: o resto é com o Destino.



O poeta na interpretação (os três heterónimos) de Lino António Tudela

Poema de adeus

João Manuel Fernandes

Dá-se o vento à chuva no fim do ardor
ama-se o tempo um olhar lento
nos precede na dor que nos persegue
sem que sossegue ou negue um prematuro amor:

assim o adeus o último poente
de seus corações fatigados
que a dor presente
na curva de seus corpos magoados

assim os cisnes morrem se amam
e correm os céus o engano do poente
em seus olhos exilados...

ALGUNS PROBLEMAS DA REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO NA PINTURA

III- O levantamento do espaço em (giotto)

Fernando Guerreiro

com Vergílio Ferreira, atrás), mas é hábito também apontar Carlos de Oliveira como exemplo. Marmelo e Silva não procede de modo diverso. Casos como estes, aliás, de Marmelo e Silva e Carlos de Oliveira, não são muito abundantes na prosa em português, nem na actualidade nem na tradição. A regra parece ser os escritores não «mexeram» mais no que escreveram e publicaram. Fazer isso dir-se-á que é mais próprio, por exemplo, de escritores de obra breve, de apenas uns tantos, poucos, títulos. Eles demoram por vezes dez anos a corrigir um livro e tardam não raro mais em sair com ele corrigido, — se este é o termo mais adequado.

Marmelo e Silva é um caso assim. Mais de 46 anos passados sobre a publicação da primeira edição de «Sedução», ele apareceu onze vezes em livro (contando reedições), publicou apenas cinco títulos (de livros) e sete peças (contando que «O Sonho e a Aventura» são três novelas, e não contando que uma destas, «O Conto de João Balão» vem a tornar-se, depois, «O Ser e o Ter»). «Desnudez Uivante» será pois o seu décimo segundo livro publicado, a sua oitava peça e o seu sexto título. No primeiro plano de referências da novelística portuguesa, Carlos de Oliveira é o único caso que se nos propõe com algumas semelhanças.

Luís de Miranda Rocha

NOS artigos anteriores procuramos tanto, por um lado, situar os diferentes modos como se colocava (e sobretudo se resolvia) a questão da representação da pintura medieval como, por outro, sublinhar, na esteira de Frarcastel, a difícil e — sobretudo a partir de determinado momento — estreita relação entre a nova noção de representação e a questão da perspectiva (cf. E. Panofsky, *A Perspectiva como forma simbólica*, trad. francesa, Ed Minuit) na pintura e no pensamento (cultura) do Renascimento.

Nos dois outros art.^{os} recolhidos ainda sob o mesmo tema, procuraremos sobretudo, a partir da referência feita a determinadas obras, acentuar, do modo como nos for possível, algumas das peripécias e as formas — por vezes conflituosas e contraditórias, singulares e difíceis — como esse traço, inicialmente caracterizado pela sua generalidade, diferentemente percorre e impregna as obras e os seus artifícios.

Fixar-nos-emos principalmente no primeiro momento da instauração do sistema a que no art.^o anterior nos referimos — ou seja, o que coincide com o seu próprio levantamento (do seu arcabóio, plano, estrutura).

Deste modo, embora as suas

cores se tendam a esvaír — e as suas superfícies, quando as vemos, se apercebiam apenas descoloridas e esbatidas —, o autor que em primeiro lugar pensamos é Giotto ± 1266/1337). Nos seus frescos — nomeadamente os do ciclo da Vida (ou Milagres) de S. Francisco de Assis (1).

Em relação à pintura bizantina (em que as figuras se destacavam de um fundo de ouro ou negro, monocromático e unísono) o espaço, aqui torna-se mais solto. No entanto, este espaço ainda não é o espaço racionalizado do Renascimento: com efeito, nele tanto se manifesta ainda o «irrealismo» das proporções como persistem elementos transcendentais (simbólicos) próprios da pintura medieval e do pensamento do Símbolo. Os elementos figurativos individualizados (respeitantes quer a objectos quer a personagens) e a colocação (por planos de maior ou menor proximidade que procuram, de certo modo, «racionalizar» o espaço) dos volumes coexistem e são, em última instância, ainda integrados no espaço transcendental do quadro (2).

Nalgumas pinturas, contudo, é mais evidente esse esforço para a racionalização do espaço (como conjunto). Atente-se, por exemplo, na teatralidade da cena do «episódio» São Francisco homenageado por

um homem do povo. Não há, propriamente, nem fundo nem perspectiva. Ou melhor, o único fundo que nos é dado a ver é o de uma caixa — uma caixa que tanto serve para amplificar o «acto» narrado no primeiro plano do quadro como para, diríamos hoje, aludir a ou encenar teatralmente a sua falta (falha) de significado.

Os personagens, com efeito, distribuem-se simetricamente no primeiro plano da pintura; por detrás deles podem-se ver edifícios, sem volume, cúbicos; a meio da cena, um espaço vazio em que o homem deita o manto, sobre o qual o Santo parece querer caminhar (como Cristo sobre as águas...): o cenário deste «acto» (como procurámos apenas ao de leve sugerir, iconograficamente muito mais complexo do que poderia parecer à primeira vista), deste «acto» que, pela sua ausência (ou pura predisposição para um sentido), ocupa o centro da pintura, é um outro edifício, desta vez um pequeno templo aberto que, mais atrás limita e fecha uma parede inexplicável (parede que violentamente empareda, sutura, a falta de sentido do conjunto). (3).

O cubismo figurativo dos edifícios, juntamente com a claridade das cores (ou a nitidez dos contornos — das aves e dos objectos perdidos), ao mesmo tempo que constitui um índice geométrico (representativo) do novo espaço plástico (4) funciona como um modo de esconjur o simbolismo transcendentalista que ainda sobredetermina o conjunto. (cf. por exemplo, tanto S. Francisco expulsando os demónios de Arezzo como, sobretudo, A deposição da Cruz) (5).

Assim, ao mesmo tempo que há a designação de um hiato (intervalo) e uma articulação do espaço (é preciso mesmo que haja espaços vazios para que se articule o espaço — ou, cito, de outro modo, é no vazio, por meio de índices o mais possível geométricos e pouco marcados do ponto de vista figurativo, que o espaço se articula abstractamente, enquanto teoria, essa vacatura (do espaço e de um sentido) é designada (dada à leitura) por um movimento (pelo movimento sugerido pelo manto que se estende) que a integra já num sistema de articulação e de sentido (6).

É esse mesmo motivo (de ligação) do movimento que podemos encontrar noutra fresco: A apresentação do menino (de Cristo) no Templo, de (Pádua). Movimento agora das mãos, que sobe dos dois lados (direita e esquerda) confluindo no ponto que é o corpo do Menino (e que a cúpula do pequeno monumento e o anjo, suspenso no ar, enfatizam). Esta valorização do valor simbólico da parte superior da pintura é, aliás, um traço típico da iconografia da altura; no entanto, em Giotto, esta tendência é já contrariada pelo mutismo dos rostos, o pormenor dos objectos, a geometria das casas ou o cosmopolitismo (coevo) das roupas (que, no seu conjunto, puxam o sentido metafísico da



Giotto, S. Francisco homenageado por um homem do povo 1296/7 (Assisi)

tela para baixo — pense-se no paralelo de Cristo caminhando sobre as águas e de S. Francisco passando por cima do manto que lhe estendem — e não tanto para o «real» como para essa realidade — outra que é a pintura (7).

Se agora dermos um pequeno salto no tempo repararmos, por exemplo, que em Fra Angelico (1387/1455), do ponto de vista da Representação, essa dicotomia persiste. Só que, aqui, o pintor procura atenuar, apagar o espaço dessa diferença (deixado vago entre as figuras) com o impressionismo da paisagem e do colorido (8) — ou com objectos emblemáticos (roupas, troféus, corpos) e o seu declarado cromatismo. Uma histeria do estilo à superfície, recobre assim, melhor ou pior, os hiatos de um sentido que ou parece saturado (A vida dos santos) ou ferido (p. ex. O último Julgamento).

Mais interessante é, talvez, citar dois outros exemplos deste efeito de sobressaturação figurativa (do fundo), agora na pintura de Filipo Lippi (cerca de 1406/1469).

N'A Adoração dos Magos a cena é invadida pelo anedótico, todo o espaço se vê superlotado; na zona mais clareada, onde sintomaticamente não se encontram a Virgem e a criança (como seria de esperar) mas os animais, poisam dois pavões (traço metacrítico em relação ao próprio delírio do elemento figurativo). Mais ao alto levantam-se, ainda na vertical, as montanhas (do Sentido). Poder-se-ia assim dizer que esta é a difícil ascensão do significado, que nos conduz de uma profusão de elementos (heteróclita e sem transcendência confusa) a uma estreita secura. E, com efeito, é neste mar tumultuoso de elementos e signos (figurativos) que

se vêm afogar, mais abaixo, as figuras «divinas» (9).

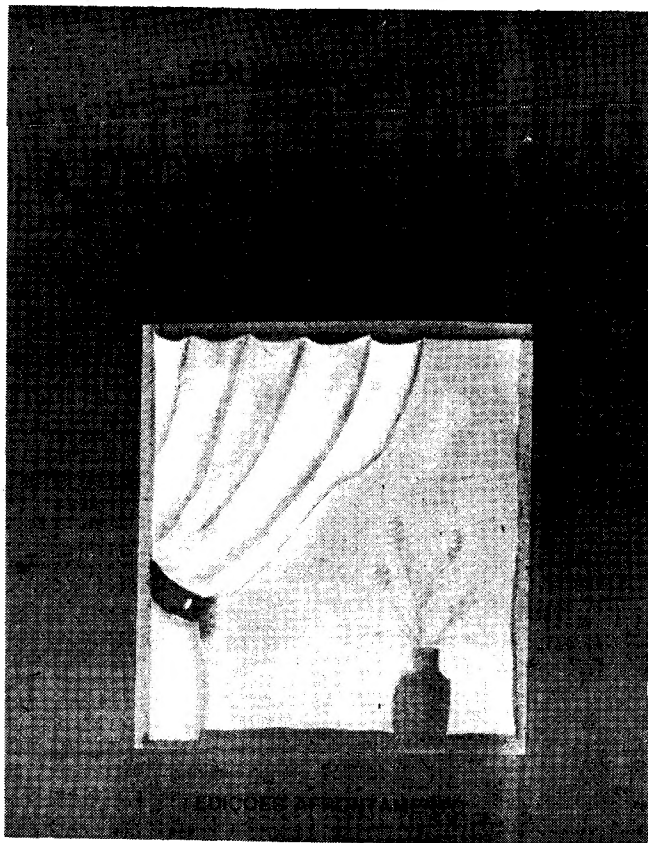
Noutra tela (Após a descida da Cruz), num primeiro plano, de acordo com uma quase metonímia e numa quase horizontalidade (de tonalidades e volumes), estendem-se as figuras que participam na descida da Cruz. Esta mancha uniforme, contudo, devido à sua própria homogeneidade, desliga-se do geométrico árido fundo dos volumes (muralhas e casas) e da paisagem (que se abre atrás). Num terceiro plano, um horizonte que sulcam, rompem magras nuvens. Esta ruptura de estilos cria um espaço insólito de produção de sentido que a «cena» (a deposição mortuária de um significado), no primeiro plano da tela por si só não ocupa. Da falência (do significado) e da sobre-significação (do significativo: em aberto e no vazio) produz-se, na tela, o seu ocaso — um espantoso outro sentido (10).

A des-sacralização (no sentido epifânico de uma transcendência) do campo da representação (da pintura) acompanha, assim, a própria construção (e desconstrução) do seu realismo figurativo: torna-o mais maleável, menos preso à prevalência (unívoca) de um sentido e solta o elemento significativo que, insistentemente, se afirma como o nível específico de produção de sentidos (na pintura).

Tela que consideramos sintomática do carácter deformante (e cénico) excessivo que assume, nas pinturas da época (e logo desse primeiro período), o traje (mundano) das figuras é o retrato que do «cavaleiro Guido Fogliano» executou Simon Martini (± 1280/1341). Se a mundanização do sagrado serve, até certo ponto, para melhor fazer passar o sentido transcendente (e não nos esqueçamos que a leitura alegorizante ainda permite essas des-sincronias figurativas), ela tor-

Continua na pág. 4

Gravura de Tito Seabra Dinis



«A DÉCIMA TERCEIRA ILHA», de Eduarda Chinte (Edições Afrontamento), é, na opinião de Armando Silva Carvalho, um texto que «não permanece um momento parado». (...) «obrigamos a nós, leitores, a um movimento contínuo do olhar, mas muito diverso daquele que se tem quando se assiste, parado, a uma partida de ténis. Porque nele, a bola, esse texto — projectil — não chega nunca a cair no relvado: logo outra bola, outro pássaro, outra fala surge, inesperadamente, de um ponto imprevisível, de um espaço sempre aberto. É esse o maior bem do discurso de Eduarda: avaliar o nosso grau de preguiça perante tanta agilidade onanista (e o que é a escrita senão um irrecusável e solitário acto de sexo sob espelhos de vento?) Mas outro bem ainda ele possui, nada pequeno: o de nos fazer perder o rasto aos jogadores selvagens que, sob a violência das falas que se agridem, acabam por adquirir um rosto disforme nas inumeráveis áreas especulares que, de uma ponta a outra, os percorrem. Eles próprios, a certa altura, já metamorfoseados, são também pedaços de vidro que rasgam a prata onde nós nos

apercebemos num mover de desesperado reconhecimento mas sempre em pura perda nossa. (...)» Significa isto que temos livro para ler. Capa de Manuela Bace-lar.

«A MORTE DOS ANJOS»: nada mais, nada menos, do que um romance policial lançado por «Livros Horizonte», na sua colecção «Horizonte Romance». Autor, Cortez. Pseudónimo...? Não interessa. O leitor que descubra. Começa assim: «Naquele ano não houve Inverno. Em Fevereiro, as raparigas e os rapazes navegavam a altas horas pelas ruas da cidade e só Deus sabe o que se fazia nas casas, nos quartos, nos jardins e em todos os recantos. Amava-se, era isso. O tecido morto rompia-se, dando lugar a mil fios dispersos que nos enlaçavam de novo...» Que apetecê-lo, apetece. E como surgem agora as férias do Natal, talvez a sua compra se converta num agradável entretenimento.

Horizonte romance

Artur Cortez
a morte
dos
anjos



LIVROS HORIZONTE

III - O levantamento do espaço em (giotto)

Continuação da pág. 23

nar-se-á progressivamente uma marca significativa que contesta a pura transcendência do sentido e o procura socialmente reduzir. A presença dos doadores nos retábulos e trípticos dos séculos XIV e XV e a progressiva tendência para a afirmação autónoma de uma pintura da época (auto-retratos, cenas domésticas ou históricas, etc.) constituem dois movimentos que, para lá do primeiro período renascentista, assolarão o primeiro plano das telas e modificarão profundamente a pintura. Esta tela de S. Martini, em certa medida ainda «primitiva», podemos assim lê-la como a própria paródia burguesa da pintura (da iconografia) sacra (ou mística). No seu grotesco, aliás, a inversão dos critérios de valor e ordem na apresentação dos elementos figurativos aponta, desde já, para a própria desconstrução dos cânones que um pouco mais tarde se instituirão como os critérios «definitivos» de toda a pintura. (Veja-se, por exemplo, a predominância do cavalo com o senhor, em primeiro plano, tornando-se diminutos, com um rudimentar efeito de perspectiva — efeito propositado: de ênfase?, arcaísmo? — tanto as trincheiras, no exterior, como o castelo que ao longe, num dos cantos, mal se equilibra...).

Referimo-lo, a propósito da própria noção de Representação: «toda a Representação é uma unidade de estruturas, artificial e frágil, táctica, por condição aberta à sua própria mobilidade e que a exterioridade, antes de a romper de uma forma radical, numa multiplicidade de pontos cinde» (Alguns problemas da representação do espaço — I). Assim, nem é de estranhar a própria complexidade (heterogeneidade) que implica o acto de instauração de um novo espaço (de Representação) — veja-se a multiplicidade de portas que se abrem nas obras de Giotto, S. Martini e F. Lippi —, nem nos deve surpreender que desde muito cedo (para simplificar podemos situar essa primeira data limite com Piero della Francesca) se tornam visíveis as formulações-limite ou os pontos até onde poder-se-ia conduzir (sem se romper) o novo sistema figura-

Um desses pontos-limite encontramo-lo, por exemplo, na forma como é elaborada a representação do espaço (e portanto o sistema da perspectiva) na pintura de Paolo Ucello; o outro, na sua formulação teórica — isto é, numa pintura que se coloca desde logo num plano metacritico do representativo — por Piero della Francesca.

Ucello, pelo excesso do signifi-cante retórico — a redundância dos seus efeitos de movimento e de perspectiva (11) —, desprende, solta o fictivo da sua função tradicional de apoio (cobertura: enquanto o facto de motivação credibilizadora da representação (geométrica) do espaço (e da perspectiva) e abisma-se no fundo sem fim dos puros efeitos de representatividade e de estilo que acabam por sobredeterminar (negativamente) toda e qualquer inscrição iconográfica ou temática na sua pintura (12).

De Piero della Francesca dir-se-ia que, nos seus quadros (frescos), ao fixar as figuras (a representação do fictivo) no espaço figurativo clássico, curto-circuita a passagem do sentido (a sua reversibilidade: entre a ordenação do espaço e a «mise en scène» do elemento figurativo), forjando na brecha dessa descontinuidade (desfazamento, ruptura) a possibilidade de uma nova prática da pintura (metacritica e a-activa: ou seja, aquém da ficção e usando como significantes grandes unidades formais ou de estilo).

NOTAS

(1) Hubert Damisch (Théorie du Nuage, sobretudo pp.124 a 140) refere-se, para lá de todas as «diferenças individuais» (entre os episódios / cenas da Vida) a uma «unidade de estilo» e a uma «vontade de escrita figurativa» (p.135) que obedecem, ao mesmo tempo, «às regras de narração [p. ex., o leitmotiv] da entrada das personagens e do desenvolvimento da acção da esquerda para a direita] conduzidas segundo as vias conectadas entre si da pintura [distribuição, oposição de cores, etc.] e da dramaturgia [gestos, oposição de lugares: posições] — seria, assim, em função destas regras (de maior amplitude, superiores) que as imagens individuais e as suas particularidades (variantes) deveriam ser lidas (p. 134). Neste contexto, H. Damisch refere não só que «a representação giottesca é

[sobretudo] mise en scène» («é em termos mais de espectáculo, se não de direcção de actores, do que de organização segundo a perspectiva do espaço, que deve ser considerado o pretoso realismo [ou expressionismo] da sua pintura») como o papel da figura humana como «instrumento do pensamento figurativo» (pelos seus gestos ela definiria o seu próprio «espaço de representação») — e conclui: «o ciclo de Assis introduz a gestualidade na arte pictural do Ocidente», acrescentando-lhe um «coeficiente de corporalidade e de relevo» («o gesto parece escapar à superfície em que se inserem os símbolos e abrir um espaço novo, ligado aos movimentos e ao jogo dos actores, os quais têm menos por função significar uma história do que instaurar-la pelos meios da pantomima», p.131).

(2) O Renascimento inverte, mais tarde, os termos desta contradição (característica do tempo de Giotto). Num espaço racionalizado (do ponto de vista da perspectiva e do «realismo» figurativo), o símbolo (excedentário) ou o infinito (o horizonte, a cor ou a paisagem) tornar-se-ão eles próprios elementos dissolventes do equilíbrio figurativo.

(3) «falha (falta) do sentido»: quero referir-me ao acto para o qual tudo se predispõe mas que não enquadra a pintura. Acto, assim, ao mesmo tempo indiciado e omissivo.

(4) Cf. Alguns problemas da representação do espaço na pintura. II — O novo sistema de Representação (do Renascimento) na pintura, «Diário de Lisboa, Sup. «Ler/Escrever». A fase a que aqui aludimos, a propósito de Giotto, é a que designamos como a da acumulação dos cubos: assim, os edifícios que surgem nestes frescos de Giotto constituem outros tantos índices figurativos, primeiros efeitos representativos de um espaço ainda não homogêneo (total, dado) que entretanto se institui.

(5) No fragmento S. Francisco expulsando os demónios de Arezzo não deixa de ser interessante verificar que, havendo uma rigorosa divisão (bipartição: simbólica) do espaço (aquele em que se coloca o Santo — exterior, Natureza — e o da cidade, com os seus interiores: — note-se, no entanto, que essa divisão não é simples, deixa um resto já que dela, por assim dizer, cai ainda um índice figurativo — a cratera, que designa um abismo), o resultado da acção do Santo seja duplo — isto é, se inscreva através de um duplo efeito figurativo: por um lado os demónios (o segundo princípio) fogem (ou melhor, são expulsos — e com eles, se quiserem, são também expulsos os demónios da outra pintura), por outro, os edifícios ficam (resistentes,

«puros» — ou seja, enfim limpos, capazes de serem os índices e os suportes de uma nova pintura). Do mesmo modo, nos frescos do Último Julgamento (Pádua), subvertem-se os princípios restritivos tanto do racionalismo emergente como do simbolismo místico, revelando-se o recalco de toda essa pintura. Não será de estranhar, portanto, que os Infernos de Giotto ganhem em horror (físico, moral: sensível) comparados com as visões mais escatológicas (fantasmáticas, míticas) de um Hieronymus Bosch: nas telas de Giotto a transposição do imaginário faz-se, em grande medida, nas próprias formas do recalco (ou do metafísico).

(6) Louis Marin (em Détruire la peinture, ed. Gallée) relaciona com a própria operação de inscrição (e articulação de uma pluralidade de figuras, índices figurativos e de compartimentos do espaço numa totalidade única e integrada) da nova Representação do espaço a «transformação de um contínuo perceptivo, domínio da errância do olhar, numa descontinuidade figurativa, domínio da leitura» — e acrescenta: «Aí reside, para mim, uma condição fundamental da própria possibilidade de [Articulação de] um sentido» (os sublinhados são nossos, p. 56). Compreende-se, deste modo, como a própria divisão ou pluralidade articulada é via de reconstrução a uma unidade e a uma estrutura. No entanto, para que esta operação (artificial) seja eficiente (isto é, ao mesmo tempo possível, verosímil e crível — na sua «naturalidade», puro instrumentalismo ou transferência) é necessário que os seus mecanismos permaneçam invisíveis. «Graças à nova pintura e aos seus princípios — continua L. Marin — passa apenas a haver um só e mesmo mundo [o do real e da pintura] que nos é dado na sua imanência (...). O écran representativo é uma janela pela qual o homem-espectador contempla a cena representada no quadro como se visse a cena real do mundo (...); é a invisibilidade da superfície — suporte [da tela] — o pressuposto ao mesmo tempo técnico, teológico e ideológico da sua transparência — que constitui a própria condição de possibilidade da visibilidade da representação do mundo» (op. cit. pp 60/61).

(7) Um exemplo típico desta tensão do movimento do sentido (para o transcendente e para o mimetismo figurativo) encontramos-lo, também, em A Visão de S. Joaquim. A paisagem e os animais consubstanciam a recusa de Giotto em resolver essa dicotomia (ou dupla postulação contraditória). Constituem, assim, o resto dessa diferença real, ainda que intraduzível. Na Adoração dos Reis Magos, por seu turno, o sentido (para lá da

sincronia dos gestos e dos olhares) transmite-se mais pela cor: tonalidades suaves, com predominância de brancos e azuis sobre um fundo também azul. Estranha é, contudo, a presença, numa das extremidades, de dois camelos (o sentido da tela foge já pelo pome-nor esquisito — branco, creme — que é esse desperdício).

(8) Em a Virgem e o menino de André Solaro (s.XV) a paisagem (como mais tarde em Leonardo) é já a zona preferencial do trabalho (significante) no quadro. É ela que sobredetermina o seu sentido: confirmando-o ou tornando-o, de súbito, evasivo e esquisito. Numa tela de Duccio Buoninsegna (1255/1319) — Anjo anunciando a ressurreição — o Anjo anuncia o sentido que as montanhas, ao fundo, confirmam. Visível nos rostos, o movimento do olhar (e das mãos) das três «santas-mulheres», à esquerda, é de facto de reserva, recuo: as montanhas, por seu turno, irrompem no espaço vago (vazio de sentido — que alguém diz mas que o interlocutor não ouve ou escusa) definido pelos olhares do Anjo e das mulheres (espaço que irrompe primeiro para cima mas, depois, se cava em baixo). Suspenso entre o horizonte — infinito e o abismo — mudo, o sentido, surpreendentemente, é a indecisão em que cai (se fina), na tela, todo o dito.

(9) Com efeito, o excesso de sentido na expressão do misticismo ou o voyeurismo evasivo (e grotesco) constituem já duas vias de transcrição do não-dito na pintura. Assim, em S. Francisco recebendo os estigmas, de Pietro Lorenzetti (s. XIV) temos um Cristo que, como um enorme pássaro (dá-se como que uma metamorfose da cruz em ave de rapina, que ao alto flutua...), voa e, como balas, sobre o Santo dispersa os estigmas. O que faz dele, do «santo-corpo», um verdadeiro monstro... Numa flagelação, do mesmo autor, o «acto» decorre um átrio que funciona como cena (de teatro) enquanto numa arcada, mais acima, dois burgueses observam o que mais em baixo se passa. Mas o quê? Tanto pode ser a flagelação do Corpo como, note-se, o saguim das suas mãos, entretanto, parece ter fugido... Noutra tela ainda — século XIV, escola de Ambrósio Lorenzetti, uma composição tradicional da Virgem e do Menino, rodeados de personagens alegóricas, tem aos seus pés uma bem mais estranha figura: um hermafrodita, envolto pelos seus cabelos, luta com uma cobra, no seu rosto, escudado quase seria diz-lo, feminina... A contrapartida ou-sada, permitida por esta excrecência negativa do sentido, é o selo nu da Virgem que o menino suga: Oh, com a sua voracidade

esgotando (esvaziando) do quadro todo o sentido (leite?) místico...

(10) Do mesmo modo em a Virgem, o menino e St.ª Ana, de Masaccio e Masolino, a massa (a expressão) dos três rostos opõe-se (do ponto de vista da produção dos sentidos) à alegria dos anjos que os envolvem (Este traço, descontinuidade, agudizar-se-á, por exemplo, na pintura de um Caravaggio: vejam-se os seus anjos, bem pouco místicos, emissários, sim, mas de um outro sentido... Cf. Três telas clássicas, «Diário de Lisboa», Sup. «Ler/Escrever», 25-/11/82 — e a referência que nesse art.º é feita, em particular, à tela Descanço durante a fuga para o Egipto).

(11) É conhecida a crítica de Vasari a Ucello nas suas Vitis: «Podia ter sido o pintor mais talentoso e inventivo depois de Giotto (...) se não tivesse perdido tanto tempo com o estudo da perspectiva. Com efeito (...) se nos entregarmos desmesuradamente a este estudo, ele só leva a que com isso se consuma demasiado tempo, a forçar a natureza de cada um e a sobrecarregar o espírito com preocupações que destroem a sua espontaneidade natural e o tomam estéril e tortuoso. Daí resulta (...) um estilo seco, de contornos demasiado pronunciados».

(12) Ucello toca no oco do poço figurativo. Usa a perspectiva como trampolim para voos, saltos mais altos. Toda a sua pintura é, em certa medida, teórica, metalinguística e crítica. O que ele desde logo pintou é a teoria da própria pintura. Prova (antes de tempo?) a sua inverosimilhança (por absurdo). Torna-a, nos seus efeitos, negativa. A partir da sua obra abre-se (teoria e praticamente) a perspectiva de uma outra pintura (Sim, Bracque, Picasso, o Cubismo, mas também e talvez, Duchamp...). Com Leonardo e Piero della Francesca, estes são, talvez, os três mais importantes (decisivos?) pintores deste período. Ao invés de Ucello, della Francesca trabalha os espaços deixados (ou encontrados) vazios no seio da retórica clássica (do Classicismo renascentista): ou seja, os horizontes deixados vagos pela perspectiva, a deliquência da cor (na medida em que apaga a imposição dos símbolos) e a deformação (a-figurativa) das proporções e dos volumes, dos corpos e dos rostos. Leonardo, por seu turno, voltará contra a metafísica do sentido a infinitude aberta, as possibilidades infusas dos fundos das suas paisagens e dos horizontes das suas pinturas — contestará assim a metafísica do sentido com a (meta-) fídica da pintura: confronto de que se soltará a pequena farsa (fuiva) do significante ou da pintura.